

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR. Elyσιο de Carvalho



Desenho de ZINA AIJA

Anno III.

N. 27

Março de 1924

Preço: 1\$000.

A LIGA DAS NAÇÕES

A Liga das Nações, o sonho mais ardente de Wilson, desde que foi rejeitada nos Estados Unidos, perdeu como que o seu maior esteio, e começou a ser vista pelos diversos paizes como um dispendioso e inutil aparelho internacional.

Debalde os estadistas têm procurado desvanecer essa impressão, que perdura de um modo decisivo, sobretudo quando se vê as nações nella mais interessadas retirarem de sua competencia o problema mais grave do momento, que é o das reparações. O presidente Coolidge na sua ultima mensagem a ella se referiu como uma "foreign agency" e os *leaders yankees* a consideram inexistente.

O *The New York Times* intentou ultimamente um inquerito, entre 30 nações, por seus representantes na Liga, para saber da sua utilidade presente e futura, das vantagens da Côrte Permanente de Arbitragem, em beneficio da paz e tambem das alterações que seriam necessarias ao perfeito funcionamento da Liga. Na impossibilidade de reproduzir na integra essas respostas, vamos resumilas, reproduzindo apenas, em entrefios, as palavras do embaixador brasileiro, Sr. Mello Franco. O Visconde de Iskii, representante do Japão e então presidente do Conselho da Liga, declarou que a mesma vai gradual e seguramente progredindo, dependendo a extensão de seu valor do prestigio que lhe derem os Estados associados e aiuntou que em varios casos concretos a Liga já teve ensejo de agir, removendo causas de disputas internacionaes. O Dr. Gilbert Murray, delegado britânico pela Africa do Sul, disse que os varios casos resolvidos pela Liga, o auxilio á Austria, a repatriação de 482.000 prisioneiros de guerra, a defesa internacional contra o opio e outros, justificam a sua existencia, entrando depois em varias considerações sobre os demais questionarios, dizendo que a Côrte de Arbitragem será o arbitro natural das disputas internacionaes, muitas vezes motivadas pela falta de um direito legal para o qual podessem appellar as nações. O delegado francez, Sr. Gabriel Hannotaux, tambem julga que a reabilitação da Austria, sob os auspicios da Liga, constitue

uma forte realisação, bastante para justificá-la. O delegado belga, Sr. Heny A. Rollin, limitou-se a mostrar que existe apenas um mal-entendido entre a Liga e os Estados Unidos, esperando porém que esse paiz, embora não entrando para a Liga, participe da Suprema Côrte. O Sr. B. Hyclmar Branting, da Suecia, acredita que si não fosse a Liga, muito peor seria ainda a situação européa e que a Côrte de Arbitragem pôde eliminar varias causas de conflictos internacionaes. O Sr. Fridtjof Nansen, da Noruega, acha que a instituição dos mandatos é a coisa mais original da Liga e tambem das mais bem-fazejas. Mostra que a Liga tem trabalhado com afinco pela paz e reconstrução da Europa e a restauração da Austria prova do que é capaz. O delegado dinamarquez, Sr. Haruf Zahle, tem que a Liga ainda não possui bastante autoridade para resolver os varios problemas internacionaes, mesmo porque, sendo um principio novo no direito das gentes, luta contra preconceitos historicos e politicos muito enraizados. Mas, uma vez modificada essa psychologia internacional, por uma altitude mental mais propicia, a Liga será de facto, como no sonho dos seus fundadores, um instrumento de justiça entre os povos e de garantia de sua liberdade. Disse o Sr. Nicolas Politis que a Liga se justifica pelos suas actividades humanitaria e economica. Politicamente, lembra a sua actuação no conflicto greco-italiano que, sem ella, bem poderia degenerar num conflicto, como em 1914 tudo decorreu da disputa austro-servia. O Sr. Tcheng Lob, da China, é um defensor convicto da Liga, onde espera ver em breve todos os povos. O delegado austriaco, Sr. Albert Mensdorff-Pouilly-Dietrichsteins, acha que o trabalho da Liga em relação ao seu paiz foi dos mais gloriosos capitulos de sua historia. O Sr. Agustin Edwards, do Chile, depois de mostrar os beneficios da Liga, conclue dizendo que os seus fins são perfeitamente realisaveis. O Sr. Francisco José Urrutia, da Colombia, acredita que só se conseguirá o desarmamento se todas as nações reconhecerem a jurisdicção da Côrte Permanente e della participarem.

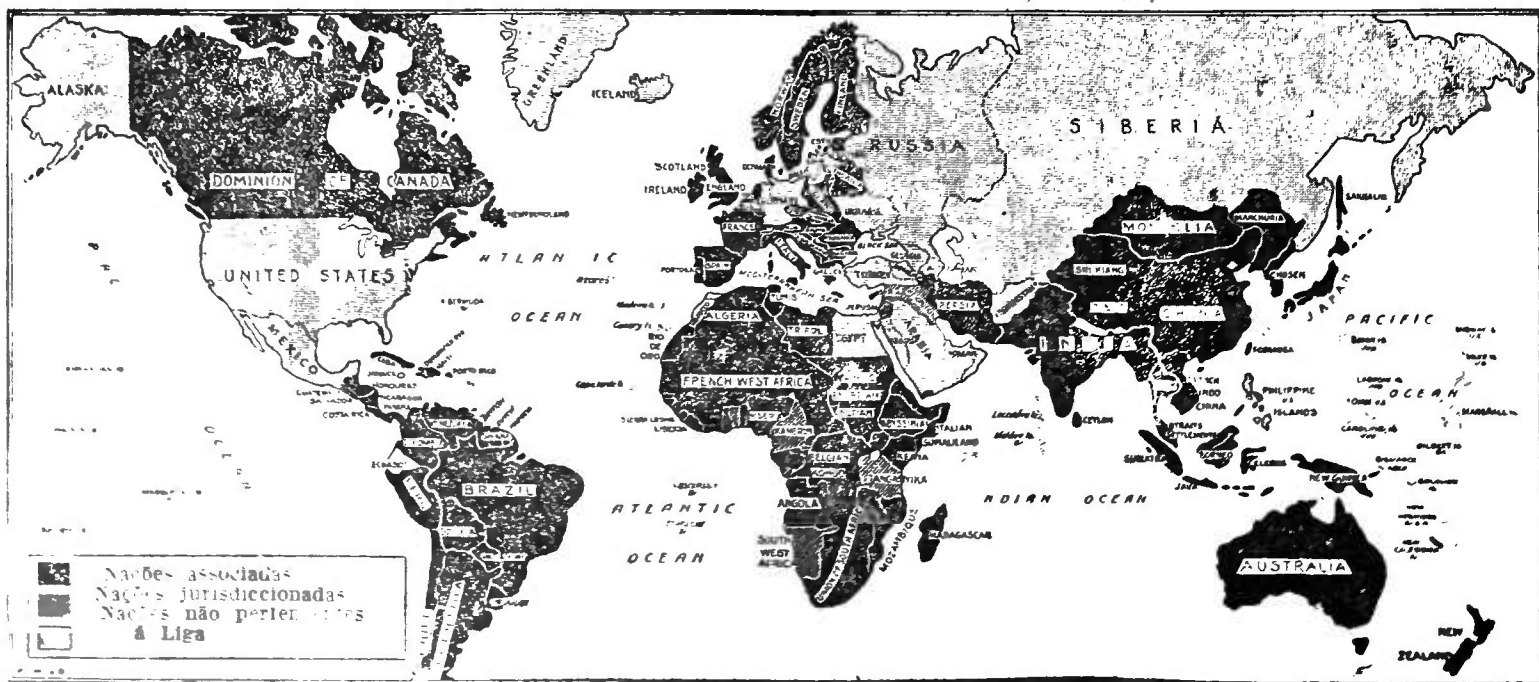
A OPINIAO DO DELEGADO BRASILEIRO

O Sr. Mello Franco, respondendo ao inquerito do *The New-York Times*, de que tratamos nesta pagina, disse: "O principio de igualdade legal entre os estados soberanos está santificado pelos estatutos da Côrte Permanente de Justiça Internacional. E' a pedra angular do direito das gentes. Por esse principio o mundo justifica a existencia dessa Côrte, oriunda do pacto da Liga das Nações. O estabelecimento actual da Côrte é um grande passo dado na evolução do direito e no desenvolvimento da justiça entre os povos. Elegendo juizes para esse grande tribunal, a Liga não deve tomar em consideração a nacionalidade dos candidatos, porque os juizes são investidos em nome do estatuto internacional, que é a criação da Liga e do pacto que lhe deu origem. A assembléa da Liga escolhe os juizes livremente, guiada tão só pelos seus meritos individuaes. Todas as nações participantes tomam parte nas eleições com igual soberania.

AFRANIO MELLO FRANCO.

A Persia e o Canadá querem alterar o artigo X do pacto, para lhe dar uma interpretação liberal. Os representantes dos ouros paizes abundam em considerações identicas.

Esse inquerito aliás é suspeito. Que poderiam dizer os delegados a uma instituição, onde não compareceriam sem estar de accordo com a sua existencia, ou para cumprirem ordens de seus governos? O facto é que a Liga ainda está longe de representar a força com que sonharam os seus fundadores e de tornar a Côrte Permanente um órgão magestoso de justiça entre todas as gentes.



A ARTE E O TEMPO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

Atravessamos na França, como na Europa, um singular periodo de transição, no qual domina a mania illusoria e extranha da originalidade e da novidade. Um preconceito entre todos ingenuo é o que consiste em acreditar no Passado, seja para se referir a elle timidamente, em busca de uma "tradição", seja para despresal-o e amaldiçoal-o.

Espiritos desolados na confusão actual reclamam a volta á tradição, sem poder definil-a: lembram esses novos ricos que exigem um mobiliario "do tempo" sem se importarem de que tempo seja, mobiliario esse, aliás, que é sempre de um tempo — o em que foi feito. Os outros se gabam de nada vêr, nem ler, e desejariam que se incendiassem museus e bibliothecas, para melhor salvaguardar as suas preciosas personalidades. Ora, quando não se tem cultura e rejubila-se por ser autodidacta, acontece que, numa noite de inspiração, se descobre a lua, certo de ter sido o primeiro. Quando se repara de perto na tradição, vê-se que é constituída de uma série de personalidades contradictorias e negadas reciprocamente, até que um dia a critica retrospectiva põe em ordem todos os mestres, que o foram precisamente por terem ousado um passo a mais do que os mestres da vespera.

A obcessão do novo e do original perturba muitos cerebros e transforma talentos apreciaveis em genios falsos. É uma verdadeira phyloxera intellectual. Perderia sem duvida a sua virulencia si comprehendesse que a arte está situada numa região "einsteiniana" onde o tempo e a duração são apenas valores muito relativos. Para precisar melhor, direi que a arte não conhece datas. Todas as coisas bellas estão postas diante dos olhos dos que sabem penetrar a belleza interna, como sobre um plano infinito. Não são antigas nem modernas. São, simplesmente, segundo a palavra de Reats, "eternas elegias" Não pertencem ao passado nem ao presente.

Consideremos uma esculptura egypcia ou grega, gothica ou chineza, uma téla italiana, hespanhola ou franceza. Se se tratar de grandes obras primas, experimentaremos a sensação extranha e poderosa de esquecimento do tempo, observando contudo as referencias proprias ás datas e ás origens. Estas são da historia: mas as obras em si têm vida continuada. O que nellas nos emociona, é o sentimento da sua poderosa solidariedade. Foram criadas ha seculos; vivem comtudo no nosso presente a sua vida perenne e maravilhosa, independentes do presente, porque representam

um elemento espiritual inalteravel. A cada instante exclamamos: "Parece feito hontem", no entanto, revendo coisas do anno passado dir-se-iam já velhas. A marca da obra prima é a sua perpetua juventude. Quando a contemplamos enche-nos a alma o seu tempo, enriquecendo a nossa substancia viva.

Familiarizando-nos com essa visão da "vida continuada" as grandes obras, como o radio que emite indefinidamente sem desperdicio, libertar-nos-emos do maleficio do original e do novo. Porque essas duas idéas ôcas não podem ter sentido algum a não ser em relação ao passado, de distancia crescente

CÉZANNE

É pelas suas qualidades de colorista obstinado que Cézanne se liga aos mestres antigos: Chardin, Vermeer, Veronese, e que nos conduz á verdadeira tradição da pintura. Eis o seu maior merito, em que não é demasiado insistir. Preocupa-se com o tom local, com a verdade geral da côr dos objectos e todo o seu esforço é para combinar esse tom local com as influencias que o querem destruir. A principio, é a luz que impoz a tudo a sua propria côr, depois, do interior principalmente, são os reflexos reciprocos dos objectos que acabam por fundir todos os tons, e disso Cézanne tem um sentimento muito vivo; no exterior, é a côr da atmospheria, esse bello azul da Provença, que toca todos os objectos e modifica tanto mais a sua localidade quanto mais estão afastados da vista. Assim, toda paisagem de Cézanne é uma luta harmoniosa entre os azues de um lado e, do outro, os alaranjados, tendendo aqui ao amarello, lá ao vermelho.

TRISTAN KLINGSOR.

entre as épocas. Se se supprimir, por hypothese, essa ultima idéa, veremos clareada uma verdade de experiencia que é a base logica de todo o estudo das artes. Quer dizer que não ha obras realizadas ou inadequadas; as primeiras são sempre actuaes, mesmo datando de cinco mil annos; e as outras nasceram mortas, ainda que inventadas hontem por innovadores originaes, que as acreditam progressos e achados, quando não passam ellas de caricaturas de um retorno eterno, as contorsões de uma serpente que morde a cauda.

Ha ainda uma outra coisa. Ha a solidariedade mental, consciente ou obscura, que nos liga aos autores das gran-

des obras do falso passado. Está agora em moda falar dos antigos mestres com um desdem brutal. É o caso do passaro sujando o proprio ninho. Não se comprehende por completo uma obra-prima, limitando-se a admiral-a friamente, como coisa passada, historica, defunta. O autor longinquo, que não é mais do que pó, soube comtudo nos prever. Trabalhou para cada um de nós, para o nosso enriquecimento futuro. E nós lhe devemos minutos de vida tão intensa em face da sua obra, que por esse beneficio se funde no nosso presente, e a força da sua criação se completa. Possui-nos a nós, está connosco, dentro de nós mesmos. Diante de um Rembrandt ou de um Watteau, desde os primeiros compassos de uma symphonia de Beethoven, o sentimento de relatividade do tempo nos domina; e a razão critica nos permite ver perfeitamente os caracteres technicos que enquadram a obra no seu tempo, mas a nossa consciencia penetrou em região sem data. A arte realiza o milagre de abolir a distancia e a morte.

Os artistas de genio sempre se guiaram por essa verdade. Os engenheiros calculam a resistencia de uma ponte pelos pesos que deverá supportar. Os grandes artistas, lançando por sobre as idades os arcos ideaes de suas obras, sob os quaes a vida continua a fluir, previram o peso de milhões de almas que as sobrecarregariam, e o fizeram de sorte que essas almas pudessem se unir indefinidamente á propria substancia das suas obras. A idéa do passado nunca existiu para elles, tampouco as de originalidade ou de novidade. Pensaram nisso tanto quanto aquella gente do seculo XII em exclamar, segundo a pillheria bem conhecida: "nós, homens da idade-média!" Tinham o passado como uma successão de presentes. A arte justifica os presentes aos nossos olhos. Não ha para ella senão duas idades: o bom e o máo e não será por isso que os mais violentos innovadores nos dão por vezes uma sensação de velhos timidos, mesmo dizendo-se futuristas?

Nunca olhei uma obra prima sem esse duplo sentimento. Admiro-a e estudo-a, actua sobre o meu espirito, consola-me e eleva-me. Mas tambem penso no ser que a criou e sinto que lhe devo alguma coisa, divida que não se pôde pagar senão pelo coração e pela piedade.

Gamille MAUGLAIK.

KU-KLUX-KLAN

A proposito dessa mysteriosa e fantastica sociedade, que tanto rumor tem feito em torno de sua actividade, transcrevemos o seguinte artigo editorial de *The Coast Artillery Journal*, traduzido pelo Major Mario Barretto, e publicado no "Boletim do Estado Maior do Exército", a que solicitamos a devida venia.

A recente actividade do Ku Klux Klan empolgou pouco a pouco a attenção publica, que no começo julgou um tolerante divertimento as grotescas bufonarias do ritual — as exterioridades das assembleas da Ordem, mas gradativamente cedeu lugar a conjectura da possibilidade de ameaça pelas pretensões desta rapidamente agitada associação de "cavalleiros nocturnos vestidos de mulheres".

O estado a que chegou o Ku Klux Klan atingio a um ponto em que é de esperar que algumas reflexões sobre os designios e feitos da sociedade sejam trazidos a lume em franca discussão na Artilharia de Costa e em outros ramos do serviço militar.

E' sabido que pelo menos um ensaio tem sido feito a fim de formar uma organização local do Ku Klux Klan entre os soldados e os officiaes do serviço regular, ao mesmo tempo que esforços semelhantes tem dispendido o proselytismo dessa associação entre os membros da Guarda Nacional, por meio de ampla publicidade na imprensa.

Consequentemente, não ha que perder tempo para que os membros do serviço militar venham a ser informados dos significativos feitos da organização e da politica do Ku Klux e com circumspecção julguem se esses feitos merecem estimulo ou condemnação e, portanto, qual deverá ser a attitude pessoal de cada official e soldado dos Estados Unidos. Reguladas concisamente, as mais características feições da actividade do Ku Klux são as seguintes:

Primeiro — Como uma organização o Klan proclama-se o defensor de cento por cento de Americanismo, que interpreta desenvolver uma activa opposição á raça e á religião Hebréa, á Igreja Catholica Romana aos seus ramos, á raça negra e aos filhos dos estrangeiros nascidos neste paiz, cidadãos ou não. Certamente, o Klan tambem proclama-se empenhado em apoiar a constituição, os officiaes da lei, a conservação do Systema da Escola Publica e a protecção da castidade feminina.

Segundo — O Klan toma a seu cargo pesquisar junto aos seus membros a conducta privada e moral pessoal de todas as pessoas da Comunidade, manifestando o escolhido o methodo de segredo individual da espionagem daquella associação, exercendo as supraditas pesquisa e inspecção.

Terceiro — O Ku Klux adoptou não sómente o ritual secreto do Klan original, que foi organizado para um fim especial, no Sul, nos primeiros dias da Reconstrucção e voluntariamente dissolvido quando o seu destino foi realizado, mas como accrescimento estabeleceu o seu completo systema de actividade sobre a base da acção em massa, os membros delle occultando a sua identidade e assirando de lado a responsabilidade pessoal, pelo uso de vestes e mascaras adequadas a inspirar o mysterio e o terror.

Quarto — Os acontecimentos dos mezes recentes têm mostrado repetidamente que não sómente é a responsabilidade pessoal abolida pelas organizações locais por meio do seu emprego de mascaras, mas que adicionalmente os mais graduados officiaes do Klan tambem persistentemente annullam o assenso de qualquer responsabilidade, invariavelmente condemnando as actividades publicas das organizações locais do Klan quando estas actividades tornam-se o assumpto da investigação publica ou de desapprovação.

Quinto — Está já verificado, especialmente no Texas e no Oregon, que o Ku Klux Klan age de um modo cohesivo no exame das questões politicas.

Sexto — Em numerosas occasões o Klan assumio o papel de guarda e arbitro de suas bandeiras social e religiosa, conforme as suas demonstrações publicas, de approvação anonyma embora, de certos sacerdotes e officiaes civis.

Sétimo — Por numerosos exemplos de comunidades separadas por grande extensão, tem se tornado evidente que o Klan não hesita em lançar mão do emprego extra-legal da violencia, a qual pôde ser equiparada nada menos do que ao lynchamento e á justiça da plebe

Oitavo — O juramento de fidelidade trechos do qual são citados adiante, prestado perante a Comissão dos Regulamentos, Casa dos Representantes, 67º Congresso, 1ª Sessão, mostra que os membros do Klan prestam uma fidelidade á autoridade do Klan que se sobrepõe ao dever de fidelidade ás autoridades civis constituídas, que revigorará o estado medieval em que a autoridade não é precisamente sujeita á pluralidade de inspecção dos membros da sociedade a qual igualmente exige dos seus membros a possibilidade de tornarem-se cúmplices de algum crime civil, excepto os que acarretem trahição contra os Estados Unidos, rapto e assassinio ignominioso.

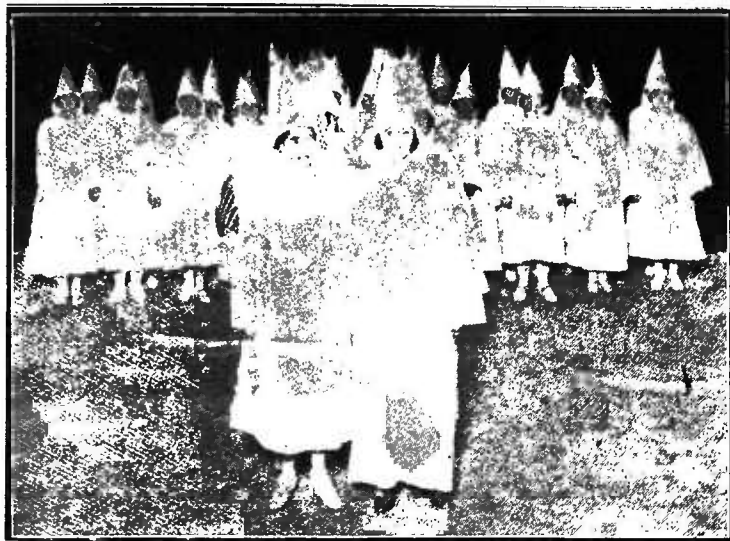
"Secção 3. Obediencia.

Vós direis "Eu" — pronunciae o vosso nome por inteiro e repeti depois de mim o seguinte: — No presença de Deus e dos Homens do modo mais solemne empenho-me, prometto e juro, incondicionalmente, que obedecerei fielmente á constituição e ás leis, e espontaneamente conformar-me-hei com todos os regulamentos, usos e requerimentos do... os quaes existam ou sejam de futuro decretados, e prestarei em qualquer occasião um respeito leal, firme apoio á autoridade imperial do mesmo e sinceramente estarei attento a todos os mandatos, decretos, edictos regras e instrucções do Eu... W... delle.

Eu darei resposta prompta a todas as intimações, desde que eu tenha conhecimento dellas, e não seja impedido pela Providencia."

Secção 4. Obediencia.

Eu juro que guardarei seguramente comigo proprio um segredo dum... quando



Socias femininas auxiliares da Ku-Klux-Klan, aguardando a cerimonia de Iniciação em Dallas, Texas, em 24 de Outubro de 1923.

mesmo fôr confiado a mim no sagrado empenho de... o crime de violar este sagrado juramento, excepto sómente se fôr de trahição contra os Estados Unidos, rapto ou assassinio ignominioso."

Se como eu creio ser o caso, as características feições da politica e dos methodos do Ku Klux têm sido sinceramente louvados, é conveniente aos officiaes e aos soldados examinar a possibilidade de males e injustiças que podem produzir. Uma exame cuidadoso parece revelar que cada uma destas feições contem principios de injustiça clara e tyrannia, as quaes submettem o programma inteiro do Ku Klux a uma condemnação vergonhosa: é, como sempre tem sido, inquestionavel que alguns dos mais activos e leaes officiaes e soldados do Exército dos Estados Unidos bem como dos mais uteis cidadãos dos Estados Unidos são Judeus e Catholicos Romanos. Em lugar de favorecer os interesses do Americanismo, esse movimento para estimular a animosidade contra os Judeus e os Catholicos é mais decisivamente Anti-Americanismo. A essencia do Americanismo jaz na harmonia de todos os elementos da vida Americana, no passo que o inevitavel resultado da propaganda do Ku Klux seria produzir a desunião, a inimidade e o odio.

A asserção do Ku Klux Klan como uma justificação verdadeira, que os catholicos prestam uma elevada fidelidade ao chefe Italiano de sua Igreja, mais do que aos Estados Unidos ou que os Catholicos são unidos para terem influencia em fins politicos, é desprezivel e não os justifica de se valerem dum segredo e irresponsavel conspiração, para com-

bater aquella fórmula de actividade, a qual o Klan persevera imputar-lhes.

Além disso, a attitude do Ku Klux Klan presuma refrear a vida americana á obediencia ao Christianismo Protestante. Este empenho é, entretanto, opposto ás tradições estabelecidas da America, que outras não poderia ter. Se a guisa de nós resolver abjurar inteiramente o Christianismo estará no seu direito de proceder desse modo, assim como de abraçar o Protestantismo ou o Catholicismo, e quem quer que seja não poderá dizer que elle não possa ser tão sincero e leal cidadão dos Estados Unidos, como qualquer outro.

Do mesmo modo, temos no nosso meio o negro e os nacionaes filhos de estrangeiro.

Enquanto cada um pôde ter muitas qualidades physicas e intellectuaes as quaes são diferentes daquellas a que o Klan escolhe para cultivar, ainda quer queramos ou não, de qualquer fórmula e forçosamente, serão uns e outros factores da vida Americana. O interesse do Americanismo não é impedir-os, aterrorizal-os, humilha-os mas mais propriamente auxiliá-os na comprehensão e na conciliação, para habilital-os á adaptar-se harmonicamente nas comunidades das quaes fazem parte.

Uma organização com os designios collimados pelo Ku Klux Klan deve necessariamente ter um programma de methodo definido por meio do qual alcance os seus fins. Um exame da natureza dos seus propositos revelará o facto de que o Klan tem recorrido ao unico methodo logico pelo qual poderia possivelmente esperar realizar o seu destino. Este methodo é o da acção collectiva pela violencia mascarada, a qual por sua immanente natureza, é intangivel, secreta e irresponsavel.

Após ter pesquisado a conducta de qualquer individuo o Klan processa-o sem o seu conhecimento e necessariamente á sua revelia

e sem conceder-lhe o inalienavel direito Anglo-Saxão de apresentar a sua propria defesa, e, então, secretamente o pune por uma offensa contra um criterio, de cuja verdadeira existencia elle pôde ser de apercibido. Aqui temos entre as luzes do 20º seculo uma retrudescencia da mais abominavel e sectaria tyrannia, uma completa repulsa a todos os nossos antigos direitos de homens livres e de cidadãos, uma sinistra irresponsabilidade e uma totalmente intoleravel usurpação da soberania civil. Não mais seria preciso para condemnar o Klan do que este recurso ao vil e cruel codigo dos ladrões que é bastante para excitar cada official e cada soldado Norte-Americano á eterna hostilidade para com aquella Ordem. Mas isso não é tudo. Cada official e soldado nos Estados Unidos jurou uma indivisivel fidelidade á Constituição dos Estados Unidos, ao Presidente e aos officiaes especificados por lei como seus superiores.

Podemos verdadeira e justamente sentir a desharmonia, a injustiça, a immoralidade e mesmo a venalidade que quotidianamente exhibem personalidades e comunidades do nosso paiz, que amariamos ver o povoado por homens e mulheres puros, nobres e religiosos, mas reconhecemos que não podemos considerar que o Ku Klux Klan melhorará algumas das nossas deploraveis condições e havemos de intentar, verdadeiramente somos a isso forçados, com firmeza, como uma classe coherente, nos oppôr por todos os meios dignos, dentro de nossos recursos, ás pretensões de uma tão horrivel e barbara associação, como o Ku Klux Klan se ha revelado.

O MÁO THEATRO E O BOM PUBLICO

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

O Sr. Antoine solicitado para entrar em negociações com um empresario de espectaculos parisienses, foi forçado a rompel-as logo, porque ao invés de se lhe dar a direcção completa do theatro projectado, queria-se reduzir a sua parte a um nada quasi: um espectáculo por semana. Assim o nome do celebre actor, fundador do *Theatre Libre*, serviria ainda de pavilhão para a pacotilha de "boulevard" dos productores da moda.

São esses os costumes de hoje. Não só os artistas probos ficam afastados de todos os proventos realizados pelos "fabricantes", mas ainda queriam estes lhes tirar a vantagem suprema desse prestigio ideal e platonico, que gosam na opinião, para com elle se enfeitarem. Dessa situação paradoxal, deveriamos nos rejubilarmos, como de uma homenagem prestada ao talento e á honestidade artistica, o antes resentirmo-nos e não ver nisso mais do que um engodo da avidez de certos homens, despojando o pobre da suas ultimas vestes? Deixo-vos a escolha ante essas duas proposições: a primeira vos consolará um pouco, mas temo que a verdadeira seja a ultima. Vivemos numa epoca (quero crer que seja de transição) terrivelmente materialista. Só se respeita "o que dá dinheiro", expressão repugnante, que representa alguma coisa mais repugnante ainda. Não ha limites ás concessões feitas, tendo em vista este pretendido resultado positivo. Aterrorizado diante da idéa de que o publico poderia deixar de comprehender alguma coisa numa peça, o actual director de theatro procura, com uma especie de mysticismo, tudo aquillo em que não resta nenhum traço de lyrismo, de emoção verdadeira, de psychologia, de pensamento, de sensibilidade. "Isso não faz theatro", como diz no seu jargão. O infeliz acredita; e acredita tanto mais quanto não leva em seu theatro senão as mais lamentaveis tolices, as farças as mais baixas, os saynetes os mais lugubrememente convencionaes, e triumpho quando vê o publico correr em massa a essas miserias. E diz — "Vêde bem que tenho razão" Resolve-se, então, a dar no outro anno alguma coisa mais inexistente.

lidade está ali, sentado na obscuridade, para se recolher e fazer uma pequena provisão de ideal. Não tem culpa que se lhe dê falsificada e si, a custa de enganar-o sobre a qualidade da mercadoria, chega a perder todo o discernimento. Fazem-me pensar nesses infelizes habitantes dos bairros pobres, cujos estomagos inteiramente desorganizados pelos alimentos avariados, ficariam doentes se lh'os dessem sãos e frescos. Não teria senão mais raiva desses vendedores de coisas immundas.

Fala-se sempre nos Gregos para nos humilhar, dizendo-nos que os filhos desse paiz privilegiado tinham um gosto innato para comprehender as tragedias de Eschylo e Sophocles. Não posso acreditar num privilegio tão exclusivo permitido pelos deuses a um povo sobre a terra num dado momento da historia. Não somos, nós modernos, tão imbecis. Estou certo de que si os poderes publicos velassem mais attentamente pela qualidade de nossos espectaculos, seriamos igualmente aptos para comprehender as coisas bellas. E mesmo que as não comprehendessemos completamente, bastaria essa impressão massiva e confusa da belleza, para ennobrecer e elevar o espirito. O povo que, em 1914, se lançou sobre as fronteiras para defender a patria com a exaltação que se sabe, parece-me ter provado que é capaz de se elevar ás regiões ideaes do enthusiasmo. E' fazer-lhe uma grande injustiça, acreditar-o depois incapaz de só gosar ninharias e obscenidades.

Não ha razão de se deter essa marcha descendente, porque si, cada anno, se offerece ao publico peças mais vulgares, habituar-se-á e será depois incapaz de imaginar outras. Os directores de theatro se acostumaram demasiadamente a essa concepção extranha de seu papel

social: fazer com que digiram regularmente as pessoas que tenham jantado bem. Como si todos os que se sentam numa cadeira de theatro tivessem vindo de um bom jantar! O contrario é que talvez seja a verdade. Os sybaritas sabem muito bem que não se póde acabar regaladamente um jantar, quando se tem de ir ao theatro. Nunca, nunca mesmo, se termina numa sala de orchestra uma noite começada no "cabaret". Si se deseja realmente (depois dos licores e das palestras ao meio da fumaça dos charutos) estar num logar illuminado e alegre, é ao "music-hall" ou ao circo que se deve ir, porque lá, a qualquer hora que se chegue, ha sempre um espectáculo intelligivel. Raros são os "snobs" que, nesse caso, vão ao theatro encontrar um resto de terceiro acto. Não se deve contar. Em geral, o espectador é um cavalheiro que jantou ás pressas, por falta de tempo — e por essa razão é que se vae ceiar depois do espectáculo. Certamente deseja se distrair das preoccupações do dia, mas para isso lhe basta mudar de atmospheria mental. Pretendo mesmo que, se lhe mostrando sómente comédias, através das quaes a sua vida mediocre lhe pareça mais mediocre ainda, se acabará por mergulhar-o numa especie de tristeza e depressão moral. Para dizer tudo em duas palavras — fica roubado.

Não deveis concluir, por favor, que encaro com desespero o futuro de nosso theatro, depois dessas considerações pessimistas. Muito ao contrario, creio que se trata de uma crise, cuja intensidade maior, attingida uma vez, faz augurar cura rapida. Um bello dia o publico se aperceberá de que se está a zombar delle e como, por outro lado, já se vae fatigando de pagar quarenta francos por um logar de cem "sous", deixará de alimentar com o seu dinheiro as emprezas de tolice e pornographia e se volverá ás coisas bellas e desinteressadas. A historia nos prova que taes voltas não são impossiveis.

FRANCIS DE MIOMANDRE

Fazendo assim, não se apercebe, por um instante sequer, de que está a abusar simplesmente da inferioridade do publico. E' simples a psychologia de um espectador — é sempre a de um menino, qualquer que seja a sua idade ou condição de cultura. Pagou o seu logar e quer a recompensa do seu dinheiro. Quer divertir-se. Maravilhado em face do velário cerrado, espera uma revelação. Quanto a mim acredito que, se se aproveitasse essa boa-vontade miraculosa na qual se encontra nesse instante, e que é comparavel a um "estado de graça", se lhe poderia dar espectaculos magnificos, fazer-lhe comprehender as coisas mais subteis ou mais fortes, coisas que, na vida corrente, seria incapaz de perceber ou admittir. Ademais, isso é que é fundamentalmente o theatro: uma especie de templo, no qual o fiel vem ouvir uma palavra divina, superior ás da vida quotidiana, vem alimentar o seu ser superior. O theatro não póde nunca esquecer que nasceu dos mysterios religiosos e si o esquecer, o espectador não o esquecerá. Mesmo que não tenha nenhuma consciencia desse facto, mesmo acreditando que veiu ali para rir e digerir, engana-se quanto ao seu caso, desvaloriza-se a si mesmo. Na rea-

THEATRO DE DUHAMEL

Estreei no Odeon, em 1911, graças a Anboine, com *La Lumière*; graças ainda a Antoine, no anno seguinte, dei *Dans l'ombre des statues*; e não saberia nunca expressar como conviria a minha gratidão pela grande amizade que me testemunhou esse incomparavel animador, desde o primeiro instante e muitas vezes depois. Em 1913, no "Théâtre des Arts", dirigido por Rouché, representou-se *Le Combat* e, depois da guerra, em 1920, o *Vieux Colombier* deu *Louvre des athlètes*, comédia puramente comica e, ousado dizer, a primeira no genero representada de ha muito tempo, si, por comedia, se entende alguma coisa mais do que uma peça divertida. E' a grande tradição classica que se deve remontar no comico. A escola de Molière é uma boa escola. Sou mesmo partidario de uma volta ás tres unidades, na comedia (dramatica ou não) como na tragedia. Estou, aliás, convencido de que o successo crescente do cinema facilitará essa volta, com a selecção e a simplificação do theatro. Effectivamente, o cinema se applica a uma ordem de phenomenos que não se tentará mais pôr em scena; os phenomenos cujos quadros são o tempo e o espaço. O theatro será levado muito relativamente a só desenvolver os conflictos moraes e, assim alliviado, poderá nos offerecer um novo classicismo. Será ainda uma synthese, a fusão da alma moderna e dos processos de arte que fizeram a gloria do nosso seculo XVII dramatico.

GEORGE DUHAMEL.

(De uma entrevista com L. Lécour).

TEÓFILO BRAGA E A SUA OBRA

ESPECIAL PARA "AMERICA BRASILEIRA"

"C'est de l'architecture, une construction élancée... Elle s'appuie sur de fermes assises, d'où, solidement échafaudée, elle s'élève d'aplomb, dans un stable équilibre, comme un haut observatoire..."

C'est une tour, qui s'érige de plus en plus élégante et svelte et dont le couronnement dresse enfin vers le ciel nos couleurs nationales"

Sully-Prudhomme.

Acaba de falecer Teófilo Braga.

Desde os tempos distantes de Coimbra (1861-8), Teófilo Braga concentrou-se no estudo, criando uma Obra, que teve um intuito reconstrutivo — o resurgimento nacional.

Este pensamento — que bastaria para marcar-lhe a alta personalidade — foi o apoio e o móbil da sua vida.

Após um demorado exame ao território português, ao tipo lusitano, à tradição, à activa classe mosarabe e à resultante destes factores — a nacionalidade portuguesa, o eminente pensador observou-a profundamente no seu génio literário (*Biblioteca das tradições portuguesas* e *História da literatura portuguesa*) e na evolução intelectual (*História da Universidade de Coimbra*)

Com estas Obras, em que trabalhou sessenta anos, serviu desinteressada e levantadamente a Ciência.

À sua actividade estética, onde brilha soberanamente a concepção vigorosa e rasgada da epopéa cíclica da História (*Visão dos tempos*), devemos ainda os quadros e poemas da *Alma portuguesa* ("Viriato", "Frei Gil de Santarem", "Os doze de Inglaterra" e "Gomes Freire") — elaboração artistica das manifestações da psicologia do povo português, em que se pôs ao serviço da revivência pátria, reagindo poderosamente contra a desnacionalização, que tem quebrado todas as resistências e todas as iniciativas.

As esperanças optimistas, que, em Portugal, se conceberam, em 1910, não se realizaram. Mas Teófilo Braga não desanimou, porque trabalhava por um alto ideal.

E' por isso que, não se atentando nisto, fica sem explicação o labor infatigável, que o levava a colocar, dia a dia, pedras superiormente facetadas na cimalha do monumento levantado ao culto da nossa querida, desgraçada e gloriosa Pátria.

Como se vê, a característica capital de Teófilo Braga foi um ardor intelectual apaixonado, que o dominou durante toda a vida.

Muito novo, uma vocação decidida dirigiu para as investigações literárias o seu espirito, que uma forte cultura ia sazoadando.

Uma ardente curiosidade por todos os assuntos sociais explica a variedade, verdadeiramente enciclopédica, dos conhecimentos, que possuiu.

A paixão combativa, a falta de serenidade em varias apreciações literárias como as de Alexandre Herculano, Feliciano de Castilho e Antero de Quental; as interpretações hipotéticas e as hipóteses formuladas com que tentou explicar numerosos problemas da evolução histórica e literária de Portugal — collocaram-no frequentemente, em opposição com as idéas correntes.

Essas criticas alienaram-lhe simpatias e as hipóteses, que apresentou, fo-

ram muito discutidas, tendo, por vezes, por causa delas, polémicas violentas.

As coleras, que a sua pena incisiva suscitou, não de levar tempo a apagar.

Por isso, ele ha de ser apreciado, durante anos, segundo os meios literários e os homens, com critérios muito diversos.

Quando, mais tarde, as paixões se acalmarem e o tempo imprimir às figuras a verdadeira luz e as colocar no verdadeiro plano e Teófilo Braga for estudado na integralidade da sua vida e da sua Obra, só então será formulado o jul-

gamento sintético sobre a sua actividade estética, scientifica e social.

Para quem tiver lido a Obra de Teófilo Braga, o seu nome, quer como critico, quer como literato — quaisquer que sejam os dissentimentos, que nos separarem sobre a essencia das cousas — é dos que tem de ser pronunciados com respeito e sentimento.

Lisbôa, 30 de Janeiro de 1924.

Marques BRAGA

O THEATRO EXPRESSIONISTA NA ALLEMANHA

Yvan Goll, um dos nomes mais em relevo entre os modernos francezes, deu à *Comédia* de Paris uma entrevista interessantissima sobre o movimento expressionista na Allemanha, especialmente no theatro, que vamos resumir para fornecer aos leitores uma synthese dessas tendencias do espirito germanico hodierno. Começa mostrando a difficuldade de definir o expressionismo, que reflecte na Allemanha o estado de espirito desse paiz na época perturbadora da guerra e da revolução. Diz que é inexacta a comparação entre o expressionismo allemão e o cubismo francez, pois enquanto este é

pelló á bondade dos homens, á piedade do destino — eis os principaes temas do expressionismo. Querem esses artistas melhorar o mundo e se revoltam contra o mal mais proximo, que foi a guerra. São anti-militaristas e pacifistas. No theatro o thema predilecto é a libertação do homem e mais de meia duzia de peças se intitulam *paixão*. Todo o theatro do communista bavaro Ernest Toller, preso ha cinco annos, exprime essa revolta e essa suprema esperanza no advento de uma ordem melhor. Antes d'elle, Wolter Hasenclever, em 1913, escrevia a primeira peça expressionista *O Filho*, cujo motivo é a revolta dos filhos contra os paes. Durante a guerra, Reinhard Golving fez representar *Seeschlacht*, uma série de scenas entre nove marinheiros num navio de guerra, dos quaes o sexto, o mais intelligente, fomenta uma revolução. Em outra ordem de idéas, a forma dos expressionistas está completamente modificada. Não ha actos, apenas uma série de scenas com um ponto culminante. Resultam como vantagens uma maior liberdade e uma sensível approximação do cinema, pela juxtaposição de varios e diferentes meios. O drama do homem moderno é assim materializado com maior facilidade. O homem que mais contribuiu para o rejuvenescimento do theatro contemporaneo — não diz somente allemão — foi Georg Kaiser, um innovador completo, sendo para o Norte, o que Pirandello é para os paizes latinos. Ambos, sem se conhecerem, attingiram a um fim identico — fazer o *theatro intensivo*. Têm achados muito semelhantes, não recuam diante de nenhuma novidade scenica, tiram os seus assumptos, tanto da historia quanto da vida moderna. O seu grande esforço é o movimento dramático, explorando em toda a plenitude a emoção tragica. Kaiser escreveu mais de vinte peças, pretendendo Lugne-Poe levar em breve em Paris uma dellas, aliás das rrenos originaes. Yvan Goll cita *Gaz*, que é o drama entre o homem e a technica que inventou. *Da manhã á meia-noite* é uma realisação perfeita do theatro filmico, como diz, e que aborda o problema da philosophia intensa da vida moderna num movimento scenico endiabrado.

Taes são as idéas e as informações de Yvan Goll, na entrevista que concedeu ao Sr Raymond Cogniat, da *Comédia*. Reproduzindo-a o mais fielmente possível, divulgamos juizos e opiniões de um artista da "frente" franceza sobre o movimento artistico que apaixonou e absorve o espirito allemão, ainda tão pouco e mal conhecido entre nós.



YVAN GOLL (Desenho de Derain)

ordenado interiormente, reflectido e sobrio, resultado de um amor quasi ingenuo pelos objectos, aquelle é abstracto, desligado do solo, submettendo-se a ideologismos bizarros. Justifica esse movimento pelo pendor para os extremos do povo allemão, empobrecido intellectual e moralmente, com as perturbações actuaes. E ajunta: é uma arte morbida, doentia, convulsionada, que prophetizou a revolução na Allemanha e hoje está prestes a fallir com ella. Parece-lhe o Expressionismo um homem possesso e impotente, de punhos levantados furiosamente contra o céu. Imprecações, maldições e tambem profecias de um bello futuro, ap-

AS BANDEIRAS

I

A seus amigos e discipulos de São Paulo, que o accusam familiarmente de antipathico ao movimento bandeirante, costuma Capistrano de Abreu responder, com a fina e tolerante bonhomia que lhe sorri dentre a barba hirsuta: ha bandeira e bandeira.

Do grande drama de diferentes ciclos que caracterizam o esforço paulista, elle nega a sua admiração e applauso ás descidas do gentio indefeso, e já catechizado, organisadas e realisadas pela gente de S. Paulo, e com as quaes se iniciam na capitania Vicentina a cultura e criação latifundarias, só possíveis com o braço escravo. Dessas expedições de caça ao selvícola pergunta o illustre mestre: "compensará taes horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?" E' a interrogação para sempre ligada ao estudo e critica do chamado bandeirismo paulista.

Não durára muito o periodo idyllico dos primeiros annos do descobrimento, em que os fidalgos da expedição manuelina acolhiam com "muito prazer e festa" o gentio que lhes vinha ao encontro, e sobre os tupinaquins adormecidos no convéz da sua ná capitanea mandava Pedr'Alvares estender o manto symbolico de soberania e protecção. O indio ainda era o "papel branco", a que se referira Manuel da Nobrega, prompto para nelle se escreverem á vontade "as virtudes mais necessarias". A guerra, a gana de fortuna rapida, e sobretudo a ancia de catechese que procurava prisioneiros para os resgatar e livrar da anthropophagia — trouxeram a escravização do indigena.

No primeiro quartel desse rude seculo XVI a longa costa descoberta pela frota de Cabral e seus continuadores, estivera exposta livremente ás náos portuguezas, hespanholas e francezas, que, procurando refresco em caminho das Indias, ou á cata de páo de tinta, algodão, macacos, papagaios ou escravos, percorriam nosso litoral, deixando, em nucleos incipientes de trafico, degradados, naufragos e desertores. Em 1504 já se assignalam francezes na Bahia.

Depois do arrendamento da nova terra a Fernão de Noronha, o commercio se tornára livre, só exigindo Portugal o pagamento do quinto dos generos levados. Neste regimen, em 1511, a ná "Bretoa" vem de Cabo Frio e ahi carrega mil tóros de brasil, papagaios, gatos do matto e trinta e cinco escravos. Para o sul, antes da chegada da esquadra colonizadora, de Martim Affonso, portuguezes e castelhanos, morando em meio da indiada das futuras donatarias de S. Vicente e Santo Amaro, faziam occasionalmente o trafico de indios escravizados. Nas aguas do pequeno porto de S. Vicente, em 1527, Diogo Garcia, companheiro de Solis, negocia e contrata, na sua lingua travada "una carta de fletamento para que truxesse en España con la ná grande ochocientos (?) esclavos". Fez o negocio o enigmatico Bacharel, associado com os seus genros.

Chegado o donatario, e dadas a "todo los homes terra para fazerem fazendas", iniciou-se o povoamento e colonização da capitania, fundando-se nos arredores da nova povoação os primeiros engenhos de assucar. A escravidao do gentio foi logo tolerada e aceita pelas autoridades da colonia: em 3 de Março de 1533, Martim Affonso, já ausente, concede licença a Pedro de Góes para "mandar para Portugal, nas náos d'El-Rey, dezasete peças de escravos indigenas"

Ao mesmo tempo teve a incipiente colonia de repellar a incursão vinda de Iguape e Cananéa, chefiada pelo hespanhol Ruy de Moschera e seus socios; ao Norte as correrias dos Tamoyos, a que não eram extranhos os francezes do Rio de Janeiro, traziam em continuo sobresalto as bandas da Bertioiga na ilha de S. Vicente e na de Santo Amaro, da donataria de Pero Lopes. Serra acima, nos campos á beira das matas virgens, onde tinham suas roças os mamalucos de Ramalho e os indios amigos de Tibiriçá, a luta contra o gentio insidioso ainda foi mais viva e continua.

A mão de obra indispensavel para amanho das terras e os misteres da criação, e o indio amansado e arregimentado para a defesa dos colonos e suas propriedades, tornavam assim necessaria a escravidao, para a qual os prisioneiros de guerra forneciam o principal contingente. A bandeira surgiu dum conjunto de circunstancias como uma necessidade inelutavel, para amparo e defesa desse duro começo de vida civilizada.

A ILLUSÃO DAS DICTADURAS

A illusão das dictaduras não tardará em desvanecer-se. São apenas admissiveis como testamentos passageiros de sociedades enfermas ou methodos heroicos para os momentos de perigo. O poder pessoal está provado á saciedade. Os povos da America regidos ou subjugados por poderes pessoaes, durante a primeira época de sua independencia, não foram melhor governados do que os europeos, sob os mais corrompidos dos governos parlamantares. A unica dictadura americana estavel e ponderada, como modelo, a de Porfirio Diaz, deixou atraz de si um rastro de anarchia e guerra civil, que não acaba. Não é preciso buscar exemplos nesses povos jovens nos primeiros periodos da sua existencia. Temos na época mais brilhante da Historia de Hespanha. Não ha demonstração mais dramatica de incapacidade de poder pessoal para explicar os multiplos problemas de governo, ainda no tempo em que os serviços publicos eram rudimentares, e a estrutura de Hespanha mais sensivel do que a actual, do que o caso de Philippe II.

E. Gomez de Baquero.

No litoral, logo após o inicio da colonização, já o braço escravo era abundante; em 1548, a carta de Luiz de Góes ao rei de Portugal assignala para a nova capitania mais de 3.000 escravos, numa população branca de 600 almas. No planalto, o indio escravizado, além dos serviços de lavoura — para o qual tinha pouca propensão — contribuiu com o seu arco e a sua flecha para o sustento e a defesa do branco. Colocado á porta do sertão ignoto, que se alongava pelo curso dos rios mysteriosos, o colono teve sem duvida como primeira preocupação o proteger as suas lavouras, pastagens e povoados contra o gentio inimigo que o rodeava. Santo André da Borda do Campo, onde se afazendaram os descendentes de João Ramalho, era um simples amontoado de "cabanas cobertas de folha de palma, feitas de taipa de mão a modo dos indios"—como as descreve Theodoro Sampaio — mas defendiam essas palhocas, muros, baluartes e guaritas. O bem do povo, rezam as actas da camara de Santo André, o exigia por-

que — consideravam no seu bronco falar quinhentista — "tynhamos novas que nobos hyndios vynhão escôtra nós".

Por sua vez, no alto da escarpa abrupta, a "pauperrima e estreitissima casinha" que foi o futuro collegio de São Paulo de Piratininga, certamente lembrava uma tosca cidadella dominando as varzeas e campos da redondeza, inda inchados de bugres suspeitos ou hostis. Dahi, como de um burgo de guerra, se dominava o largo horizonte, donde era sempre possível uma surpresa ou um ataque.

As actas da camara revelam a cada passo os sobresaltos e as preocupações do pequeno nucleo de população branca que se installára em Piratininga. Em Maio de 1562, João Ramalho é eleito pela Camara e povo de S. Paulo para capitão da gente que tem de ir á guerra contra os indios do Parahyba; em Junho desse mesmo anno a villa tem de repellar os ataques de Guayanazes e outras tribus das circumvizinhanças. Em 1565, os camaristas dirigem longa representação a Estacio de Sá, capitão-mór da armada real, destinada ao povoamento do Rio, reclamando em termos energeticos providencias contra os assaltos de Tamoyos e Tupinaquins, que matam e roubam impunemente em todo o territorio da Capitania, "não lhe fazendo a gente desta Capitania mal nenhum". Essa representação ameaça, caso não venham auxilios immediatos, abandonarem os moradores a villa de Piratininga, "para irmos todos caminho das villas do mar". Mais tarde, em 1585, a situação exige a organização de verdadeira campanha, sob o mando do capitão-mór Jeronymo Leitão, loco-tenente do donatario, contra as tribus de Carijós, Tupinaes e outras que infestavam diversas regiões da Capitania. Seguindo-se ás expedições escravizadoras do litoral, foi talvez a primeira guerra de caça ao gentio, requerida e aconselhada pelos camaristas da villa de S. Paulo. "Requeremos — diz uma acta de Abril de 1585 — que sua mercê com a gente desta capitania faça guerra campal aos indios nomeados Carijós, os quaes a tem ha muitos annos merecida por terem morto de quarenta annos a esta parte mais de cento e cincoenta homens brancos, assim portuguezes como hespanhoes, até mesmo padres da Companhia de Jesus..."

Allegavam mais ou paulistas que "é grande a necessidade em que esta terra está, e em muito risco de despovoarse mais do que nunca esteve e se despovoa cada dia por causa dos moradores e povoadores della não terem escravaria do gentio desta terra como tiveram e com que sempre se serviram... que agora no hay morador que tão somente possa fazer roças para se sustentar quanto mais cannaviaes, os quaes deixam todos perder á mingua de escravaria..." Requeriam tambem que os indios prisioneiros não ficassem aldeados "sobre si", porque "estando o dito gentio sobre si nenhum proveito alcançam os moradores desta terra porque para irem a aventurar suas vidas e fazendas e pol-os em liberdade, será melhor não ir lá, e trazendo-os e repartindo-os pelos moradores como dito é será muito serviço de Deus e Sua Magestade..."

Não se fez de rogado o capitão-mór. Durante seis annos o seu pequeno exercito assolou as aldeias do Anhemby, que eram conforme os jesuitas hespanhoes, citados por Basilio de Magalhães, em numero de 300, com mais de 30.000 habitantes...

Estava iniciada e organizada em larga escala a escravisação do indio. Com esse ardimento e afan, que sempre foram caracteristicas da raça, os bandos paulistas se atiraram ás expedições de resgate. Como mais tarde os dominou a vertigem do ouro, assanhava-os então o cheiro do sangue e a febre da caçada humana... Despovoou-se a pequena vil-

piratiniana com as continuas entradas pelo sertão. "Esta villa está despejada pelos moradores serem ido ao sertão" — queixavam-se os camaristas a 1º de Julho de 1623.

As peças aprisionadas, depois de partilhadas pelos sertanistas, deviam ser registradas na camara de S. Paulo. Esta prohibia a remessa de escravos fóra da villa para as povoações da marinha e para a capitania do Rio de Janeiro, visto — reza a acta da Camara de 8 de Abril de 1624 — ser "em prejuizo do serviço de Deus e de Sua Magestade e desfalque das minas"

Nessa faina terrível desbravaram os paulistas os invios territorios do sul; desbarataram as reduções jesuitas do Uruguay, Guairá e Tapes, nas incursões memoráveis de Manoel Preto e Raposo Tavares. Aos mais reconditos confins dessa região levaram o terror e a desolação.

Como sempre na sua historia economica esse excesso de actividade numa só preocupação trouxe para a Capitania a crise inevitavel da super-abundancia: o indio-escravo se desvalorizou, chegou a ser vendido por 4\$000.

E' essa talvez a pagina mais negra da historia das bandeiras. São homens munidos de armas de fogo atacando o selvagem que se defendia com arco e flexa — diz Capristano: é o choque inevitavel da raça forte e conquistadora, exterminando e escravizando o gentio imbelles, disperso e mal armado. Quando este, aparelhado pelos esforços de Montoya, oppoz resistencia com armas de fogo, o bandeirante retirou-se, abandonando o negocio que, além de arriscado, já poucos lucros produzia...

As narrativas desses sombrios episodios conhecidas até hoje, são quasi todas, porém, de fonte suspeita: vieram dos relatorios e informações jesuitas e hespanholas. E' difficil discriminar a paixão da verdade.

As acusações — assim como as calumnias e as injurias — estão resumidas num relatorio dirigido ao Geral da Bahia, de 2 de Outubro de 1629. Referindo-se aos paulistas diz o jesuita: "...Toda su vida dellos, desde que salen de la escuela hasta su vejez, no es sino yr e venir, y traer y vender indios, con que se visten de mangas y medias de seda; beven buen vino, y compran todo lo que les viene gana de tener... Pero (refiriendo-se aos indios) no bastando los engaños les hazen fuerza... hiriendo y matando con mucha crueldad, poniendo á vezes á espada á aldeas enteras de indios, no perdonando grandes ni á pequeños, matando ás veses más gente que no eran los que truxeron cautivos, como si no fuesen sino perros ó caballos, trazendolos en catenas, azotandolos y dandolos de palos y amenazandolos de matar y matando los que se hyessen: dexando solos por aquellos caminos tan esteriles, sin comida, á los que cayren enfermos, apartando los maridos de sus mujeres, hijos de sus padres, etc...". Assim, dizia o governador de Buenos Aires, D. Esteban Dávila, em carta de Outubro de 1637, só de 1628 até 1630 aprisionaram os paulistas e levaram captivos mais de 60.000 indios, pertencentes ás reduções dos governos de Buenos Aires e Paraguay...

Estas expedições, no entanto, vieram constituir um phenomeno dos mais importantes na integração da patria brasileira. O movimento paulista para o sertão occidental — assignala Capistrano — veiu chocar-se com o movimento paraguayo á procura do mar. A acta da Camara de S. Paulo de 2 de Outubro de 1627 já avisava ás autoridades da Metrópole que "os ispanois de Villa Rica e mais povoaçõs vinhão dentro das terras da crõa de Portuguall e cada vez se vinhão apossando mais dellas dizendo todo

ARTISTAS E CABOTINOS

A RONALD DE CARVALHO.

A vaidade e a susceptibilidade de certos "artistas" são tão notorias quanto irritantes. Entre aquelles cujo amor proprio é mais sensível sobresaem os que se exhibem em publico — os cantores, os dançarinos, os actores, os virtuosos — isto é, exactamente aquelles nas manifestações dos quaes a Arte, a verdadeira Arte, menos figura.

Sem contestar a habilidade desses "exhibicionistas", eu acho que, em certas grandes capitaes, muito se exageram os seus meritos. E' um caracteristico das civilizações em decadencia e das incultas cobrir de applausos, de flôres e de ouro os pugilistas e outros "cabotinos", porque aquellas perderam o criterio do senso artistico e estas ainda não o adquiriram.

A Arte immorttal e creadora, — a que passa á posteridade nas paginas de um romance, nos coloridos e nas linhas de um quadro, nos arrebatadores enlevos de uma composição musical, na concepção, na elegancia ou na grandeza architectonica de um monumento, nas fórmias estudadas ou idealizadas de um marmore ou de um bronze, nos versos cantantes de um poema em que a idéa, a harmonia, o metro e a rima soffreram todas as torturas para nelles se conterem e penetrarem-se — nada pode ter de commum com as "gambadas", os deslocamentos, os cantares, as tocatas, os recitativos e as declamações que provam apenas muito habito na pratica desses exercicios mais ou menos agradaveis, divertidos, prestigiosos, seductores, ou, no maximo, um certo sentimento, por parte de quem os executa.

Entre reconhecer-lhes qualidades incontestaveis de encanto, de habilidade e de intelligencia a uma actriz — muito embora se chame ella Duse ou Sarah Bernhardt — a um virtuose — tenha elle o nome de Paradowski ou de Kubelik — a uma dançarina — quer seja o seu appellido Mata-Hari ou Isadora Duncan — e dar-lhe o logar excessivo que se lhes dá, vai uma tão grande injustiça que constitue quasi um ultrage lançado aos genios de d'Annunzio e de Rostand, de Wagner e de Saint-Saens, de Carlos Gomes e de Guerra Junqueiro, graças a cujas excepções creações pretendidos artistas poderam demonstrar apenas notaveis talentos ou, no melhor dos casos, fino dilettantismo.

o gentio que está nesta coroa para seus repartimentos e servisos".

Não só a gana escravocrata animava essas levas de aventureiros. Além da ambição do lucro movia-os sem duvida o velho odio ao hespanhol. E'ahi felizmente as expedições de morte e extermínio vieram corrigir a linha divisoria de Tordesillas e fazer recuar o avanço do dominio castelhano que se insinuava pelos grandes rios do sertão meridional.

Em Janeiro de 1691, bandos paulistas atravessaram o rio Paraguay, e, sob a chefia de Antonio Ferraz de Araujo, de Manuel de Frias e de Gabriel Antunes Maciel, preando indios e avassalando terras para a corõa portugueza, numa maravilhosa arrancada, chegaram a ameaçar Santa Cruz de la Sierra. Vieram-lhes ao encontro tropas hespanholas e mais de 500 indios chiquitos, armados de flechas. Aquartelada a bandeira na redução de S. Francisco Xavier, escreveu o cabo da tropa ao padre superior das missões hespanholas: "Reverendissimo Padre Superior da Nação dos Chiquitos. Aqui chegamos duas bandeiras de portuguezes, soldados nobres e fidalgos;

Não existe nisto o mais leve menoscabo dos meritos desses amaveis pelotiqueiros que tão agradavelmente nos deliciam por momentos. Não. Existe somente um desejo de classificação mais justa e de protesto contra certas incursões irreverentes e irritantes no sacrosanto dominio da Arte e dos artistas, contra certas usurpações a que prestamos leviana cumplicidade, confundindo na mesma admiração o declamador ardente e o auctor da obra que o anima, o sentimento de um interprete intelligente e o genio creador da torturada maravilha que despertou esse sentimento.

"Os cabotinos", que nós, por snobismo ou ignorancia, glorificamos, são, para a verdadeira Arte, o que os mercadores são para o Templo: vivem da sua exploração methodizada. O seu logar não é dentro delle — elles ahi são intrusos — mas a suas portas, nas barracas deslumbrantemente illuminadas que cercam as cathedras do Bello, como os antejoulados saltimbancos que tambem nos divertem, dos seus luminosos estrados, encantando cobras, engolindo espadas, vomitando fogo.

Eu vi extraordinarias e temerarias domadoras penetrarem em jaulas de fogo o evoluir entre as iradas fêras com uma linha, uma harmonia de movimentos e uma elastica elegancia em nada inferiores ás dos mais admiraveis modelos que os grandes pintores, idearam nas suas imorttaes creações; admirei toureadores magnificos, acrobatas assombrosos, pugilistas formidaveis, cavalleiros impressionadores, vertiginosas amazonas, comparaveis, nas suas fórmias e posturas plasticas, aos mais soberbos marmores dos grandes esculptores; ouvi, sahindo das gargantas inconscientes dos inconscientes passaros, modulações e gorgeios que nenhuma Patti jámais reproduzirá, que nenhum Kubelik jámais arrancará ás doces cordas do seu precioso stradivarius.

Por que é, então, que não se concedoram e glorificam tambem os saltimbancos e os cantores empumados?!

Não. Artistas e interpretes formam duas classes absolutamente diversas que só o "snobismo" das sociedades decadentes ou o "rastaquerismo" das inscias pôde confundir.

Demetrio de TOLEDO

não vieram fazer damno aos padres, mas somente recolher o gentio que anda por estas terras, e assim pedimos a vossa paternidade que volte á sua casa e que nos traga todos os seus filhos sem nenhum temor. Deus guarde vossa paternidade por muitos annos. Beijo as mãos de vossa reverendissima — O capitão Antonio Ferraz"

Travou-se a luta e o pequeno troço de aventureiros paulistas teve de se refugiar para aquem do rio Paraguay, onde se juntou a outros bandos que percorriam a região á cata de gentio para apresar. Dos chefes das bandeiras, um, Gabriel Antunes Maciel viveu nove annos nas prisões de Assumpção; só depois de longas peregrinações pôde regressar a S. Paulo.

E' a historia de uma bandeira, dentre centenas que por essa época trilhavam os sertões do Brasil. Desta se conhece com minudencias, pelos documentos do archivo das Indias, de Sevilha, o longo itinerario que, das margens do rio Tieté, a conduziu num esforço gigantesco até o coração do continente.

PAULO PRADO

D. JUAN VALERA NO BRASIL

(A RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA)

O nome de D. Juan Valera, o creador de *Pepita Jiménez*, a primeira revelação do romance moderno na Espanha, e de outros prodigios, é duplamente caro aos brasileiros, como expressão artística e afectiva. Tendo sido nosso hospede durante quasi dois annos, ao seu peregrino engenho devemos algumas paginas muito estimaveis em louvor da nossa natureza e da nossa poesia. Não olvidou elle tambien o esforço dos nossos homens, os trabalhos ingentes para a formação do Imperio, o talento dos nossos politicos e a nossa fé inquebrantavel no destino da nacionalidade florecente. Foi assim um dos primeiros escriptores estrangeiros que acreditaram na realidade brasileira, reconhecendo o valor da nossa intelligencia, a nossa força imaginativa e as promessas da nossa cultura. D. Juan Valera publicou as suas impressões ácerca do Brasil em 1855, datadas de Madrid, e foram reimpressas muitos annos depois no tomo XIX das suas obras completas, constituindo o capitulo *De la poesia del Brasil*. Addido da legação de Espanha em Portugal, onde servira dez mezes, foi transferido para o Rio de Janeiro em 1851 na qualidade de secretario, regressando a Madrid em 1853, anno em que appareceram os seus primeiros ensaios. Tinha naquella época pouco mais de vinte e sete annos, constituição vigorosa, porte cavalheiresco, imagem seductora. Todo luminosidade e elegancia, não lhe desagradaria a brilhante sociedade fluminense de então, se bem que a corte de D. Pedro II não possuísse nem o fausto nem o ambiente subtil de voluptuosidade que se respirava em Paris, Vienna ou Madrid. Havia aqui, porém, uma nota de severa distincção, apurada sociabilidade e discreto luxo, coisas sobremaneira gratas ao futuro autor de *Morsamor*, educado que foi na escola do Duque de Rivas.

Aqui desembarcou, em fins de 1851, tocado pela belleza da nossa luz e dos nossos horizontes. Evocando nas brumas atlanticas a longinqua e fascinante America Brasileira das selvas rumorosas, das montanhas de oiro e de esmeraldas, dos illimitados campos cheios de melancolia e dos rios fabulosos, entoa um hymno á terra de maravilhas ignotas. Ouçamol-o: "Quando á bordo de un barco de vapor pierde de vista el viajero que nunca ha estado en América las estériles y desoladas islas de Cabo Verde, y cuando, después de una navegacion de ocho ó nueve dias, llega á atravesar el Atlántico y la línea equinocial casi al mismo tiempo que descubre otro cielo más diáfano y brillante y más rico de estrellas, descubre asimismo y ve levantarse sobre las ondas azules y serenas de la mar, allá en el claro y bien perfilado horizonte, las costas hermosísimas del Brasil, no cabe duda que siente este viajero en el alma, si la tiene dispuesta y templada á armonizar con la hermosura de la naturaleza, la más grata emoción que ha sentido en su vida. Le parece que va á rejuvenecerse en el seno de una creación más joven; cree aspirar el aroma delicado de flores desconocidas, imagina escuchar el canto de aves más melodiosas que el ruiseñor, y se da á entender que el silbo de las auras y el ruido de las olas son más sonoros y dulces que hasta entonces lo han sido pa-

ra él. Tiende luego la vista en torno suyo, y ve que una luz más pura dora el ambiente, poniendo en todos los objetos indefinible encanto; y mira la tierra hacia la cual camina, y la ve cubierta de arboles gigantescos de perenne verdura, cuyas hojas, que nunca al parecer se marchitan, cuyas flores y cuyos frutos tienen sabor, olores y matices más vivos y agradables, que las hojas, flores y frutos de los otros climas. Embriagado con esto, por poca imaginación que el viajero posea, se extiende y avanza con la imaginación más allá de donde llega con la vista, y olvidandose de lo presente, se figura en lo pasado uno de los descubridores primeros de aquellas vastísimas regiones, y las puebla á su antojo, según lo que tiene leído ó averiguado de otro modo cualquiera, no sólo de pájaros de riquísimo y vistoso plumaje, de plantas admirables, de raros

O VERDADEIRO CUBISMO

Não é o que se tem criado, nos quadros ainda discutidos dos Lequer, dos Delaunay, dos Braque ou dos Glaizes, é o que se revela nas viagens aereas — diz-nos Madame Louise Faure-Favier, na *Renaissance des Arts*. E ajunta: "Porque os pintores edificam as casas em obliquo, e as mulheres tremulas, acreditam-se cubistas. Mas o verdadeiro cubismo lhes será revelado pela aviação. O menor photographo-aviador é um innovador maior do que o dadaista mais intransigente. Este não vê que uma photographia aerea em vertical é mais revolucionaria do que o quadro mais delirante. Nossos cubistas não suspeitaram nunca que a Torre Eiffel tomasse o aspecto de um ponto quadrado, que as crateras do Auvergne se viessem parecer com as rugas da sua palheta... Essa nova visão vertical da terra é o que marcará verdadeiramente a nossa época" O pintor André Huret trabalha, actualmente, no quadro "Vista de uma floresta nas imediações de Paris, tomada de um avião", segundo uma photographia apanhada a 2.000 metros de altura e na velocidade de 200 kilometros por hora.

cuadrupedes, de terribles reptiles y mariposas de mil colores y formas, sino que pone allí y coloca, según mejor le viene en voluntad, tribus feroces de hombres selvaticos, y les oye hablar en sus propios, diversos é innumerables idiomas, y piensa ya que apenas toque á tierra le saldrán á recibir los tupusambas, los tamoyos y los guaraníes, invocando á Tupán en su ayuda y cantando cánticos guerreros al son confuso y discordante de los maracás, de los inubias y de los espantosos muremurés, instrumentos hechos de osamentas humanas. Algo de esto, fuerza es confesarlo, les pasó por la mente á los que conmigo venían, cuando por vez primera divisaron la costa brasilica, y ya estaban ideando y trazando la mejor manera de vivir con los selvajes, y de ser otros caramurus y de tener por esposas unas paraguasúes hermosísimas, y ya hacian propósito fir-

me de no comer carne humana aunque hubiesen de morir de hambre, resignándose en el ultimo apuro á comer carne de monos y de lagartos, que en el Brasil son muy apetecidos y codiciados manjares y delicadísimas golosinas, cuando nos sacó del embeleso y distracción en que estábamos la vista de las ciudades de Pernambuco y de Olinda, que allí se parecían muy cerca, no ya como tabas ó aldeas de salvajes, sino como dos hermosas y modernas poblaciones, la una comercial y universitaria la otra. Y no creas, lector, que yo me alegrase ni que se alegrasen todos mis compañeros de verse al desembarcar, como suele decirse, en tierra de cristianos, porque muchos notaban con dolor la falta de color local, y hubieran deseado ver al menos un par de salvajes, macho y hembra, con su canitar, enduape y arasoya correspondientes, en vez del sombrero, pantalones y anaguas que por aqui se usan y que allí encontramos en uso casi enteramente como por aqui. Porque verdaderamente es cosa muy dura andar toda la vida ó la mejor parte de ella peregrinando por esos mundos y pasando malos dias y peores noches para no poder, de vuelta á la patria, contar nada de nuevo ni de curioso á los amigos. Todo está ya sabido y resabido, contado y recontado, y no hay hombre, por ruin que sea, del que no se pueda decir como de Ulises... Ello es que nosotros nos afligimos y desillusionamos como el viajero francés que viene á España se desilusiona y aflige si no ve á las señoritas bailar el fandango, fumar el cigarrillo, sacar el puñal de la liga y plantarle un chirlo en la cara al lucero del alba. Los unos por exceso de imaginación y los otros por exceso de ignorancia, todos esperan ver algo más nuevo y extraordinario de lo que ven cuando viajan, y no quieren ó no pueden persuadirse de que al fin y al cabo todo el mundo es uno, hasta que por una reacción natural, aunque exagerada, vienen á caer, como caimos nosotros, en un extremo contrario de verlo todo idéntico, sin notar la multiforme variedad con que la naturaleza diversifica sus obras." Assim falou o lyrismo de Valera entre as suas primeiras visões.

No mesmo vapor vinham duas figuras impressionantes, um sabio espanhol, cujo nome silencia, e o celebre Conde de Castelnau, que perlustrou por largos annos a America do Sul a serviço da sciencia. Ambos deram-lhe larga noticia do país, referindo-se ao lendario e ao verdadeiro Brasil. O joven diplomata, que toda a vida se mostrou profundamente curioso, teve dos dois scientistas narrativa expressiva ácerca da vida, costumes e superstições da gente brasilica e, principalmente, dos indios. Castelnau, que escreveu a história de suas viagens em dois livros notaveis, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud* (1843-1847) e *Histoire du voyage* (1850-1853), este em cinco volumes, e foi consul da França na Bahia, percorreu certamente com entusiasmo, serena condescendencia e grande experiencia das coisas brasileiras. "Por fortuna, venia á bordo con nosotros un sabio espanhol de los pocos que hay ahora, el cual no habia dejado rincón de la tierra

por visitar, ni ciencia por aprender, ni cosa creada por ver y examinar en el mundo; y este sabio no sólo nos explicó que el mundo es uno y vario y que por eso se llama *universo*, sino que nos hizo notar y considerar la diversidad de las cosas y muy singularmente la de las cosas brasilicas; y nos habló de pájaros y de cuadrúpedos americanos, mejor que pudiera hacerlo el mismo Azara, y de plantas y de flores de América, tan bien como pudieran Hernández Pavón ó Ruiz. El nos contó, entre otros prodigios, el de la reproducción de cierta planta llamada *herba da fortuna*, de la cual no hay más que esparcir en un cuarto algunas hojas por el suelo, cerrar luego el cuarto y volver al cabo de pocos días para hallarle transformado en un bosque impenetrable. Nos habló igualmente de una flor que tiene la mismísima figura de un ángel con las alas desplegadas y tocando la trombeta; y de la curiosa propiedad y apacible condición de la culebra de cascabel, que no muerde sino cuando le duelen las muelas, y esto por libertarse del dolor, que á no ser así no mordería; y nos refirió, por último, otras historias dignas de ser apuntadas y añadidas entre las que apuntó y escribió el famosísimo padre Valdecebro. Con esto nos fuimos ya persuadiendo de que la tierra del Brasil era por demás prodigiosa y nueva; y más aún nos confirmamos en esta creencia cuando oímos hablar y discurrir á uno que como nosotros venía, y cuyo nombre y gloria supimos todos con agradable sorpresa. Era el célebre Conde de Castelnaud, que, por espacio de cinco ó seis años había viajado por lo interior del Brasil y volvía entonces de Francia, donde acababa de publicar la larga relación de su viaje. El Gobierno francés había dado al Conde de Castelnaud, en premio de sus servicios á la ciencia, el Consulado de Bahía, y el Conde pasaba á la sazón á aquella ciudad á tomar posesión de su destino. Repetir aquí lo que él nos contó de maravilloso, sería prolijo y superfluo, puesto que sus obras están ahí que cualquiera las puede consultar; y aún por añadidura puede darse al estudio de las de aquellos dos grandes naturalistas alemanes, Spix y Martius, que apenas han dejado ya en el Brasil macaco ni murciélago vampiro que no hayan sacado á la vergüenza; ni pájaro ni serpiente que no hayan disecado; ni planta que no hayan descrito, dando á conocer á los amigos de la ciencia la flora y la fauna de aquel extensísimo imperio. Mas, á pesar de los trabajos de estos sabios peregrinos y de los que han hecho algunos sabios del país, queda aún mucho por explorar y conocer, de lo cual se originan mil fábulas y exageraciones que, si bien son perjudiciales á la ciencia, todavía se prestan soberanamente y dan pábulo á la poesía. Digalo, si no, la descripción del valle de las Amazonas, que, para despertar la codicia de sus compatriotas, ha hecho el anglo-americano Manry (*The Amazon and the atlantic slopes of South-America*, Washington, 1853). En este valle, verdadero Eldorado, el polvo resplandece en oro y piedras preciosas; el aire se llena de armonías por el canto de las aves que de sus matizadas y brillantes plumas le adornan y hermocean; el clima es templado y salubre, y sereno el cielo. Los hombres pueden vivir allí más luenga e dichosa vida que en los otros países: y no hay flor delicada, ni simiente nutritiva, ni yerba aromática ó medicinal, ni fruto sabroso, que no dé ó pueda dar aquel suelo de bendición: todo mejorado en abundancia y en hermosura. Allí la primavera es inmortal: donde una planta se marchita, aparece una nueva planta: donde una flor se seca, nace otra en seguida...” Não se podem referir com mais exaltação á terra

brasileira, mas, note-se, é sempre a originalidade da natureza tropical que lhe move a imaginação.

No Rio de Janeiro, “encantado paraíso y agradabilíssima morada”, residiu Valera vinte e um mezes, e da sua permanencia escreve: “He pasado dos años sin visitar más que los alrededores de la ciudad, y desde donde me he vuelto a Europa sin poder contar á nadie sino de oídas, las magnificencias que atesora el Brasil en su centro. No he visitado ni la catarata de Paulo-Alfonso en el río de San Francisco, ni el lago de las perlas, ni el distrito de los diamantes; no he bebido la leche del *palo le leche*, que es mejor que la de vacas, ni el vino de *palo de borracho*, que es mejor que todos los demás vinos; y se bien no me he expuesto á la mordedura mortal de la serpiente surucucú, ni a caer entre las garras de los tigres, tampoco puedo contar, como cuentan mil viajeros modernos, cosas más estupendas que las que vieron y notaron Fernán Mendez-Pinto y Simbad el Marino. Lo que sí he notado y visto por mis propios ojos es un Imperio naciente, que se levanta y florece bajo el cetro de un sabio emperador y á la sombra de un gobierno libre y bien ordenado. En este Imperio no hay esa agitación febril, ese rápido desarrollo, ese espíritu emprendedor hasta lo sumo, y esa sed de conquistas y de mayor engrandecimiento que en los Estados Unidos observamos con admiración y receio. En el Brasil, ya sea por la benignidad del clima, ya por el suave natural de la gente que le habita, ó ya por ambas causas, se camina más lentamente hacia esa perfección material que ahora se tiene por el bien supremo y por el último término á donde ponen la mira los pueblos civilizados... Y sin embargo, la riqueza y la prosperidad del Imperio son muy grandes.” Nada mais nos diz. Ao que parece, Valera fugiu ao contacto do mundo social, brilhante mas frívolo, para trancar-se no seu ideal e na sua arte, comprazendo-se, sem duvida, em seguir o desabrochar da flôr de seu genio. Avido de belleza e sedento de perfeição, cultivava o seu eu, e só lhe seduziam as imagens sensuaes, as sensações artisticas e as impressões sumptuarias susceptibles de enriquecer o seu proprio universo.

Foi aquelle o tempo que marcou o apogeu da sociedade carioca. Nessa época, com effeito, o Rio de Janeiro, com a opulencia da moda, o luxo dos theatros, o brilho excepcional da sua politica e o luzido corpo diplomatico, apresentava vida mundana requintada e assaz aprazível. Os bailes da côrte revestiam-se de esplendor, e, justamente, o de 31 de Agosto de 1852 foi o mais celebre de quantos se celebraram no paço real. Os salões, como o dos Marquezes de Abrantes, ostentavam, com o mais authentico cunho aristocratico, ambiente intellectual, realçado ainda por um grupo de bellezas profissionais impressionadoras, que tinham para cantal-as poetas inspirados e ardentes, e por elles porapeava á galanteria de Maciel Monteiro, radiante de mocidade e de petulancia amorosa. Havia uma pleiade verdadeiramente notavel de estadistas, legisladores e militares, a mais brilhante escola dos dois reinados, porque era a mais rica de talentos verbaes, de tradições politicas e de experiencia administrativa. Era a grande geração parlamentar que, tendo surgido com a Independencia, trouxe para as duas camaras do Segundo Impe-



MIGUEL UNAMUNO, o illustre escriptor hespanhol, que acaba de ser deportado para as Canarias, por ordem do Directorio Militar do General Primo de Rivera, cuja acção criticou em termos vehementes. A deportação do professor de Salamanca motivou varios protestos, que visam menos a questão politica em que se envolveu, do que prestar uma homenagem ao poderoso ensaista da Hespanha.

rio o esclarecido patriotismo, a eloquencia de punhos de rendas, as maneiras elegantes, a fidalguia e a reputação dos homens que trabalharam pela consolidação das nossas conquistas politicas. Governava em 1853 o gabinete presidido por Paraná, que se formara com Pedreira, Abaeté, Nabuco e Bellegarde e teve mais tarde Caxias, Cotegipe e Paranhos como figurás proeminentes, e no parlamento reinava a oratoria de Abrantes, Quarahim, Francisco Octaviano, Torres Homem, Paulino de Souza, Euzebio, Carvalho Moreira, Souza Franco, Zacharias, Saraiva, Sinimbú, Olinda e tantos outros. Tudo isto contribuia para tornar a vida da côrte assás attrahente. No entanto, não erraremos suppondo que essa situação não impressionou o joven secretario de Legação, que conservava bem vivo o prestigio das recepções reaes de Madrid e de outras capitães que visitára, e muito menos alterou as condições de espirito do artista. Facil é de imaginar o que poderia interessar a D. Juan Valera numa terra escassa de impressões de arte, de literatura e de pensamento. No Rio, a natureza era bella e tinha-se o prazer de viver, mas faltava á paisagem, ao horizonte, á architectura, á vida, a tudo que cercava os homens e os objectos, aquelle traço artistico, o fundo historico, a expressão humana que perpetua o encanto irresistivel de Paris, Roma, Londres ou Madrid. O Brasil, para a imaginação esthetica ou para o espirito historico era vasto deserto, que deformava as coisas e opprimia os mais fortes. Nascido para a arte, para as emoções do amor e para a gloria, Valera não podia encontrar sob o sol tropical senão sensações ephemeras e representações estranhas do mundo exterior que não correspondiam á sua esthesia de supercivilizado. A vida aqui era-lhe ainda uma estreita limitação, se bem que o mais remansado retiro para os grandes solitarios, que bastassem a si mesmos e se contentassem só de paisagem ou de luz. As paginas de Valera referentes ao Brasil respiram, sem duvida, entusiasmo pela floresta brasileira, deslumbrante, phantastica, esmagadora. A magia que emana da mysteriosa, indefinivel e

perturbadora grandeza da nossa terra apenas attenuou os efeitos da solidão asphyxiante. Devaneador e complacente, nutrido desde o berço com a cultura hellenica, o seu espirito era solicitado em direcções contrarias por idéas de outra ordem. Acariciava elle, na tranquillidade dos nossos jardins e na frescura das suas sombras, um sonho de arte que exigia ambiente cheio de outros encantamentos e outras fascinações, e o fazia indifferente ao espectáculo infatigavel da vida carioca, perturbador das suas visões interiores. Havia um singular contraste entre a sensibilidade profundamente artistica do poeta e a alma selvagem do nosso descommunal meio cosmico. "Que ha, com effeito, de commum entre mim e o Monte Branco?", perguntava um dia o ironista da *Reliquia*, commentando a celebre frase de Lord Beaconsfield que dizia só haver no mundo verdadeiramente interessantes Paris e Londres, e que todo o resto era paisagem. Não foi outra, certamente, a postura desse europeu, não se sentindo em communhão com a natureza americana, fonte barbara de poesia e de religiosidade. Nesse lado do Atlantico, é possível acreditar, soffria a angustiosa ausencia do mundo. Era um exilado que tinha a envolvê-lo uma languida, discreta e infecunda nostalgia.

Não ha negar que não lhe passaram despercebidos certos aspectos particulares da nossa gente. O genio brasileiro e as manifestações da cultura, foram as coisas que mais particularmente interessaram á sua curiosidade. Assim é que procurou comprehender a indole do nosso povo e apanhar as singularidades, as bizzarrias e a característica da *psyché* brasileira. "El pueblo brasileño, escreve, maravillosamente dispuesto a admirar todo lo bello y lo sublime; alegre, festivo y apasionado; amigo de los placeres del espíritu; sensible á la hermosura de aquella rica naturaleza que le rodea y recibiendo de ella inspiraciones, es un pueblo artista y mui singularmente enamorado de la música y de la poesía, artes en que vence y sobrepuja a todos los otros pueblos americanos." Observador sagaz e atilado, procura destacar os traços principaes da *psychologia* do nosso povo, e conhecer os factores que mais concorreram para dar á alma brasileira essa feição inconfundível, nascida da influencia dos tres elementos ethnicos que a compõem. Antes de tudo, acha ser o brasileiro musical por excellencia. "Todas las damas cantan, más ó menos bien, y es un desatino el que tienen por estar siempre cantando. Las canciones populares del país se llaman *modinhas* y *londuns*, y las hay graciosas y delicadas por todo extremo... Los compositores del Brasil no son, con todo, muy notables hasta ahora; mas, con la afición y el ingenio que tienen, se ha de esperar que andando el tiempo alcanzarán la gloria de los grandes maestros de Italia y de Alemania. Entretanto, se canta tan sin tregua y tan desafortadamente, que es menester ser gran devoto de la musica para no hartarse." Valera verifica não ser menor a nossa aptidão para a poesia, porque, no dizer d'elle, o brasileiro verseja a proposito de tudo e sem proposito algum. "La afición á la poesia no es menos grande entre los brasileños. No hay muchacho que á los quinze años no escriba ya sonetos y letrillas, y no hay nacimiento, ni casamiento, ni defunción, que no se celebre con media docena de epitalamios, horóscopos, epitafios y *nenias*, en diferente clase de metros y por los más variados estilos. Estas composiciones de circunstancias se publican en los periódicos como entre nosotros los anu-

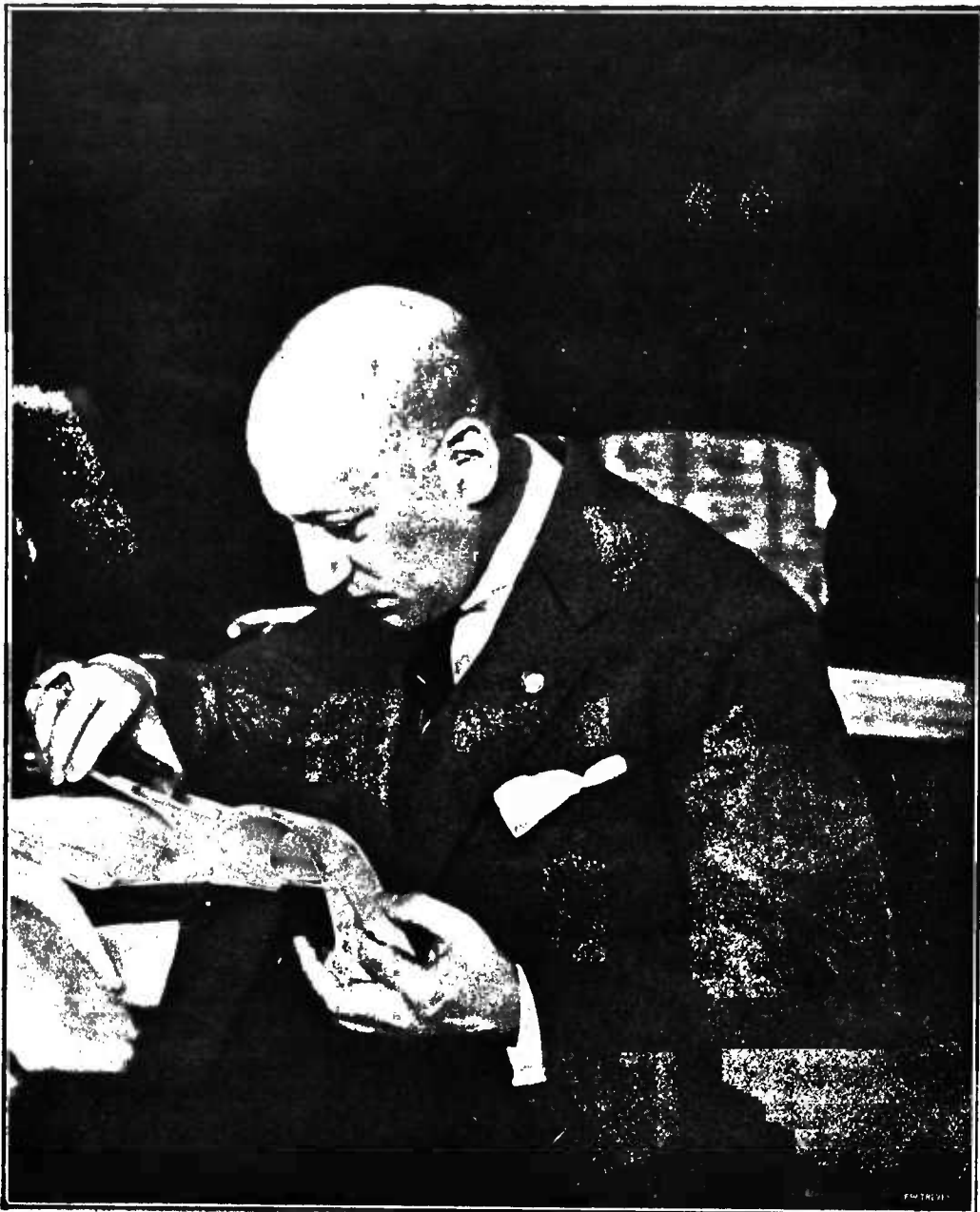
cios, pagando cierta cantidad por publicarlos; y periódicos hay que ganan mucho con tal industria y que dan á luz cada semana las suficientes coplas para formar un grueso volumen. Todas las señoritas tienen álbum en el Brasil, y en el álbum tienen en verso, si son medianamente hermosas, todo el fuego y todas las dulzuras que Erato puede inspirar bajo el sol de los trópicos. Estas poesias suelen ser más malas que buenas, pero se nota hasta en las más desaliñadas cierta ingenuidad de pasión y cierta candidez que enamoran, al par que se descubre en muchas lo castizo y puro del lenguaje, que los brasileños pretenden conservar mejor que los portugueses. Mas no por eso los brasileños han dejado de enriquecer la lengua que llaman nacional por no llamarla portuguesa, y que ya era riquísima, con infinito numero de palabras nuevas, tomadas de los dialectos americanos, y aunque no me atrevo á afirmar que hayan añadido también palabras de las lenguas de la costa de Africa, acaso de la lengua *buuda* y de la lengua del Congo, que son las más perfectas que hablan los negros, todavía, se puede sospechar que algunas palabras habrán tomado de ellas. Sin embargo, en el corte y giro de la frase conservan la forma y manera de los antiguos clásicos portugueses, y ni en los periódicos, ni en los discursos parlamentarios, ni en los pocos libros en prosa que hasta ahora se han escrito en el Brasil, se notan tantos galicismos como en los nuestros. Pero donde verdaderamente se admiran, no sólo el primor y riqueza del lenguaje, sino la fecundidad y agudeza del ingenio de los brasileños, es en la poesía."

Depois de ter posto em relevo o traço característico do nosso povo, Valera estuda a nossa literatura através de alguns de seus principaes poetas para ter um indice seguro da nossa sensibilidade. Sem possuir todos os elementos de informação e ignorando o que devíamos, por exemplo, ao genio de Gregorio de Mattos, que já no seculo XVII emprestava á nossa poesia cunho e significação nacionaes, viu, no entanto, que a nossa literatura, até meiado do seculo XVIII, era simples reflexo da portuguesa. A influencia lusitana era preponderante, e só mais tarde, com a escola mineira, os épicos e os indianistas, a poesia brasileira adquiriu originalidade, e começa ter existencia propria. "Los portugueses, que se sobreponían entonces por valor y fortuna á todas las naciones de Europa, y que se adelantaban á muchas en ingenio, trajeron al Brasil, con la civilización y la lengua de ellos, la poesía, en que, no sólo por la riqueza, número y concertada armonía de las palabras, sino también por la abundancia de los conceptos, tan dignos de elogio y aun de admiración se mostraron siempre. Mas, como los portugueses venidos al Brasil y los hijos de estos portugueses ya en el Brasil nacidos se hubiesen educado y siguiesen educándose en Portugal, los recuerdos de la madre patria ó del lugar donde se educaron se les ponían por delante de los ojos, impidiéndoles ver la hermosura de la nueva patria y quitándoles el deseo de cantarla. Por eso siempre que un poeta brasileño de los pasados tiempos pensaba en hacer versos, se trasladaba su espíritu á las márgenes del Mondego ó del Tejo y se olvidaba de todos los portentos del Brasil; por eso, extraviado el poeta con los resabios de la escuela, quería subir al Pindo y no se acordaba de la sierra de los Organos; describía el valle de Tempé y no el de las Amazonas; hablaba del pastor Alfeisibeo y no del indio Caitutú; se enamoraba de Filis ó de Nise, pastoras griegas ó lusitanas; y celebraba, por último, el

canto del ruiseñor y no oia nunca los del *sabiá* y del *gaturano*. En resolución, el poeta brasileño y la poesia brasileña no eran entonces sino un pálido trasunto de la poesia portuguesa. Por mayor desgracia, a poesia no comenzó a florecer en el Brasil sino cuando ya en Portugal empezaba á decaer y á perderse en las extravagancias del culteranismo; extravagancias que vinieron imitando los brasileños hasta mediados del siglo XVIII. Entonces la influencia de la literatura franceza predominaba ya en todas partes, y, aunque destruyese la originalidad de las otras literaturas, se ha de confesar que restablecía el buen gusto donde andaba perdido. La cultura, delicadeza y filosofismo de la corte de Luis XV pasaron á Lisboa, donde á la sazón imperaba el gran Marqués de Pombal, y desde Lisboa al Brasil. Allí, bajo la protección del ilustrado virrey Don Luis Vasconcellos y Souza, se fundaron *Arcadia Ultramarina* y otras academias literarias en que florecian (no poetas dramáticos, que hasta ahora no los ha habido en el Brasil dignos de memoria), sino líricos, horacianos y anacreónticos. Lo que es poetas brasileños, como dice el Sr Pereira da Silva, lo eran sólo por el nombre y el acaso de haber nacido en el Brasil. Varios poetas líricos del siglo XVIII se levantan y viven por la elegancia, primor y tesura de las composiciones; pero pocos por la originalidad de ellas. El más popular de todos estos poetas debe su fama más á sus amores y desgracias que á sus poesias. Hablo del malaventurado Gonzaga, uno de los primeros campeones de la independencia, desterrado á Africa por conspirador contra el Gobierno portugués, y separado para siempre de su adorada Marília, á quien dedicó todos sus tiernos y apasionados versos. Pero desejando de nombrar y de clasificar otros poetas brasileños que florecieron en el siglo XVIII, no porque no merezcan ser nombrados, sino porque no es nuestro ánimo hacer una historia de la literatura brasileña, diremos sólo de tres poetas épicos que por aquel tiempo tuvo el Brasil, y que, sepárandose más que los líricos de la imitación de los poetas de Europa, abrieron nuevo camino á los ingenios americanos y dieron origen á la moderna poesia brasileña, la cual, después de la proclamación del Imperio, ha tomado un caracter proprio, y ha dado con algunos sazonados frutos la esperanza de otros mejores y más ricos. Los brasilenos tienen un inagotable manantial de poesia en aquella virgen naturaleza que los rodea y donde hallan mil bellos y magníficos objetos nunca hasta ahora descriptos y mil nuevas imagenes de que revestir sus pensamientos y mil nuevas impresiones no sentidas por los poetas de Europa. No tienen una historia de la conquista tan novelesca como la del Perú ó la de Méjico, ni, como estos dos países, unas tradiciones tan maravillosas ni una mitología tan variada. En el Brasil no hay memoria de que existiese nunca una civilización indígena como la de los incas ó la de los aztecas, ni mucho menos de otra civilización más antigua, como la hubo en Méjico antes de la venida de los aztecas, y dando testimonio de ella soberbias y ciclópicas ruinas; pero no faltan tampoco tradiciones brasilicas ni leyendas de que se pueda apoderar la poesia, y de las que en efecto se van ya sirviendo los poetas contemporaneos. Entre estos poetas hay muchos que, ya por la perfección y corrección del lenguaje, ya por la elevación de las ideas, merecerian ser conocidos."

Valera estuda a corrente dos épicos patrios, mostra o cunho essencialmente brasileiro do nosso indianismo e percebe

GABRIELLE D'ANNUNZIO



D'Annunzio, no seu gabinete em Corgnacco Sul Gorda

No momento em que a Italia firma com a Yugoslavia o tratado, que reconhece Fiume italiana, terminando com a situação hybrida de cidade livre, mediante concessões especiaes feitas ao reino de Alexandre I, todos os corações da Península vibrou, num sincero agradecimento ao poeta-soldado, a cuja aventura audaz, quebrando com as reservas diplomaticas, se deve a reintegração de Fiume á Italia. Ao que consta, os antigos legionarios *arditi* elegerão D'Annunzio deputado pela

cidade irredenta e o Rei agraciará o poeta com o titulo de Conde de Fiume. Talvez D'Annunzio recuse o mandato politico e a dignidade nobre, pois renuncia agora as pompas e se dedica á vida mystica, tendo se convertido ao catholicismo. Falou-se mesmo em que entraria para um convento, tomando o habito franciscano. As intenções do Poeta estão ainda veladas e recolhe-se no momento da gloria.

até que o indio é idealisação nacional. Admira o impeto genial do *Uruguay*, de Basilio da Gama, de "estilo tan natural y tan alto" embora lhe attribúa ingratidão para com os jesuitas, seus mestres e educadores, e acha que "este poeta es, sí no grande, muy estimable y digno de la immortalidade que él mismo con la conciencia cierta de su mérito se vaticina al acabar su obra", cujos ultimos versos são o *non omnis moriar* de Horacio, mais modestamente repetido. Louva em seguida a esplendida generosidade de Santa Rita Durão, autor do *Caramurú*, "poema de más interesante y variado argumento, de mayores dimensiones, y con más entusiasmo y delicada ingenuidad escrito, aunque, por desgracia, ni con mucho tan correcto y castigado en la forma." No parecer de Valera. Santa

Rita Durão é poeta inferior a Basilio da Gama, porque "carecia del exquisito buen gusto de éste", e era "á menudo desaliñado y flojo". Diz elle: "...Este poema de *Caramurú*, ingenioso en la composición, carece en la ejecución de bien concertado artificio; y su autor, más que delicadeza de gusto y entendimiento de hermosura, tenia inventiva y sensibilidad, los cuales dotes bastan por sí solas á ponerle en el Parnaso portu-gues, tan rico de epopeyas." De ambos poemas épicos dá Valera succinto resumo, destacando-lhe os episodios mais celebres, assignalando-lhe a belleza das estrophes e apontando a significação das

scenas mais impressionantes. A Basilio e Durão segue-se Gonçalves Dias, que "por su originalidad y por su fecundidad puede ser llamado el Zorilla del Brasil", escreve Valera. E', porém, para o autor de *Brasílianas* e de *Colombo*, Araujo Porto Alegre, que vão todas as preferencias e os applausos do escriptor espanhol, como se vê pelo seguinte trecho: "Gonzálves Diaz es el más popular de todos los poetas brasileños, pero hay otro poeta mucho más grande y digno de memoria. Hablamos del Sr. Araujo Porto Alegre. Este poeta es tão nuevo y tan extraordinario, así en sus bellezas como en sus defectos, que no creemos que hasta ahora haya nacido otro mayor poeta en el Brasil, y consideramos que sus obras solas merecen capitulo aparte y muy detenido examen. Araujo Porto Alegre es el poeta americano por excelencia, y el que con más verdad y entusiasmo nos pinta y ensalza las grandezas y hermosuras de aquel Nuevo Mundo. En su poema de Colón canta además nuestras glorias, y las canta tan dignamente, que será ligereza de nuestra parte, y hasta irreverencia, el hablar de él como de paso, sin detenernos á examinar y ponderar todo su valor y merecimiento." Foi Valera subtil, penetrante e quasi sempre verdadeiro nos juizos e commentarios, e advinhou que o sentimento nacional é bastante forte para crear uma literaturá de inspiração e technica proprias, brasileira em todos os sentidos, se bem que difficilmente se liberte da exaltação racial.

A' hospitalidade do Brasil retribuiu Valera com o oiro destas paginas generosas, brilhantes de *humour* e cheias de poesia, em que esqueceu os nossos defeitos para só elogiar as nossas qualidades, as nossas inspirações e o nosso nobre destino, existindo ainda em *Genio y Figura* uma formosa descripção da bahia de Guanabara. Além do mais, possuem ellas maior encanto, por terem sido escriptas no tempo da fascinante mocidade daquelle que seria o glorioso artista de *Pepita Jiménez*, e cuja juventude, por singular coincidência, despontou com a aurora da nossa vida nacional. Adolescente quasi, mas cheio de superior saber, senhor de si e consciente do genio que se elaborava, Valera já se revelava o espirito livre, o observador malicioso, o moralista sceptico que foi durante a sua longa existencia, como prova a carta que a Garcia de Quevedo dirigiu do Rio de Janeiro em 1853, e na qual dizia: "*Yo me siento incapaz de ser dogmatico en mis opiniones filosóficas; ando siempre saltando del pro al contra y dudando y especulando, sin atreverme á seguir doctrina alguna; y la poca ciencia que tengo me peza como si fuera mucha; tan debil es mi entendimiento, y te aseguro que, quando estoy en mí, le pido á Dios que me envíe su gracia y me quite la ciencia de encima.*" Este trecho define tão bem o espirito de Valera, que, asseguro, podia figurar na fachada das suas obras. Deante do inquietante problema da vida e em face do inexplicavel enigma do universo, o philosopho de *Asclepiade* sempre guardou a mesma attitude lúserena, amavel e maviosa ironia. Quando aqui aportou, não aparentava senão mocidade, mas o traço caracteristico de sua personalidade, que nunca mais se alterou, já se achava definitivamente fixado. Havia passado o periodo de receptibilidade ou de formação que tem cada escriptor, e chegára o instante da criação, avivado ainda por aquelle extraordinario instincto que fez envlhecer na claridade e na sabedoria o divino Valera.

Petropolis, 3 de Fevereiro de 1924.

Elysio de CARVALHO.

SIGNIFICADO DO "AMADIS"

II

Aos 24 dias do mês de outubro da era de Cesar de 1386 mestre Martim Domingues, tabellião de El-Rei na mui honrada vila de Elvas, foi chamado em razão do seu officio às casas de morada de João de Lobeira, mercador na dita vila. Ali, jazendo de cama o mesmo João de Lobeira, na presença das testemunhas do estilo, mestre Martim Domingues reduziu a pública forma com o seu sinal a cédula ou testamento que o enfermo lhe apresentou. Era o mercador João de Lobeira casado em segundas núpcias com Aldonça Annes, de quem lhe nasceu um filho, chamado Vasco. A este Vasco, de Lobeira como seu pai, se refere Fernão Lopes na sua *Chronica d'el Rey D. Fernando*, quando nos narra os motins ocorridos em Elvas, ao intentar o alcaide-mór Alvaro Pereira aclamar a princesa D. Beatriz como herdeira do Reino.

Durante largo tempo desconhecido, o testamento de João de Lobeira, exumou-o do fundo dos arquivos a persistência iluminada do folclorista António Tomás Pires, cujo labor incançavel fez da sua existência um alto exemplo de estudo e applicação benedictina. A revelação de tão importante documento vinha confirmar inesperadamente a longa tradição erudita que, attribuindo a autoria do *Amadis* a Vasco de Lobeira, attribuía a Elvas, senão o berço, pelo menos a residência do conclamado cavaleiro. E' como se expressa Diogo de Barbosa Machado, ao dizer-nos na *Bibliotheca Lusitana* que Vasco de Lobeira "a mayor parte de sua vida assistio na Cidade Elvas, onde instituiu hum morgado que depois veyo aos Abreos de Alcaparinha."

Na verdade, o morgado não o instituiu Vasco de Lobeira. Instituiu-o seu avô materno Domingos Joannes Cabeça, homem afazendeado de Elvas, da qual foi procurador com Rui Gonçalves, vassalo de El-Rei, às côrtes reunidas por D. Afonso IV no Ano de 1366, — era de Cesar —, ou seja no ano da Graça de 1331. Como se vê, Domingo Joannes Cabeça pertencia a essa velha burguesia afonsina, de tal maneira autorizada junto da Corôa, que, enquanto uma das filhas do procurador de Elvas em Côrtes, Aldonça Annes, se aliava ao rico mercador João de Lobeira, uma outra, Maria Annes, casava-se com Alvaro Gonçalves, *moordomo moor* que foy em tempo *del-rey dom afonso*. Importante, o morgado, instituido por Domingos Joannes Cabeça, não tardou a ser enriquecido com novos bens por seu genro João de Lobeira. Para isso mestre Domingues acudira a casa do mercador naquelle dia 24 de outubro do ano de Cesar de 1386,—ou de Christo de 1337,—, jazendo João de Lobeira de cama, em risco de vida corporal. Não historiaremos agora os transeos por que o morgado passou, vindo por fim a cair na casa dos condes de Vila-Flor.

Assentava ele em Santa Maria dos Açougues, na capela de Santa Suzana, onde Domingo Joannes Cabeça se mandou enterrar e onde se enterrou presumivelmente seu genro João de Lobeira. Ao templo de Santa Maria dos Açougues corresponde hoje a igreja da extinta catedral de Elvas e, a capela de Santa Susana, a capela de *Nossa Senhora das Candéas*, tambem conhecida por *capela dos Pessanhas*.

Tudo o que se expõe, o podemos afirmar com absoluta segurança, mercê das sólidas investigações do malogrado António Tomás Pires. E o valor dos documentos, trazidos por ele ao exame da crítica, não preciso eu de o salientar, desde que nos recordemos, 1º, que nos estabelecem em termos inidivisíveis o estreito parentesco de Vasco de Lobeira, certamente o presuposto autor do *Amadis*, com o mercador João de Lobeira, sem dúvida o poeta do delicadíssimo *lais* "Leonoreta, fin Roseta"; 2º, que, para a equação de tão debatido problema como o das origens e nacionalidade do *Amadis*, nos oferecem com fixidês um quadro cronológico, até ha pouco difficil de estabilizar"; e 3º, porque conferem credito absoluto à ligação insistente de autoria do *Amadis* a um Lobeira, com raizes em Elvas, — versão essa que sobe a Gomes Eannes de Azurara e reaparece no refohudo academismo do nosso século XVIII.

Não me cabe esmiuçar os documentos que devemos à laboriosidade culta de António Tomás Pires. O que me interessa é aproveitar-lhes a lição. E se, por prova indirecta, nós já sabemos que o *Lais* "Leonoreta, fin Roseta", sobrenadando graciosamente por entre as enxúndias verbalistas de Garcia Ordoñez de Montalvo, rodeara de extrema possibilidade o rumor que secularmente concedera a um Lobeira a paternidade do *Amadis*, o achado felicíssimo de António Tomás Pires appareceu a demonstrar-nos que existira de facto um João Lobeira, pai de Vasco de Lobeira, em quem se poderia encabeçar a gentil cantiga. Não carecemos assim de recorrer à solução proposta pela illustre mestra, que é a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos quando procura identificar o João Lobeira da cantiga de "Leonoreta" com João Pires Lobeira Alvim, bastardo de Pero Soares de Alvim e pessoa figurante na côrte aí por entre 1258 a 1285.

A opinião da senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos retirava desta forma a gênese do *Amadis* para o seculo XIII e o episódio das modificações do entrecho solicitadas ao redactor da novela pelo "senhor infante D. Afonso de Portugal" deslocava-se consequentemente do filho de D. Dinís, a cujo nome invariavelmente anda enlaçado, para o do seu homónimo e levantadiço tio, — o donatario, de Portalegre, Arronches e Marvão, que tanto acidentou com as suas pretensões os começos do reinado do marido da Rainha-Santa. Conhece-se o episódio a que aludo. E' conveniente, no entanto, que o relembremos.

Ao lado da "cantiga de Leonoreta", é outro indício da emmaranhada genealogia do *Amadis* a nótula que subsistiu no gorduroso texto de Montalvo. Reza essa passagem de Montalvo: — "*Briolanja a Amadis miraba e parecia el mas fermoso cabellero que nunca viera; e por cierto tal era en aquel tiempo, que no pasaba de veinte años, e tenia el rostro manchado de las armas; mas considerado cuán bien empuñadas en el aquellas maravillas eran, e como con ellas tan limpia e clara la su fama e honra hacia, mucho en su apostura y hermosura acrecentaba, y en tal punto aquesta vista se qmsó, que de aquella muy fermosa doncella, que con tanta afición lo miraba, tan amado fué que por muy largos e grandes tiempos nunca de su corazon la su membranza apartar pudo; donde por muy gran fuerza de amor constreñida, no lo pudiendo su ánimo sufrir ni resistir, habiendo cobrado su reino, como adelante se dirá, fué por parte della requerido que del e de su persona sin ningun intervalo señor podia ser; mas esto sabido por Amadis, dió enteramente a conocer que las angustias e dolores, con las muchas lagrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealdad las pasaba, aunque el señor infante don Alfonso de Portugal, habiendo piedad de esta fermosa doncella, de otra galsa lo mandase poner. Por esto hizo lo que su merced fué, mas no aquello que en efecto de sus amores se escribia.*"

O que ordenou então o senhor infante D. Afonso de Portugal ao trovador Lobeira, que persistia em guardar intacta a fidelidade de Amadis a sua dama Oriana? No seu fino e castigo paladar de bom letrado, Afonso Lopes Vieira que no-lo conte: — "Amigo, hei gran sabor dos feitos de Amadis e de tudo que haveis bem contado. Mas por minha fé juro que, por sua grande bondade e formosura, não ha-de ser Briolanja tratada de tal guisa!" — "Senhor, — torna-lhe sério o cavaleiro-poeta — mas vossa mercê bem sabe que até à morte será fiel Amadis á sua senhora Oriana!" — Pois, amigo, cobremos o remédio, e isto mudai na história que vos fará sempre louvado dos homens bons que agora vos lêem e lerão adiante!" E assim se concertou, — confidencia o poeta —, que Amadis, preso em uma torre até que a Briolanja quizesse por amiga, enviara recado a Oriana, pedindo licença para se resgatar." E a licença veiu de longe e com tanta mágua demandada, porque "Oriana, outro modo não vendo de o livrar", permitiu que Briolanja houvesse "dois filhos dum só ventre" Remediava desta guisa a ambos o senhor infante D. Afonso de Portugal; — a Amadis, por não quebrar a

fé jurada; a Briolanja, por a servir no desejo." Eis como Afonso Lopes Vieira, num primitivismo cândido de linguagem, nos dá conta do despacho com que o trovador atendeu às instancias do condóido príncipe de Portugal.

Muito se tem dissertado acerca do sentido em que se deverá tomar a nótula que, a respeito de tal anedocta, prevaleceu no texto de Montalvo. Para uns, adversos à hipótese da origem portuguesa do *Amadis*, amparados demais a mais pelo parecer insuspeito de Walter Scott, que tambem se pronunciou sobre o assunto, — prova da universalidade apaixonante da imortal novela! —, o que se deduz de aqui é a existência duma redação anterior à redação executada por João de Lobeira. Para outros, é o sinal infosmável da naturalidade lusitana do *Amadis*. Observa a propósito Menéndez y Pelayo que "*el episodio de Briolanja, en que se fijó por primera vez Walter Scott... ha tenido la rana fortuna de ser alegado, ya en pro del origen portugués, ya en pro del origen castelano del libro. A nuestro entender — continúa —, no prueba ni una cosa ni otra, pero si otras tres muy importantes: 1º, que en Portugal era conocido el Amadis de Gaula á principios del siglo XIV, lo cual nos hace adelantar casi una centuria en el proceso historico de la famosa novela; 2º, que ya entonces fué refundida en un punto muy esencial, lo cual arguye la existencia de un texto anterior; y 3º, que los antiguos originales de que se valió Garci Ordoñez de Montalvo eran tres por lo menos, confirmando-se así lo que el dice de los diferentes escritores.*"

Manifestamente, nós não estamos debatendo em toda a sua amplitude o complexissimo problema do *Amadis*. Não investigaremos por isso dos "tres originaes", que, pelo menos, o regedor de Medina del Campo aproveitaria para concertar a sua anafada composição. Mas sem negarmos que o *Amadis* repouza sobre um tema britónico importado de fóra da Península, — e o onomástico empregado é até certo ponto eloquentemente demonstrativo —, o episódio passado entre Lobeira e D. Afonso de Portugal não supõe necessariamente uma versão anterior já fixada e que o trovador alteraria para agradar a tão valioso personagem. Sobre o próprio original de Lobeira essa modificação poderia ter logar, em segunda leitura em que o trovador o comunicasse à curiosidade do príncipe, — isto quanto a nós —, discordando nós tambem dos que vêem brutalidade mediévia no desejo do nosso infante. Tocado pela paixão sem apelo de Briolanja, já que Amadis não quebrava as suas juras de cavaleiro leal, ao menos que Briolanja conhecesse dele as alegrias da maternidade! Se meditarmos um pouco no caso, acharemos sem custo que este episódio, — tão nosso, tão de Portugal! — marca a transparente *humanidade* do nosso lirismo, em contraposição ao *amor-fatalidade*, ao *amor-perdição* de Tristão e Iseu. Porque ha *sensibilidade* no pedido ingénuo do príncipe de Portugal! Pois que Briolanja nunca seria esposa do *Donzel do Mar*, que o seu granle desespero se consolasse na ventura relativa de ser mãe! Com um delicado artificio, em que se respira a frescura das emoções nativas dos nossos Cancioneiros, tudo se congraça: — Amadis permanece fiel a sua senhora Oriana e ainda, por obediência a ela, apazigua momentaneamente o tormento de Briolanja. Em todo o episódio, apalpa-se a *condição social*, e não *egotética*, da poesia do Amor em Portugal, e, consequentemente, a conformidade do nosso Romantismo literário com o nosso génio de povo. De nada mais se precisava para autenticar o *Amadis* como o desabafo duma alma portuguesa. E na ausência de toda a relação histórica de que enferma a singular novela, a nótula conservada por Garci-Ordoñez de Montalvo seria o bilhetinho identificador, descoberto nas faxas dum menino nascido, filho de algo, mas exposto aos acasos do caminho, por pecado ou dureza de seus pais. De resto, não ha immoralidade na interpretação que apresento! Imoralidade haveria, se, por ordem dos seus sentidos deliciados, Amadis quebrasse o juramento que o

prendia a sua s'nhora. Como perfeito cavaleiro, valendo à tristeza carnal da "hermosa niña Briolanja", quem restituira o seu reino de Sobralisa, Amadis cumpre apenas os mandados de Oriana, que de outra forma não dispõ para o libertar da torre em que por amor Briolanja o encarcerara. Enganava-se portanto, Menéndez y Pelayo opinando que "la consecuencia racional que de todo esto se saca es que la orden del infante don Alfonso fué dado à un mero traductor ó refundidor, que interpola toscamente el cuento de los amorios de Briolanja, sin cuidarse de salvar la contradicción que envuelve con todo lo demás de la fabula." Revela-nos nesta transcrição de Menéndez y Pelayo a já sublinhada incapacidade crítica que o levou, por defeito da segura dogmática da sua raça, a qualificar de "algo lorón" o Amadis. Porque, em evidência, a interpolação dos amores de Briolanja — se interpolação é! — não envolve contradicção alguma "con todo lo demás de la fabula" — antes a completa e assinala com maior vigor.

E não se repete de abstrusa a autorização tão ansiosamente enviada por Oriana para que Amadis pejasse o ventre virgem de Briolanja! João de Lobeira era contemporâneo dos Bastardos de D. Dinís, que a Rainha-Santa tão acolhedoramente amimou e protegeu.

Mas nós tocamos no episódio de Briolanja e na sua relação com a vontade do senhor Infante de Portugal, porque nos iam referindo às transformações que nos dados do problema do Amadis introduziram os elementos descobertos por António Tomás Pires. Para adoptar o João Lobeira da cantiga Leonoreta a qualquer personagem equivalente autenticado pelos documentos, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos recuara para o século XIII o âmbito cronológico em que a célebre novela se produziria, homologando o trovador do finíssimo *lais* galaico-português com personalidade de João Pires de Lobeira Alvim, filho bastardo de Pero Soares Alvim e que dispunha de situação na corte no período que decorre de 1258 a 1285.

Assim "el señor infante don Alfonso de Portugal" da nota que a sobreviveu no original de Montalvo de forma alguma se combinava como o futuro herói do Salado. Logicamente, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos recorreu para o irmão de D. Dinís, — o donatário turbulento de algumas vilas fortes da fronteira alentejana, que com tamanhas dificuldades se aquietou no atrevido fermento da sua ambição desenvolva. Parecendo ignorar o achado decisivo de António Tomás Pires que ageita de novo, pe a data da morte do mercador João de Lobeira, o episódio de Briolanja ao sucessor de D. Dinís, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos mantém-se na mesma convicção no elegante prefácio com que engrinalda o livro recente de Afonso Lopes Vieira. Escreve a ilustre senhora com motivo no *lais* "Leonoreta" que se manteve entre as mil e setecentas cantigas do Cancioneiro dito de Colocci-Brancuti e que, guturalizado em castelhano, nós encontramos na redacção subsistente do Amadis: — "Pela epígrafe sabemos, de mais a mais, que o autor se chamava Lobeira, Joan Lobeira. Nome histórico de um vassallo do Infante D. Afonso de Portugal, irmão mais novo del-rei D. Dinís, senhor de Fortalegre e Lourinhã, e unico D. Afonso de Portugal, tanto da primeira como da segunda dinastia que durante toda a sua vida teve positivamente o titulo nobiliárquico de Infante!"

Ora a solução oferecida pela senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos não consegue resistir aos materiais tornados públicos pelo malogrado folclorista elvense. Critériosamente a insigne romancista a alvitara, para que, em face do *lais* "Leonoreta", nos apparecesse palpável a entidade do trovador João de Lobeira, constangendo-se assim o problema a sofrer uma deslocação cronológica sensível. Essa deslocação fornecia razões de peso à teoria de Gottfried Baist segundo a qual o Amadis data da juventude do chanceler Pero López de Ayala, reputando Baist a sobrevivência da cantiga "Leonoreta" no texto definitivo do Amadis como uma interpolação tardia e espúria efectuada pelo próprio Montalvo. Pronunciava-se assim Gottfried Baist pela origem castelhana do Amadis, partindo demais a mais da prioridade, por ele julgada incontestável, da Castela sobre Portugal nas obras escritas em prosa. Outra circunstância socorria também a teoria de Baist: com aspectos de irreversível invulnerabilidade — as referências a um Amadis, por certo

castelhano, que se nos deparam no Cancioneiro de Baena, anteriores a qualquer referência portuguesa conhecida.

A tais objecções responde (Cancioneiro da Ajuda) a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos: — "A respeito de citações, é sabido que ha um vácuo enorme na literatura portuguesa de 1350 a 1445, carecendo nós das obras dos epígonos num cancionero que irmanasse com o de Baena. E é exactamente nesta compilação que abundam as referências aos romances bretónicos e ao Amadis." Quanto à precedência da prosa castelhana sobre a prosa portuguesa, declara a mesma ilustre senhora: — "Se entre os poetas líricos da época galaico-portuguesa ha castelhanos, porque não ha de haver portugueses entre os prosadores? Se foram os galegos-portugueses que exploraram e nacionalizaram as pastorelas, a baleta e os *lais* líricos de Bretanha, porque não haviam de explorar e nacionalizar também poemas diluídos em prosa? Não poderemos considerar novelas de amor como pertencentes à gaia-ciência?" E a eruditíssima romancista acrescenta: — "Se no reinado de Afonso X e Afonso III, os cantares de Cornoalha estavam vulgarizados na península a a ponto de um trovador se poder apropriar o seu *son*, sendo imitado neste procedimento por outros como o mestre cujos *seguires* Don Goncal'Eannes de Vinhal agride na cantiga C V 1007 (Cancioneiro da Ajuda), não ha motivo para se chamar arrojada à conjectura que no mesmo reinado, literariamente tão fecundo, houvesse quem juntamente com os sons bretónicos tentasse senhorear-se da *matier de Bretagne*, traduzindo os *lais* e a novela em prosa — talvez em alguma redacção relativamente curta, intermédia entre a primitiva e a longa vulgata? Perto de 1280, após uso quasi secular, os velhos moldes líricos estavam suficientemente gastos, e teriam sido postos de parte, creio eu, se o talento do reitrovador lhes não tivesse proporcionado nova efflorescência"

Contra a teoria de Baist, fundamentalmente baseada na prioridade da prosa castelhana sobre a prosa portuguesa, não repugna, pois, á senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos admitir que dentro do gosto e preferências britónicas se iniciasse entre nós o pequeno poema em prosa. Parece-me até que daí virá em Portugal a nossa instintiva inclinação para a Novela, fiel sempre, e com uma constância tão notável, à sua hereditariedade lírica. Mas trata-se duma afirmação de índole geral que não modifica sensivelmente os termos em que o problema se enuncia, desde que o arrastemos para os fins de século XIII, de maneira a que o trovador João de Lobeira coincida com o João Pires de Lobeira Alvim, da solução alvitada pela senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos. Porque fica de pé a asserção de Baist, quan-

do data o Amadis da mocidade do chanceler Pero López de Ayala, se não recorrermos aos elementos trazidos à crítica pelas descobertas de António Tomás Pires. Semelhantes elementos justificam intelramente tudo o que de essencial persistiu na lenda ou fama literária que ligava o Amadis a um individuo de apelido Lobeira e com assistência mais ou menos permanente em Elvas. Certifica-nos, para maior certeza, que um Lobeira, — o Vasco, tivera por pai outro Lobeira, — João, exactamente de nome igual ao do trovador da cantiga "Leonoreta". Depois, os dados cronológicos que os documentos publicados pelo malogrado folclorista tão preciosamente nos fornecem, permitem-nos verificar que a vida do mercador João de Lobeira, presumível autor do debatidíssimo *lais*, correu paralela à do rei D. Afonso IV, cujo mordomo-mór, Alvaro Gonçalves, fôra casado com uma irmã de Algodana Annes, segunda mulher de João de Lobeira. Embora não se explique como João de Lobeira convivesse com D. Afonso IV quando infante, para resultar completamente esclarecida a nóvula de Montalvo acerca do episódio de Briolanja, pelo parentesco do mercador-poeta com Alvaro Gonçalves não nos apparece muito difficil o seu contacto com a corte, acrescendo de mais a mais que a corte se deslocava então com rapidês frequência e que tanto D. Dinís como a Rainha-Santa estanciarão muito pelo Alto-Alentejo. Acontece ainda que, em presença dos aludidos documentos, não necessitamos, na esteira de gratuitas invenções nobiliárquicas, de buscar na Galiza a proveniência do apelido "Lobeira." Na região de entre Redondo e Évora já nos primeiros quartéis do século XIV se encontravam o Vale de Lobeira e a Herdade de Lobeira.

Mas ha mais: — os Lobeiras usam as mesmas armas que os Lobões. Ora os Lobões, conquanto assentes e ramificados sobretudo em Trás-os-Montes, são originários da vila e castelo de Lobon, nas margens do Guadiana, algumas léguas adiante de Badajoz.

Não nos esqueçamos também que Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano* nos dá o "livro do Amadis" como traduzido do francês para a nossa lingua por Pedro Lobeira, tabellião de Elvas. E' uma variante que mantém, em todo o caso, o Amadis ligado a Elvas e ao apelido Lobeira. Como variante, em nada afecta o fundo da questão, sendo para observar, no entanto, que no testamento do mercador João de Lobeira se destaca uma allusão a um Pedro Lobeira: — "mando que quitem a Pedro Lobeira o meu quinhão de quanto me deve." Assim, os detalhes convergem para um ponto central comum. Esse ponto accentua-se com inesperada claridade perante os documentos que devemos à benemerência esclarecida de António Tomás Pires. Sem ser

1924

O anno de 1924 — escreve Pio Emauelli no *Messagero* de Roma — é, na base das convenções historicas, o vigésimo quarto do século XX. E' bisexto, isto é, tem 366 dias. Não será inutil repetir, uma vez ainda, a razão dos annos bisextos, e sua occorrença de quatro em quatro annos. Fal-o-emos brevemente e em forma de todo intelligivel. Como se sabe, a Terra realiza a volta completa da sua orbita em derredor do Sol em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos; portanto o acrescimo de um dia todos os quatro annos é um pouco demais. O erro é de 11 minutos por anno, que se tornam 44 em quatro annos e 1.100 em cada século. Foi por essa razão que Gregorio XIII ordenou, em 1582, a suppressão de tres bisextos em quatro seculos, isto é, tornar communs os annos bisextos de 1700, 1800, 1900 e 2100, 2200, 2300, etc. Com essa correccão secular, a posição da Terra, a 1º de Janeiro e no dia do equinoxio da primavera, seriam mantidas rigorosamente exactas, ficando ainda a fazer uma correccão millenaria, cuja execução podemos legar aos nossos longinquos posteror; consiste em um dia em quarenta seculos e basta fazer commum o anno, que deverá ser bisexto, de 6000.

Em 1924, a Paschoa christã será em 20 de Abril. A ultima vez que cahiu nesse dia foi em 1919 e será também em 1930, em 2003, etc. A Paschoa hebraica será em 19 de Abril. Neste anno haverá tres eclipses do Sol e dois da Lua. O 1º, total da Lua, foi a 20 de Fevereiro, visível em parte em Roma; o 2º, parcial do Sol, a 5 de Março, visível na Italia; o 3º, parcial do Sol, a 31 de Julho, invisível na Italia; o 4º, total da Lua, a 14 de Agosto, visível em Roma; e o 5º, parcial do Sol, a 28 de Agosto, invisível na Italia.

Em 1924 não haverá nenhum eclipse total do Sol, sendo o proximo em Janeiro de 1925, visível na America. Neste anno não se poderá pois repetir a experiencia para o estudo da reflexão da luz, segundo Einstein. Na manhã de 8 de Maio se verá em Roma a ultima phase da passagem de Mercurio perto do Sol, que não será visível a olho nú. As ultimas passagens foram em 1907 e 1914. As passagens de Mercurio não são raras, mas rarissimas são as de Venus, a ultima das quaes occorreu a 6 de Dezembro de 1882 e a proxima será a 9 de Junho de 2004.

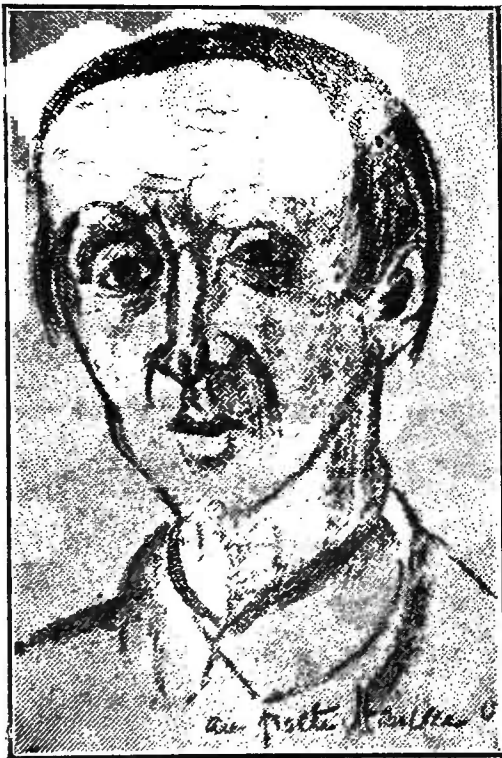
Os cometas periodicos esperados em 1924 são o de Encke e o de Tuttle, ambos muito pequenos e só visiveis com possantes telescopios. Com isso não se excite o apparecimento de um grande cometa, de cauda, como aconteceu em 1858, 1882 e 1910.

MAURICE DU PLESSYS

*Ci repose Plessys qui, d'une souffle
d'athlète,
Entonna des buccins qui faisaient
peur aux cieus
Et qui, de l'éternel trophée
ambitieux
A fléchi d'un poing fort l'inflexible
arbalète.*

Foi esse o epitaphio que o poeta Maurice du Plessys Frandre Noblesse escreveu, em 1896, para o seu túmulo, que acaba de ser aberto. Os amigos do poeta poderão gravá-lo, para perpetuar a sua memória. Maurice du Plessys, que morreu em Paris, no anno passado, era um descendente retardado da Pleiade e neto das musas de Ronsard. Foi, com Moréas e Ernest Raynaud, um dos fundadores da Escola Romana, tendo o ultimo evocado, ainda ha pouco, a sua ardente mocidade e traçado o seu retrato espiritual, dizendo:

"Le chevalier Maurice du Plessys de Lynan donnait alors l'illusion d'un con-



MAURICE DU PLESSYS

temporain de M. de Bernis attardé parmi notre civilisation d'ingénieurs... Je le vois encore, souple et fringant, glissant dans la rue, fuetant l'air d'un stick léger, auquel il imprimait, parfois, au risque d'éborgner les passants, un furieux mouvement de moulinets. Il s'en servait pour ponctuer ses discours, avec des gestes d'écrivain, criblant d'estafilades les malheureux arbres du Boulevard.

Maurice du Plessys não deixa obra muito abundante, tendo estreado com o *Premier Livre des Pastorales*, e, pouco depois, deu seus *Etudes Lyriques*. Inspirado pela Grecia e pela Renascença, foi um passadista, o que não impediu que os seus versos fossem admirados e queridos. Escreveu ainda *Pallas occidentale*, *Les Tristes* e *Olympiques*. É preciso ajuntar que Maurice du Plessys obstinadamente apresentava-se sempre, em vão, ás cadeiras vagas na Academia Franceza.

preciso alterar a posição do problema e corroborando inteiramente a tradição secular que prendia a autoria de *Amadis* a um Lobeira, os mencionados documentos introduzem na questão uma firmeza histórica, contra a qual se baterão debalde as mais engenhosas hipóteses. Escrito por um Vasco ou por um João de Lobeira, sejam de quem forem as suas primeiras redações, sabe-se enfim de sciência

certa que, na realidade, existiu em Elvas um Vasco de Lobeira, cujo pai se chamou João, reunindo-se neste todas as probabilidades de ser, pelo menos, o trovador do *lais* "Leonoreta". A sua condição de mercador, — e rico mercador —, consente que o suponhamos também viajante, não nos surpreendendo pois que no seu pequeno burgo raiano estivesse tanto em contacto com as tendências e modas literárias da época. Foi ele o verdadeiro autor da celebrada novela? Ou seu filho, que transportaria para o bailado de Leonoreta o finissimo *lais*, saído da inspiração paterna? Eis interrogações a que não respondo, porque só penso em traçar as linhas determinantes do problema. Aditarei que Aldonça Annes, enviuvando de João de Lobeira, passou a segundas nupcias com Miguel Sánchez, cavaleiro castelhano, residente em Badajoz. Em carta de 17 de março de 1904, comunicando as suas descobertas a Teofilo Braga, perguntava-lhe António Tomás Pires: — "Não seria o *Amadis* composto por Vasco de Lobeira na lingua castelhana? Ou se o compôs em português, não o passaria ele proprio para o castelhano? É que a lingua castelhana devia ser-lhe bastante familiar. Como se vê, na sentença, a mãe dela, Aldonça Annes, logo depois de viubar de *João de Lobeira*, casou com Miguel Sanchez, cavaleiro castelhano, morador em Badajoz, e se bem que *Vasco de Lobeira* era obrigado pela instituição do morgado a viver em Elvas, não passaria grande parte da sua existência junto de sua mãe e seu padrastrô, atenta a pequena distancia que ha entre Elvas e Badajoz?" Se alguma coisa ha de aproveitável nas suspeitas de António Tomás Pires, os especialistas que se pronunciam.

Considero sobejamente alargada em favor de Portugal, e pelos documentos referidos, a prova externa relativa ao processo, sempre pendente, da nacionalidade do *Amadis*. E como subsídio biográfico, repare-se ainda que, ao inverso da convicção corrente de que Vasco de Lobeira recebeu em Aljubarrota o sagrado grau de Cavalaria, — convicção, por certo, fundamentada em Duarte Nunes de Leão —, Fernão Lopes, na sua *Chronica d'el rey D. Fernando*, cap. CLXXVII nomeia-o já como cavaleiro. Narra-nos o Cronista os alvoroços que levantou em Elvas o facto de ter o alcaide-mór Alvaro Pereira, em seguida á morte de D. Fernando alçado pendão por Dona Beatriz. Revoltando-se o cabecilha do povo Gil Fernandes, foi preso pelo alcaide. Então "ca logo como souberom na villa que elle era preso, meterom mãos arrepicar os signos, e juntouss a gente da villa com a que andava fora, e forom todos combater ho castello; em guisa que ata as mulheres e moços, todos ajudavom com o que podiam. Vendo aquisto Alvaro Pereira fallou aos de fora, dizendo que o soltaria por arrefens, e logo Vasco Lobeira, cavalleiro, e Martin Vasquez, ficaram por elle, e foi solto."

Se conhecesse, pois, os documentos revelados por António Tomás Pires, Menéndez y Pelayo reforçaria como juízo definitivo aquellas suas palavras no monumental trabalho *Origenes de la novela*, ao inventariar os rumores e mais boatos concernentes á filiação lusitana do *Amadis*: — "Lo único digno de tener-se en cuenta que hemos encontrado hasta ahora es la antigua y persistente tradición acerca de Vasco de Lobeira, recogida aisladamente por Azurara, Jan de Barros, y Antonio Ferreriz. Los Poemas de éste, por la estimación en que fueron tenidos, contribuyeron a difundirla, pero ya antes de escribirse, ó a lo menos antes de publicar-se, el nombre de Vasco de Lobeira havia traspasado los límites de Portugal, y habia tenido el honor de figurar en los Diálogos de Medallas del grande Arzobispo de Tarragona Antonio Agustín, el cual no dice, como Teófilo Braga le achaca, que Vasco de Lobeira fue el primer autor del *Amadis*, sino que los portugueses se fiataban de que habia sido el primer autor de este género de fábulas, lo cual es bastante diverso: — "quarum fabularum primum fuisse auctorem Vascom Lobeiram Lusitani jactant." (1)

Pela transcrição de Menéndez y Pelayo, aprende-se que não só em Portugal durava e persistia a atribuição do *Amadis* a Vasco de Lobeira. Surgiram depois, é certo, outras

(1) La traducción latina de los Diálogos de Medallas es de Andrés Scalto. En el original castellano dice Antonio Agustín: "A los quales doy yo en esto tan o crédito como á *Amadis de Gaula*, el cual dicen los portugueses que lo compilo Vasco Lobera. Y replica el otro interlocutor: *Esse es otro secreto que pocos lo saben*". Nota de Menéndez y Pelayo.

versões, (2) mas não tantas que a dominante se não mantivesse com o aspecto que deixamos vincado, reco'hendo-a integralmente no seculo XVIII o douto abade de Sever, Diogo Barbosa Machado, para o seu abundante repositório da *Biblioteca Lusitana*. E não é desinteressante salientar que só assim se explica a bizarra resolução do quinhentista António Ferreira, ao vasar para a arquitetura modernista dum soneto a nótula que, a respeito do episódio de Briolanja e da intervenção do senhor infante de Portugal, subsistira em Montalvo. Principiada a graciosa affectação do clássico, como se quem falasse fosse o príncipe D. Afonso:

*Bom Vasco de Lobeira de oran sem
de prím, que vós avedes bcm contado
os feitos de Amadis, o Namorado,
sem quedar ende por contar i rem.*

Mas se os documentos saídos dos arquivos alentejanos confirmam a longa e persistente tradição, harmonizando-a inclusivamente com as luzes projetadas sobre o problema pela identificação da cantiga de "Leonoreta" com o *lais* equivalente do trovador João de Lobeira, outras razões nos surgem — razões internas, razões de ordem psíquica ou moral, que neste terreno de acidentadas conjecturas nos socorrem com inabalável decisão. Apreciou-se já devidamente a idéa ou conceito do Amor, representado pelo *Amadis*. Não corresponde de maneira alguma á idéa ou conceito de Amor, dimanado das fábulas ou contos do "ciclo bretão" e posto a correr mundo por meio de novelas de Cavalaria. Quanto ao conceito ou idéa do Amor, — igualdade em direitos e deveres dos dois elementos humanos, Homem e Mulher —, personificado no *Amadis* se alheava do espirito ou genio castelhano como incompreensível e até aberrativo, Menéndez y Pelayo sinceramente nolo confessa, chamando "*algo llorón*" ao *Amadis* e declarando que na célebre novela prevalece "*un idealismo sentimental que tiene de gallego ó português mucho más que de castellano*" e que nele o crítico observa "*mucho de encrvante y muelle que contrasta con la ferrea austeridad de las gestas castellanas*." Insiste ainda Menéndez y Pelayo e com Menéndez y Pelayo insisto eu: — "El elemento épico-histórico no aparece por ninguna parte, lo cual seria muy extraño en un libro escrito originalmente en Castilla, donde la epopeya reinaba como soberana y lo habia penetrado todo, desde la historia hasta la literatura didáctica." Por onde, — pela circunstancia da acção do *Amadis* flutuar "en

(2) O desembargador João de Barros, autor do *Espelho de casados*, no seu manuscrito "*Libro das antiguidades e cousas de Antre Douro e Minho* redigido por 1549, e existente em Lisboa, na Biblioteca Pública, dá-nos sem mais razões Vasco de Lobeira como natural do Pôrto. Diz o desembargador, referindo-se á cidade do Douro: "*E daqui foi natural Vasco Lobeira, que fez os primeiros 4 libros do Amadis, obra certo muito subtil, e graciosa e aprovada dos galantes, mas como estas cousas seccão em nossas mãos, os castelhanos lhe mudarão a linguagem, e atribuirão a obra a si*". A última parte da transcrição tinha-se como um dos argumentos em favor da nacionalidade lusitana do *Amadis*, mas ultimamente ficou esse argumento, — que nenhuma falta faz! — inteiramente prejudicado. Oigamos a semelhante respeito o illustre crítico senhor Dr. Fidelino de Figueiredo no seu bellissimo ensaio *Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses* (vid. *Estudos de literatura*, 3ª série, 1918-1920): — "Neste mesmo anno corrente (1919) publicou a Biblioteca Pública do Porto, na série iniciada pelo saudoso director Rocha Peixoto, um manuscrito inédito, intitulado *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, pelo Doutor João de Barros*. Na Biblioteca do Pôrto há cinco exemplares da obra, mas todos incompletos. O Sr. J. M. Augusto da Costa, que dirigiu a edição, escolheu o de n. 1109, que é o mais antigo e tem na catalogação do estabelecimento a nota "de que é o original do autor", o qual viveu no século XVI, e recorreu aos outros em casos de incerteza. Ora neste manuscrito agora publicado não há tal passagem sobre o *Amadis*. Comparando-o com o da Biblioteca Nacional, a nosso pedido, o Sr. Pedro de Azevedo observou que elle conferia em muitos passos, mas divergia completamente em muitos outros, e que era redigido em caligrafia do século XVII. Que valor tem pois tal testemunho, como sendo de João de Barros, se no mais antigo dos seus manuscritos não existe?"

una especie de *atmósfera lírica* que en los siglos XIII y XIV sólo existía allí", rematadamente conclui o eminente sábio que "se siente inclinado el ánimo á buscar en el Oeste ó Noroeste de España la cuna de este libro." "España" valia sempre para Menéndez y Pelayo com sendo a Península. Percebe-se assim que o autor de tantos trabalhos inidivélveis ajuda a Galiza e a Portugal.

Excluido consequentemente o *Amadis da ética* e da psicologia castelhana por mão do proprio Menéndez y Pelayo, — e excluido muito principalmente pelo seu conceito ou idéa do "eterno feminino", não haverá uma íntima relação entre esse conceito ou idéa, e as instituições consuetudinárias do povo português, referentes ao regimen matrimonial? Levanto com isto uma interrogação, que é já por si um novo e não menos apaixonante problema. Diz o nosso *Código civil*, — e aqui em completa concordância com o nosso passado jurídico e sociológico —, no artigo 1098: — "Na falta de qualquer acôrdo ou convenção, entende-se que o casamento é feito segundo o costume do reino..." E logo adiante, no artigo 1108, define-nos o que seja em semelhante matéria o "costume do reino" "O casamento, segundo o costume do reino, — reza o mencionado artigo —, consiste na comunhão, entre os conjuges, de todos os bens presentes e futuros não exceptuados na lei." Qual a origem de tão significativa como singular sobrevivência jurídica?

Falando da "comunidade dos bens" no regimen matrimonial, pondera o abalizado historiador de direito peninsular, D. Eduardo de Hinojosa, no seu *Discurso* de admissão à *Real Academia de Ciências Morais e Políticas*, dissertando acerca da "condição jurídica da mulher": — "La existencia del régimen de la comunidad universal en todos los Estados cristianos de la Reconquista induce a creer que existió ya, como consuetudinario, en el período visigótico." Depois, em seguida a demorado e consciencioso estudo sobre as diversas formas do regimen matrimonial e respectiva evolução, Hinojosa condensa-nos o seu doutíssimo parecer: — "Al investigar las vicisitudes del régimen de bienes de la sociedad conyugal en España, se observa la oposición radical entre los países donde impera el sistema de la comunidad de bienes, la libertad de donaciones entre esposos y la viudedad, persistiendo hasta nuestros días, con sus caracteres esenciales, no obstante las modificaciones debidas á la influencia romana, y aquellos otros en que, habiendo regido estas instituciones en los primeros siglos de la Edad Media, se modifican luego bajo la influencia del sistema dotal romano, singularmente en lo relativo á la incapacidad de la mujer casada. Puede asegurarse, — assevera o doutíssimo catedrático espanhol, recentemente falecido —, que el sistema genuinamente nacional, como lo demuestra el hecho de encontrarse en todos los Estados de la Edad Media española con caracteres más amplos ó más restringidos, es el régimen de la comunidad universal dos bens se mostrasse com características duma larga e perseverante prática consuetudinária. Penso tambem que, dado o papel da mulher na sociedade conyugal, surpreendido em alguns passos de Strabão, e olhando á condição monogâmica de família entre os primitivos habitantes da Península, o regimen da *comunidad universal dos bens* reflectia nos peninsulares uma tendência espontânea ou instintiva que o Cristianismo mais tarde apurou.

Correspondendo ao fundo indígena das instituições hispánicas, conseguiu subsistir nas apertadas zonas occidentais, onde as correntes legalistas ou innovadoras não penetraram tanto. É inubítil que no centro da Península, numa mancha ou noutra, o mesmo fenómeno se aponta, mas nunca com tanta pureza como entre nós. Compreende-se pois que, ao passar para o nosso *Código civil* o regimen da *comunidad universal dos bens*, varios publicistas o saudassem como uma curiosa manifestação de arqueologia ju-

A EUROPA ACTUAL

Hoje a Europa conta 412,5 milhões de habitantes contra 465,5 da guerra mundial. É assim uma baixa de 23 milhões na sua população.

Países	Kilometros	Habitantes
Russia (Europa)	4.131.600	93.195.000
Allemanha (inclusive o territorio do Sarre)	470.390	59.859.000
Inglaterra	244.000	44.318.000
França	551.000	39.402.000
Italia	313.500	18.836.000
Poionia	385.300	27.160.000
Espanha	676.700	21.303.000
Rumania	294.200	16.232.000
Tcheco-Slovaquia	140.500	13.602.000
Jugoslavia	294.000	12.017.000
Hungria	92.700	7.646.000
Polónia	30.400	7.462.000
Hollanda	35.200	6.865.000
Austria	84.000	6.428.000
Portugal	91.900	6.399.000
Suecia	448.300	5.954.000
Bulgaria	103.200	4.861.000
Suissa	41.300	3.880.000
Finlandia	887.600	3.403.000
Dinamarca	44.400	3.289.000
Irlanda (dominio do Imperio Britannico)	69.400	3.216.000
Grecia	128.700	3.152.000
Noruega	323.807	2.650.000
Lituania	58.760	2.546.000
Lettonia	65.800	1.864.000
Turquia (Européa)	24.000	1.500.000
Estonia	47.600	1.109.000
Albania	80.800	890.000
Danzig (sob a administração da Liga das Nações)	1.900	357.000
Luxemburgo	2.600	357.000
Islanda (união pessoal com a Dinamarca)	102.800	95.000

Ha ainda a acrescentar os pequenos países: Fiume com 65.000, Monaco com 23.000, São Marinho com 12, Liechtenstein com 11.000 e Andorra com 5.000 habitantes.

Gibraltar e Malta, tendo juntos uma superficie de 300 kms. e ao todo 232.000 habitantes, são colonias inglezas. Rhodes está sob o protectorado italiano.

rídica. Torna o facto mais saliente a circunstância de existir igualmente com o nome de "fucro del Baylio" uma região bastante circunscrita da Estremadura espanhola, junto a Badajoz. Pratica-se ali tambem a comunhão de bens, pela simples efectivação do matrimonio, — tal como em Portugal, com o "costume do Reino" —, desde que não haja prévia disposição em contrário por parte dos nubentes.

Na curiosa monografia, *Fuero del Baylio*, o seu autor, D. Teófilo Borralló Salgado, "registrador de la propiedad en Badajoz", historia-nos na medida do possível o passado e situação actual do sobredito fuero. Identificando-o por completo com a nossa "comunhão de bens", considera-o um sistema de todo em todo diferente do regimen dotal, e ainda, do regimen matrimonial predominante em Espanha, que é o dos *gananciales*, ou comunhão nos "adquiridos". "Estos dos principales sistemas, que han influido e imperado en la legislación antigua de casi todas las naciones de Europa... eran, pues, conocidos y aplicados en nuestra peninsula, cuando apareció el Fuero del Baylio, con ninguno de los cuales tiene relación, sin embargo, por cuanto aqui se trata de otro sistema distinto constituido por una perfecta comunidad de bienes, con virtualidad distinta de aquellos sistemas anteriores, nacido al amparo de otros costumbres y de otros sentimientos que la varonil entereza y energia de la mujer impuso con su actuación en la guerra y en la conquista del patrimonio familiar para igualar sus derechos con los del marido cuya influencia se manifiesta por esa fusión de bienes apartados ó adquiridos por ambos os conyuges, como una mayor extensión de las arras y ganancias visigóticas, y que en último caso no se presenta sólo en esta región del S. O. de la peninsula pues tiene relación y parecido con tantos otros fueros y costumbres, como el regimen de ganancias ó conquistas de Castilla, Aragón y Navarra, y con el acogimiento de compras e mejoras de algunos territorios catalanes, diferenciandose no obstante de uno y otro regimen en que, al contrario de lo que ocurre en estas, donde se supone, reconoce y acepta un patrimonio privativo de cada conyuge, en el del Baylio todos los bienes deben ser comunes, sean cuales fueren su origen o calificación jurídica."

Afasta-se Borralló Salgado, — e com transparente erro! — do parecer de D. Eduardo de Hinojosa, quando, estabelecendo o regimen da *comunidad de bens* como regra geral nos primórdios da Reconquista, o reputa como herança e prática consuetudinária das velhas populações hispánicas. Persistiu ele em Portugal e na região da provincia de Badajoz como uma revivescência do antigo patrimonio institucional das raças peninsulares. Se por acaso o topamos no direito foral, ou de Castela, ou de Navarra, ou de Aragão, topamo-lo deformado já, como um recurso de excepção e nunca como uma norma assente no consenso colectivo, — segundo se guarda no fuero del Baylio. Esforça-se Borralló Salgado por lhe surpreender a ascendência official num diploma, numa lei. Baidado empenho, só próprio duma coesão restrita! Hinojosa sublinhou bem a pristinidade de tal instituição e Portugal conservou-a, como se fora um país ginococrático, porque não só aqui se acolheram os restos das gentes primelras das Espanhas, como tambem porque espelhava melhor a índole comunitária e lírica do nosso génio. Denuncia Hinojosa a oposição radical que se vincou entre os países peninsulares que se mantiveram fieis ao regimen da *universalidade dos bens* e os que desposaram a feição individualista dos *gananciales*, — ou participação nos *adquiridos*. É a oposição que se concretiza por causas da mais variada natureza no dualismo de Portugal e Castela, principalmente. É a oposição afinal, que leva Castela para a poesia heroica da Gesta e nos deixa a nós a poesia do Coração e da Mágua. Assim se compreende como o *Amadis* se reveia totalmente alheio ás influências e temperamentos de Castela, enquanto que Portugal, transformando, mediante a festejada novela, a concepção egotética do Amor, recebida da *matéria de Bretanha* e dos romances de Cavalaria, cria no *Amadis* esse tipo de moral erótica, que revolucionou o sentir da Europa e immortalizou a alta capacidade afectiva da nossa raça.

Ora na igualdade perfeita de dois seres que se amam, — em Oriana e Amadis, personifica-se a compleição especiaíssima do lusitano, tanto a gosto seu traduzida na instituição social e jurídica da *comunhão de bens*. Não separemos tal instituição daquela psico-

logia que, retratada no *Amadis*, Menéndez y Pelayo confessava estrangeira à alma de Castela, a pátria no noroeste ou no ocidente peninsular. *Amadis* e "comunhão de bens" são aspectos concordes do mesmo sentir colectivo que se enamorou da grande revoada lírica e pelo lirismo se consubstanciou no mito sempiterno do *Encoberito*. Associe-mos agora a estas nossas considerações o resultado do autorizado arabista espanhol, D. Julian Ribera y Tarragó, — e a conclusão será plena e definitiva.

Analizando detalhadamente o cancionero dum poeta árabe de Córdoba — Abencuzman, o senhor Ribera y Tarragó convence-nos com poderosa soma de argumentos de que "la chave misteriosa que explica el mecanismo de las formas poeticas de los varios sistemas líricos del mundo civilizado en la Edad Media está en la lírica andaluza, a que pertenece el Cancionero de Abencuzman". Prova-nos D. Julian Ribera a prioridade do aludido Cancionero sobre as mais recuadas aflorações da lírica provençal. Afiança-nos ao mesmo tempo o criterioso sábio que a poesia de Abencuzman deriva dum pável fonte poética popular, em idioma romance, que D. Julian Ribera não duvida em atribuir mais a galaico-lusitanos do que a aragoneses ou castelhanos. Ele nos diz a razão nas palavras seguintes:

"La lírica gallega, por concesión de romanistas, es una de las más antiguas de Europa, lá más antigua de España; Jeanroy confiesa que la lírica portuguesa es rebelde o la tentativa de adjudicarle origen francés, sobre todo las cantigas ó cantares de amigo". Como reforço à sua tese, o senhor Ribera y Tarragó recorda-nos a notável concorrência de escravos cristãos aos mercados de Córdoba, onde os do noroeste da Península eram preferidos pela sua inteligência e empregados depois em serviços superiores. Calcula-se a importância das revelações do illustre arabista espanhol. "Dados tales antecedentes, — escreve —, yo créo que para explicar el origen de la lírica de Abencuzman debe suponerse: ó una lírica andaluza romanceada, anterior al siglo X, más antigua que la que aparece en los cancioneros portugueses, ó una lírica gallega antiquísima, que la colonia gallega trajo a Andalucía, de donde procede la romanceada andaluza anterior a Abencuzman". Como a hipótese primeira não se verificou até hoje, a conclusão é só uma: buscar no noroeste da Península o tronco da frondosa arvore lírica que bracejou pela Europa e floriu no mundo inteiro. Permite-nos afirma-lo D. Julian Ribera, porque, ainda conforme o seu esclarecido pensamento, "los monumentos de la lírica europea en lenguas vulgares, provençal, alemán de los Minnesinger y la italiana (y aún los latinos de los Carmina buranda, etc.) aparecen con posterioridad á la lírica vulgar de los musulmanes españoles".

E se para a supremacia lírica de galaico-lusitanos os ensinamentos de tão indiscutível autoridade constituem a mais nobilitante carta de nobreza, avançando no fio das nossas deduções, chega o momento de tocarmos o ponto mais imprevisito de todo o complexo problema em que andamos envoltos, — o leitor e eu —, e a cujo ambicionado desfecho tanto quizera trazer subsídios que o provocassem de vez. No seu formidável trabalho, *La escatología musulmana en la Divina Comedia*, outro arabista espanhol não menos insigne, o senhor Asin Palacios, assinala com impressionante documentação a paridade de muitos temas de Dante com os de Abenarabi, místico árabe, natural de Murcia, inclinando-se o senhor Asin Palacios para uma imitação, por parte de Dante, dada a anterioridade de Abenarabi. "Esta coincidencia del Convito de Dante con los Tesoros de Abenarabi, — repara o mencionado senhor — tiene una fuerza sugestiva, que no puede escapar á la penetración de los dantistas, para explicar de un modo, quizá definitivo, los origenes tan oscuras, de la poesia lírica italiana conocida con el nombre de dulce stil nuovo. Guido Guinizelli, Guido Cavalcanti, y Dante Alighieri, contemporáneos los tres, son los creadores de esta nueva estrofa poetica".

Acrescenta depois o doutíssimo catedrático da lingua árabe na Universidade Central de Madrid: — "La mujer amada no es para estos poetas la hembra cuya unión sexual es lo unico en ella apetecible. Al contrario; se la mira sólo como una imagen etérea y espiritual, digna de ser amada platonicamente, con exclusión de todo apetito carnal, como medio de ennoblecer moralmente el alma de lo amante. Para ellos, por eso, el verdadero amor está fuera del matrimonio, en la virginidad perpetua que refrena el instinto sexual, mediante los celos, el temor, el desdén y el

pudor de los amantes. Esta imagen de la mujer amada adquiere, a los ojos de estos poetas, una doble idealización. Unas veces es un angel del cielo, otra es un simbolo de la sabiduria divina, de la filosofia. En ambas, la amada es el instrumento de que Dios se sirve para inspirar a los amantes ideas y sentimientos nobles y sublimes. Asi, el amor de la mujer y el amor de Dios se funden en uno solo".

"Vossler, — prosegue o senhor Asin Palacios —, ha puesto bien en relieve la falta de precedentes clásicos y cristianos para explicar la génesis de esta híbrida teoría del amor, que a la vez es divino o espiritual y corpóreo, de esta forma curiosa y nuevo — son sus palabras — de platonismo que no deriva inmediatamente de Platón. Ni la doctrina de la Iglesia, ni Ovidio, ni Aristóteles ofrecen nada que explique el nacimiento de tal concepto idealista y romántico de la mujer, de tal amor espiritual de la hembra, que, al decir de Vossler, debía aparecer como cosa monstruosa a los ojos de los filósofos y teólogos medievales. Y con un ingenio y erudición más admirables que convincentes, Vossler se esfuerza en llenar este vacío, recurriendo a la psicología de la raza germanica y a sus ideas cabalarescas, emancipadoras de la mujer; las cuales ideas se transforman en doctrina moral al comunicarse a las razas más cultas de la Francia meridional, y luego adquieren la forma de teoría psicológica y literaria en manos de los trovadores provenzales y de los poetas italianos del dulce stil nuovo".

Refuta o senhor Asin Palacios a interpretação do Vossler alegando que "mucho antes de las primeras etapas de esa larga y compleja evolución a que, según Vossler, se hubo de ver submetido en la Europa cristiana el concepto de la hembra y del amor, hasta llegar a la idealización de la mujer amada, convertida en angel o en simbolo de la filosofia, el islam oriental y especialmente el español habian dado de si obras literarias, prosaicas y poeticas, en que el amor romantico de la mujer ofrece idénticos caracteres a los que ostenta la lírica de los poetas del dulce stil nuovo".

Não nos é possível acompanhar em todos os seus raciocínios o senhor Asin Palacios. Protesta elle contra a idéa que atribui correntemente aos mussulmanos um depressivo exercicio do amor sexual. El sumaria exemplos em contrario, — entre elles o da tribu dos Beni-dra, originária dos recessos do Yémen e cujo apelativo "Benidra" pretende significar "filhos da virgindade". "Sou dum raça em que se morre quando se ama", — cantava um dos Beni-dra. O monacato christão da Arabia talvez contribuisse para tanto, verificada a sua influencia sobre a mística e a ascética mussulmanas. Chega a sustentar-se entre os islmitas "que o que se casa e morre casto, morre mártir". "Muchos sufies, inspirándose en esta doctrina, dejan ejemplos heroicos de virginidad perpetua, — informa o senhor Asin Palacios. La esposa, idealizada así por el sentimiento religioso, deja de ser, para estos sufies, hembra e se convierte en compañera o hermana de ascetismo, amada solo en Dios y por Dios".

Depressa semelhantes tendências alcançam expressão na litteratura. No século IX da nossa era, Abendaud de Yspahan no seu *Livro de Venus* faz a apologia desse conceito do amor, que Asin Palacios tem por "amor romántico". Mas é sobretudo Abenházam de Córdoba no *Colar da Pomba*, ou *Livro da Amor*, e ainda nos *Caracteres e a Conduta*, quem estuda, analisa e concede corpo a tão extraordinária concepção amorosa. O *Colar da Pomba* foi publicado recentemente, na mais perfeita integridade do seu texto, pelo arabista D. R. Pétróf, professor á data (1914) na Universidade Imperial de S. Petersburgo. Pétróf assinala-nos a identidade que há entre o *Livro do amor*, de Abenházam ou Ibn-Hazon, e a *Vita nuova*, de Dante. "Dozy a cu raison de souligner la sensibilité exquise d'Ibn-Hazon; vraiment en le lisant nous nous souvenons de l'auteur de la "Vita nuova" Comme Dante, Ibn-Hazon sait toucher les cordes romantiques de la poésie, apprécier le mysticisme et la délicatesse des vrais amants. Très souvent on lit chez lui de beaux passages qui nous rappellent l'histoire du poète florentin et de sa Béatrice. Dans ces passages nous trouvons réunis un psychologue attentif, un fin poète, un homme ému par des souvenirs lointains. La nature même qui nous environne n'est pas oublié. Ibn-Hazon sait montrer quelque charme secret qui existe entre elle et nos sentiments".

Apreciando a edição do *Colar da Pomba*, levada a effeito por Pétróf, o senhor Asin Palacios, comentava-a em termos elogiosos num pequeno artigo da *Revista de filologia española* (ano II. 1915). Notava o erudito arabista que Pétróf ajudava a compreender melhor "las doctrinas cortesanas de los trovadores y de los teorizantes medievales, que en Italia y Pro-

venza parecieron seguir, un siglo después, las huellas de los poetas y psicólogos musulmanes, cuyo tipo es Abenházam en su Colar de la paloma. El mis-editor — adita-se —, es quien se atreve a formular y a razonar estas hipótesis... Haciendo-se eco, en este interesante punto, de las ideas del Sr. Ribera sobre los origenes hispano musulmano de la poesia lírica medieval, el sr. Pétróf cree que seria utilísimo ampliar los estudios recientes de Vossler, Chichmaref, Anglade y Wechsler sobre da la poesia de los trovadores y su doctrina del amor, comparandolos con las ideas de Abenházam, cuyo código erótico procede más de un siglo al formulado por Madre Ermengaud, André le Chapelain e Guido Guinizelli." Atiugimos o nó vital da questão! Se ha que admitir a anterioridade da poesia lírica de Abencuzman sobre as mais recuadas manifestações poéticas do provençalismo, — conforme os estudos de D. Julian Ribera, dada tambem a anterioridade da "doutrina amorosa" de Abenházam, porque não a ligar ao patrimônio ético do lirismo peninsular, donde deriva a lírica de Abencuzmán?

A tal parece propender o senhor Asin Palacios, rejeitando as interpretações de Vossler acêra do critério do Amor e da Mulher que em Itália desponta com a renovação do *dolce stil nuovo*. Constatada pelo longo e exaustivo trabalho do senhor Asin Palacios a inspiração dos místicos e teólogos mussulmanos da Península, todos imbuidos da ascética cristã, no espirito altíssimo de Dante, claramente se aceita que das fontes líricas da Península descenda o lirismo excelso do *dolce stil nuovo*, tão sem raizes na terra sagrada da Itália. Como esse lirismo, — poesia do amor —, entroncava retintamente na velha lírica popular da Península, não islâmica, mas presumivelmente galaico-lusitana, não corresponderá o conceito da Mulher, enlaçado a elle, ao conceito social e moral que transparece na instituição jurídica da "comunhão de bens" e que tão intimamente se casa com todo o passado emotivo dos portugueses? Não é, de resto, o conceito que impôs o *Amadis* como um compêndio de inegalável idealidade e o marca, na feira das litteraturas europeias, com um selo inconfundível?

Eis uma nova questão que se suscita, já agora agarrada com afero ao problema apaixonante do *Amadis*. Não destoa em nada o símbolo de Oriana das teorias exalçadas por Dante até á transcendência máxima da sua Beatriz. Busca o senhor Asin Palacios no Oriente, — no seio do próprio mussulmanismo, a idéa amorosa que inspirou o *Colar da Pomba*, onde não ha duvida que se abasteceriam os teóricos italianos do *dolce stil nuovo*. Para transformarem tão fundamente o caracter islâmico, são decisivas as causas enumeradas: — a ascética cristã e o reflexo do doutrinarismo platónico. Não me convenço, contudo, que se modificasse tão espiritualmente a psicologia islamita. E assim nos casos invocados pelo senhor Asin Palacios, a virgindade no amor, a castidade no casamento, a mulher convivida com irmã, aparecem-nos como provas de sacrificio, — como violência da alma sobre o corpo, como excepção, e não como regra. O inverso succede no amor nitidamente peninsular, fixado, principalmente pelo *Amadis*. A humanidade dos dois seres que se amam nem por isso se mutila, — só se alonga e completa numa unidade espiritual maior. De maneira que não é aos árabes que a chave do enigma se deve pedir. Peça-se antes ao lirismo do ocidente da Península, modificado e intelectualizado mais tarde, ao contacto dos centros cultos do Sul, pelas importações alexandrinistas, como no coração do povo e na mente dos teólogos o houvera sido já pela acção depuradora do Cristianismo. Escutemos, porém, Menéndez y Pelayo sobre Abenházam e o *Colar da Pomba*.

Depõe o eminente crítico: — "Pero con ser tantos los géneros indicados hasta ahora (Menéndez y Pelayo falava da novela e do conto entre os árabes, sobretudo entre os árabes occidentais), no se agotó en ellos la actividad creadora del ingenio árabe, mostrando-se quizá en España con más brio y pujanza que en Oriente, hasta llegar á producir, aunque aisladamente, algunos libros que parecen modernos y cuyos rasgos cautivan por lo inusitado dentro de la cultura á que pertenecen. Tal concepción la sorprendente aparición (en que Dozy reparó el primero) del idealismo amoroso, de una especie de petrarquismo más humano que el de Petrarca en el bellísimo cuento de los Amores, del cordobés Abenházam, primera novela íntima que en los tiempos modernos puede encontrarse; una especie de Vita nuova escrita siglo y medio an-

tes de Dante, y que ofrece testimonio, contra vulgaras y arraigadas preocupaciones, del grado de fuerza y profundidad afectiva á que si bien por excepción, podían llegar, no ciertamente los árabes puros sino los musulmanes andaluces de origen español y cristiano, como lo era este gran polígrafo Aben-Hazam. El mismo Dozy, tan poco sospechoso en este punto, explica por el origen de Aben-Hazam su galantería delicada y sensibilidad exquisita. "No hay que olvidar, escribó, que este poeta, el más casto, y estoy por decir el más cristiano entre los poetas musulmanes, no era árabe de puro sangre. Bisnieto de un español cristiano, no había perdido por completo la manera de pensar y de sentir propias de la raza de que procedía. Estos españoles arabizados sabían renegar de su origen y acostumbaban perseguir con sarcasmos á sus antiguos correligionarios; pero en el fondo de su corazón quedaba siempre algo puro, delicado, capritual, que no era árabe."

Tudo se congreja, como se vê, para conferir possibilidades estranhas à identificação da "doutrina do amor" sublimada por Dante, com o primitivo fundo lírico do ocidental da Península. De petrarquismo mais humano que o de Petrarca capitula Menéndez y Pelayo a história amorosa de Abenhamaz. Prova de que ela se achava ainda perto da nascente, sem as intromissões filosóficas que a complicaram depois, misturando-lhe resíduos abastardados de neoplatonismo. A ascendência cristã de Abenhamaz ajuda-nos a fortalecer as nossas suspeitas. E se nos lembrarmos que o Colar da Pomba nos narra a paixão do seu autor durante mais de trinta anos por uma dama de Córdova, sem que de longe fosse correspondida, sentimo-nos logo próximos da fidelidade desinteressada de Amadis a Oriana e bem distanciados dos desesperos e das violências sentimentais do romance de Cavalaria. Não passe também sem reparo que o árabe siciliano Aben-Zafer na sua obra *Salwán* incluiu uma novela, intitulada o *Cavaleiro Galego*, — novela de amor, detalhe-se. "La elección de un gallego para protagonista de dicha novela, — observa Garcia de la Riega —, puede acusar la fama que en el siglo XII alcanzaban nuestros caballeros, ya en cuanto al amor, ya con respecto á la valentia, á la inteligencia y otras cualidades personales; y es de creer que Aben-Zafer no escogería á la ventura un caballero de cualquier país para héroe de su novela, sino del que gozase renombre adecuado, a fin de que uno de sus naturales nobles figurase en ella justificadamente, y con mayor motivo si en ese país se rendía un terno culto a la mujer y al amor. No escogió a un bretón ni a un francés" Garcia de la Riega, exagerado no seu patriotismo galego, não é autoridade em que se haja de confiar. Em todo o caso, af registamos a indicação, a que não se nega nem lógica nem fundamento.

Eis, — desde os materiais trazidos ao problema do *Amadis* pelas descobertas positivas de António Tomás Pires até à coincidência de sua amorosidade com as características sociais e morais da nossa raça —, o que se me apresenta de irrefutável consideração, quando abordamos a questão sempre controvertida da nacionalidade da grande novela. Não importa averiguar que redacção prevaleceu, — se vier ou não de fora o tema desenvolvido pelo seu feliz autor. Com agudeza sintetiza a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: — "Sobretudo, foi o idealismo amoroso de *Amadis* que impressionou os Quinhentistas. Foi a admirável combinação que há nele de uma audácia e heroicidade a toda a prova, em perigos guerras, e, na paz, de mesura discreta, suave melancolia e sentimentalidade meiga, qualidades que estavam em contraste abençoado com a bárbara rudeza de costumes, documentada em numerosas façanhas registadas nos *Livros de Linhagens*. Por isso não acabam os louvores a *Amadis o Casto*, *Amadis o Ical*, a *Amadis o bom amador*."

Efectivamente, o valor do *Amadis* consiste no seu idealismo amoroso. Ferido pela impermeabilidade afectiva da alma castelhana, o chanceler Pero López de Ayala queixava-se ao cativo de Obidos de haver perdido a sua mocidade em "derrames e mentiras probadas". — Na leitura de "*Amadis*" e "*Lanzarote*". Mas séculos volvidos, um outro cativo, — Francisco I, conhece na sua prisão de Madrid o texto de Montalvo e contribui, ao contrário, para o prestígio da célebre novela. Prestígio literário? Não: antes prestígio sentimental. Herberay des Essarts tenta immediata-

A SAUDADE PORTUGUEZA

Será a Saudade portugueza uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam nas caravelas da Índia e deixavam os seus em aldeias estreminhas, minhotas, beirões ou para de trás os montes?

Será este apêgo a gostar só do que é seu e cujo afastamento logo causa nostálgicas dores, um gasto romanticismo amolentador da vontade, peando quem precisa e deve de palmilhar o mundo para o conhecer e conquistar?

Será um entorpecedor quebranto que nos açapa numa porção limitada da Terra, como concha colada ao seu penedo, ou como tourão contumaz no seu buraco, fazendo do mundo inteiro unicamente aquele bocadinho em que se vive?

Será pernicioso sedentarismo? Será habito inveterado? Será individualismo estreito, confinado em curto horizonte, onde o espirito se não dilata, por não se renovar o ar respirado? Será inaptidão para a desconmodidade que, por vezes, as viagens apresentam? Será pobreza da alma restrita de sympatia? Será impotencia de amor universal? Será incapacidade de expansão humana? Será uma alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço?

ANTERO DE FIGUEIREDO.

mente a tradução. Escapava, porém, ao esr rito francês a delicadeza emotiva da novela dos Lobeiras, — e em mais dum episódio a sua espiritualidade branda torce-se em incen livo sensual, mascara-se num desejo inferior de carne mal reprimido. Não é inutil escutarmos Eugène Baret acêrca da adaptação de Des Essarts.

"Des Essarts, il est vrai, retranche ou abrège, quelquefois avec goût, certains gloses de Montalvo, évidemment étrangères á l'ancien écrit; mais lui-même gâte souvent et falsifie l'original, tantôt avec le pédantisme de son siècle, tantôt avec la plus bizarre affecterie, tantôt avec une licence d'imagination et de langage tout á fait digne d'un contemporain de Brantôme et de Rabelais. La convenance m'interdit de donner les preuves de ce dernier genre d'altérations; altérations d'autant plus graves, qu'elles défigurent complètement sur ce point le caractère de l'original espagnol, dont l'auteur, s'il touche quelquefois avec réserve certaines aventures romanesques, n'est du moins jamais, ni par l'imagination, ni par l'expression, de connivence avec le vice"

Pelo testemunho de Baret se averigua a contrafacção com que Herberay des Essarts correspondeu ao entusiasmo de Francisco I. Injustíssimas, pois, as reflexões de Ernest Saillièrre no seu magnífico volume *Les origines romanesques de la morale et de la politique romantiques*, quando assevera, referindo-se ás traduções e edições sucessivas do *Amadis* em França: — "Le caractère de ces Amadis, qui ont prolongé de façon imprévue l'influence du roman de chevalerie sur la pensée de nos pères, est de faire peu de place á l'adultère, qui s'étalait au premier plan dans quelques-uns des plus célèbres romans bretons du XII siècle, mais d'instituer en revanche une véritable école de capitulation amoureuse á l'adresse des filles sollicitées par quelque chevalier courtois. (On sait que Jean-Jacques sera, lui aussi, fort indulgent á ce dernier genre de désordre passionnel). — De là les plaintes qui formulèrent bientôt des moralistes peu suspects de pruderie, tels que la Noue, devant les regrettables effets de ces lectures: — "J'ai oui dire á un bon gentilhomme, écrit le vaillant soldat des guerres ultramontaines, au sixième de ses "Discours politiques et militaires", que ces livres avaient une propriété occulte á la génération des cornes, et je me doute que lui-même en avait fait l'expérience"

Achamo-nos em frente da grande bastardia sofrida pelo nosso génio lírico ao ser transposto o *Amadis* para linguagem francesa. De tal bastardia padecer hoje a Europa as consequências. A moral erótica, que gerou o Romantismo e abriu as portas á Revolução, eis donde procede. "Nous vivons depuis plus de deux siècles sous le signe de la femme", — lamenta Ernest Saillièrre. Mas essa perversão ideológica e sentimental não é própria do *Amadis*, — como criação portugueza. Nós já acertuámos como a igualdade da Mulher e do Marido, vertida na instituição jurídica da "comunhão de bens", representa a base secular de familia entre nós. Aditaremos agora que, a caminho de Monserrate, ao ir oferecer-se á Virgem, o nobre D. Inigo de Loyola, depois fundador da gloriosa Companhia de Jesus, levava o *Amadis* de cor e só pensava em o imitar na fidelidade guardada por elle a sua senhora Oriana. Donde, por consequen-

te, o mal? Das generalizações peculiares da intelligência francesa, — do excessivo racionalismo da sua compreensão moral e social. De resto, o nosso lirismo manifesta-se tão estranho á essência do espirito tradicional da França, que Sismondi, ocupando-se de Jorge de Monte-Mór, não se conteve sem exclamar: — "Há em todos os seus versos uma moleza lidiana que poderíamos esperar dos italianos efeminados pela escravidão, mas que confunde em homens tão homens, como os guerreiros de Carlos V. Era, por outras palavras o que Maese Nicolas, — barbeiro daquelle pobre senhor Alonso Quijada, queria dizer de "D. "Amadis", ao encontra-lo "algo llorón."

A face de tudo o que se trouxe para este sucinto estudo, avalia-se, pois, a magnitude do problema do *Amadis*. Apaixonou estrangeiros e nacionais. Na altivez das suas indeclináveis superstições étnicas, o conde de Gobineau chamava-lhe a mais alta flor da idealidade humana, — e tanto que elegeu o *Donzel do Mar* para herói dum poema seu, a que, se falta beleza, não faltam nem amplitude nem intenções. Os Judeus traduziram a nobre novela para a sua língua segrada, imprimindo-a em Constantinopla. Apesar dos seus aze-dumes, Menéndez y Pelayo reconhece que "sin el vértigo amoroso de *Tristán*, sin la adúltera posisión de *Lanzarote*, sin el equívoco misticismo de los héroes del *Santo Graal*, *Amadis* es el tipo del perfecto caballero, el espejo del valor y de la cortesia, el dechado de vasallos leales y de finos y constantes amadores, el escudo y amparo de los debiles y mcnesterosos, el brazo armado puesto al servicio del orden moral y de la justicia." Entende-se já porque D. Quichote o tomou para modelo, copiando-lhe até o retiro de Beltenebros, quando se foi a sóitário da Serra Morena. Percebe-se tambem que o cura e o barbeiro o salvassem do fogo expiatório. E já não nos admiramos que Goethe, — o olímpico Goethe! —, em carta a Schiller, se confessasse envergonhado de ter lido muito tarde a tão admirável livro.

Regressa hoje o *Amadis* na essência da sua elevação lírica á pátria donde andava desterrado. A restituição de Afonso Lopes Vieira mostra-no-lo bem digno da hereditariedade emotiva dos dois Lobeiras. O idealismo amoroso do *Amadis*, que cativou o desdem pessimista do conde de Gobineau, como perfumara de encanto o solitarismo aquilino de Goethe, devolve-se, enfim, no giro dos séculos, á nascente copiosa de que brotara. Não se trata dum successo literário ou dum facto de mera erudição. Trata-se, palpavelmente, dum acontecimento nacional. Importa, portanto, como comentário condigno, restituir o *Amadis* a todo o seu enorme significado. Duas vezes a Europa é filha de Portugal, — insistimos. Desviamos o eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, — e assim lhe oferecemos o scetro da Idade Moderna. Transmittimos-lhe no conceito moral e affectivo do *Amadis* uma idéa ou noção do Amor, que é ainda hoje, desde os desvios affectivos do Romantismo ás virtudes fundamentais do Character, a directriz universalmente aceite da sociabilidade occidental. Resume-se assim na historia do *Amadis* a história da sensibilidade europeia. E, no entanto, o *Amadis*, meus senhores, por pequeninos que nós outros sejamos, não é mais do que um capítulo da história da nossa sensibilidade. — da história da sensibilidade do povo lusitano!

Antonio SARDINHA

CHRONICAS DE MALAZARTE

VI

Oh, viajar! Cendrars me aconselha a não sair do Brasil... Verdade: não precisei me partir da terrinha para tornar brasileiro, mas... Não sei. Agora foi a *rentrée* quasi geral dos modernistas de S. Paulo que estavam no Oriente. A Sra. Tarsila Amaral, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Sergio Milliet... Vocês pensam que eles vieram estrangeiros? Não, senhores! Mais indígenas que nunca. Tarsila enterrou-se, que entusiasmo! no estudo do mau gosto brasileiro. E anda a tirar dele combinações adoráveis de colorido para os quadros mais recentes. E Oswald então? Escreveu um livro que é a resenha de tudo quanto o brasileiro fala para maltratar a lingua portuguesa. Delicioso de bom humor. Sergio canta a decadência da Europa. — Ora, um brasileiro que escreve em francês! — Enganam-se. Já escreve em brasileiro. Tanto o "Milrés a duzia" como as "Naturezas Mortas" escreveu-as em brasileiro. Sim. Estão vendo? Belazarte não precisou sair do Brasil para se nacionalizar, mas a cada novo amigo que aqui chega, disse-me, do-lhe uma como que sensação de insuficiência propria. Não ha duvida: sempre é melhor ver com os olhos e apalpar com os dedos a ler nos livros e em quanta revista ha pela Europa. — Eu preciso viajar. Ao menos para voltar. Voltar viajado. E evitar duma vez esse argumento do cubistissimo Oswald, que, quando levado á parede nas discussões, lá vem com o irritante: "Belazarte, você não viu nada!" Ora bolas! Preciso conhecer o Oriente.

Para Belazarte oriente é a Europa. É creio que tem razão. Oriente é tudo que passa e se diferencia da civilização que mais corresponde ao momento da vida. O desprezo de Belazarte talvez seja um pouco antecipado; mas a Europa já não corresponde inteiramente ao momento de vida do universo, sob muitos aspectos. A politica, o comercio, o poder helico, a adaptação á época, por exemplo... Quando estiveram em civilização actual China, India, Egito, Grecia, compreende-se, tudo o mais era oriente. Pasmaceiras, exquisitices, morbidez, brilhos estranhos. Quando foi do momento da Italia, França, Espanha, aqueles países viraram oriente. Nêles a exquisitice. Dêles o sabor exótico. Agora a civilização, já tirou um dos seus pés da Europa e o lançou, gesto agilimo! através dos atlânticos. Pousou-o delicadamente nas Americas. Ah! pé de anjo... Derribou florestas, esborrachou bisontes e jaboticabas, matou índio que não foi vida! Que penal Mas a Europa vai ficando oriente. Belazarte: — Não senhor! já ficou oriente. Aliás na geografia foi sempre oriente para nós. Que ha de mais exótico, por exemplo, que o cortejo das Panateneas ou uma manifestação trabalhista no país em que desfila, glorioso e nacionalissimo, o cordão Flôr do Abacate? Olhe você que simbolo maravilhoso do exotismo, (decadente, graças a Deus!) dos nossos homens de letras!... Que fez a França? Deu-lhes um Trianon que grita a sua extravagancia oriental entre a colunata das palmeiras e o pinote do Corcovado. A França fez muito bem. O orientalismo do Trianon ali na Avenida das Nações, exprime perfeitamente a nossa academia francesa. Si quizermos corresponder ao país e representar o 1924 do Brasil, havemos de trabalhar outros ideais que os do sanatorio europeu. Observemos-lhe a higiene. Suguemos-lhe a lição. Concorde. Mas como o estomago. O que tem de exótico, de inadaptable, que não pode ser digerido... para fóra! O Brasil, si quizer ser Brasil, tem de funcionar como um estomago. E si europeus

emigrarem para cá... Aceitemo-los. Mas é preciso digeri-los imediatamente, como já fazem os Estados Unidos! Santa Maria! a quifose admiravel dêses americanos do nortel... Assim temos de ser. Caso contrario: intoxicação. A Europa é sanatorio oriental. Ilha da Madeira para os americanos. Consinto que se vá lá. Homeopatia excelente. *Similia similibus curantur*. Escute o que dizem nossos amigos:

"La voice sur son declin l'Europe Mourant
De vieillesse et de fain
Partout coule son sang mauvais
Et se traine misérable
La pensée criminelle.
Cctte épicière aux yeux malins
Regarde grandir le nouveau monde
Elle pose à la dame distinguée
Et lui offre des suceries
Mais qu'a-t-elle fait de son esprit?
Et ne voit-elle pas que l'enfant devient homme?
La pitié?
Notre siècle Pignore
Que ne meurt elle en beauté tout au moins!"

Noutro poema, tambem do mesmo "Le Coq et le Perroquet", Sergio Milliet exclama:

"Regardez notre adolescence
Faites de joie et de confiance
Tu te mets au régime ô France
C'est mauvais signe
Seuls les vieillars craignent le vin..."

Isso. Apenas em lugar de "vinho" eu teria posto pinga. Depois que Tarsila Amaral, nas reuniões famosas do seu *atelier* em Paris, onde desfilaram, amigos, os maiores nomes da mocidade francesa, Satie (60 anos!) Cendrars, Léger, Lhote, Gleizes, Picasso, Cocteau, Supervielle, Goll, tantos e tantos! junto de Brecheret, Villa Lobos, Anita Malfatti, João de Sousa Lima, Di Cavalcanti e os recémchegados de lá, depois que Tarsila lhes deitava nos calices a pinga generosa...

— Vinho de Hebe...

— Cale-se!... então Sousa Lima sentava-se ao piano. O samba bambeava as cordas sonoras. E, mãos dadas, todos cantavam, dansavam rejuvenescidos pela alegria da terrestre bebida. Claudel não aguentaria. Juro! Nem outros bacilos perniciosos...

— Tu! Belazarte, um melancolico! a prègar maxises!

— Vá tomar banho! Eu raciocino. Eu penso. Eis toda a minha melancolia. Sou escravo da inteligencia. Reconheço minha servidão. Mas tambem, "da lua ao clarô" junto da fogueira guinchante, por detrás das senzalas, os negros passavam a noite inteira a dansar. Eu reconheço o direito de dansa e a juvenildade da pinga, simbolo nacional. A Europa é oriente. Esfalfamento.

— Belazarte, verifico principalmente que estás nacionalista.

— Sempre fui. Mas nacionalista que não teme a concorrência estrangeira. Nós precisamos do estrangeiro e de estrangeirismos. A lição do oriente é necessaria. E ninguem vive sem ferias. Descansemos na Madeira! Mas voltemos rijos como Paulo Prado. Robusto, alegre, de vistas largas. Mas brasileirissimo. Até se meteu a estudar a tristeza nacional! E modernissimo tambem!

Pois não: Paulo Prado, como toda pessoa inteligente, é curioso. E facil. Mo-

dernizou-se rapido. Aliás já lhe deviamos o ter sido o mais seguro apóio na organização da Semana de Arte Moderna. E não está sozinho. Muita gente aceita já sem arripios nem medo de pecar os corpos de Brecheret e as melodias de Villa-Lobos. O Rio então moderniza-se com rapidez espantosa. Principalmente sob o ponto de vista literario. Em compensação S. Paulo, com o café a peso de oiro, age de outra forma. Hoje, em nossas colleções particulares já se encontram alguns dos maiores nomes das correntes modernas. Originaes de muitos dos mestres do cubismo, do post-cubismo e do expressionismo. Até obras celebres aqui estão. Assim o quadro de Delaunay "La Tour Eiffel", na coleção da nossa admiravel pintora Tarsila Amaral. Ainda com ela se guardam um esplendido Gleizes, chefe do cubismo integral e um Léger. Nos salões da Exma. Sra. O. P. grita a "Natureza Morta" de Léger, quadro que se considera um dos mais perfeitos do mestre. Paulo Prado por sua vez tem um delicioso Gris e um Duffy. Survage tem dois exemplares aqui; um dos quais, excelente, pertence a Oswald de Andrade. A familia Klabin guarda um Segall da ultima fase — artista russo, já representado em varias grandes pinacotecas alemãs. Contam-se ainda, só que eu sei, outros Légers, outros Gris, um delicioso Valmier, um Matisse, e brevemente tres Lhotes, entre os quais o "Foot-Ball", para cujo elogio Edmond Jaloux requeria meia pagina de jornal. Dos expressionistas alemães conheço assinaturas de Meidner, Unoldt, Zeewald, outros ainda. Muito já. E si eu disser que é quasi certo vir a S. Paulo a "Mise au Tombeau" de Brecheret... Minha divina alegria! Tambem sorris Belazarte? Pega o chapéu. E' hora do almoço a Paulo Prado. E fomos. Reunidos pela fidalga energia de Renée Thiollier já muitos do grupo se dispersavam pelos salões do Terminus. Malazarte fazia pandegas de morrer de rir. Foi êle que pronunciou a "Bateria de petardos festivos para comemorar a entrada de Paulo Prado na guerra" Eis a bateria:

"A paca sarapintada (sintese simbolica da curiosidade inquieta e do cochicho roedor) quis espiar muito para fóra das raizes avoengas, solarengas da seringueira amazonica. Que aconteceu? Escorregou na seiva liquida da borracha, ainda mais escorregadica porque lhe andava de mistura o azeite dos eternos namoros do luso com as Tetis de ignotas praias... Amazonia! Mas a paca escorregou apenas? Não. A paca sarapintada, num cadomhlê dobrado de retreta guerreira, degingolou do Amazonas pela carta geografica abaixo. Iria parar no estreito de Magalhães, si não lhe abatesse o impeto do tombo viageiro e racial o obelisco da Concordia de Ahaixo-ô-Piques. Mas a fôrça com que vinha degingolando, permitiu-lhe ainda escorregar pelas pedrinhas Duhugas de bugres da ladeira neo-colonial, arrastar-se pelos asfaltos novos do viaduto do chá e rua Libero Badaíando pelo largo de S. Bento a dentro, entrar, escorregando sempre, pelos ladrilhos de Bisancio da igreja abacial. Só parou no centro da nave, onde uma arca da aliança de Noé guarda sob a tampa circular, monoculo displicente de bronze elegantissimo, os restos mortais da semente duma velha e nobre familia paulista. Mal acordada ainda do susto do tombo da torre do Tombo de marfim parnasiano, simbolista, penumbriata, etc... a curiosa paca leu as letras do monoculo-epitafio, presidente da tradição paulistana.

Comoveu-se a paca sarapintada ante tal elegancia — passado — futuro e em voz lenta, pachorrenta... de outono? não: dês primaveras de Casimiro de Abrindo-a-boca alegre murmurou: Agarre o monoculo bronzeo tradicional e moderno! Este me basta! Fico aqui!

PAUL RENOUARD

Morreu em Paris esse desenhista famoso, que foi um dos mais vivos cronistas de seu tempo, tendo a sua obra, na *Illustration*, de Paris, e no *Graphic*, de Londres, sido das mais estimáveis como desenhista. Aguafortista, um pouco lithographo, também pintor, Renouard deixou uma obra considerável, da qual salientamos seus albums *Moviments*, *Gestes*, *Expressions*, de 1905, em que ha mais de mil aguas fortés; *Croquis d'Animaux*, *L'Opéra*, *La Danse*, *Rome pendant la Semaine Sainte*, *Le Procès de Rennes*, *L'exposition de 1900*, *Commemoration du 75^e anniversaire de l'Indépendance Belge*, *La Guerre*. Mas tudo isso, como escreveu o Sr. Clement-Janin é pouco junto dos seus desenhos, que são documentos de tal originalidade que nenhum historiador serio do periodo de 1890 a 1920 poderá esquecel-os, por tal forma são verdadeiros, e que os amadores disputarão, pelo seu nervo e pela sua sensibilidade.

Paul Renouard nasceu em 1845, em Com-Cheverny (Loir-et-Cher). Vindo para Paris entrou para o atelier de Pils e estreou no Salão em 1877, com uma série de desenhos. Depois entregou-se ao "jornalismo do lapis" e obteve sempre um grande successo. Como Constantin Guys, foi Renouard um dos melhores e mais subteis commentadores do seu tempo, julgando as coisas através dos desenhos com que as annotava ou fixava. Deu-nos

assim as principaes scenas do processo-Dreyfus, as grandes e apparatusas solemnidades inglezas, flagrantes dos bairros pobres de Paris e Londres, scenas banaes



PAUL RENOUARD

e quotidianas, a que seu lapis e seu buril davam incomparavel prestigio. Morreu aos 79 annos, deixando uma obra notavel, da qual não prescindirão os chronicistas futuros que tiverem de reconstruir essa quadra da vida de Paris e Londres.

Moralidade desta fabula:

Uma flor procura outra.

Senhores:

Isto é um geito gracioso e dadaista de dizer que a Oswaldo de Andrade devemos a definitiva camaradagem de Paulo Prado; por cuja gloria comemos juntos nesta quarta-feira. Juntos integralmente, palavra! pois que as figuras de Graça Aranha e de Manuel embandeiraram esta comida com o desejado apóio de Mem de Sá.

Oswaldo de Andrade, último botão de amazonenses, é a paca degradingolada das raizes da seringueira — assim equiparado tão sómente pelas características morais da companheira de tatú-cotia-não, isto é: curiosidade inquieta e cochicho roedor. Curiosidade inquieta caraveleira a descobrir escultores eremitas e patricios de bom humor. Cochicho ciciosinho, proselitando entre os anuncios 14-de-Julho da Place Clichy a impassibilidade circumspecta do embaixador Sousa Dantas, ou roendo de permeio a dois baloçoos verdes de tombadilho a metalica indiferença dum senhor galvanoplastizado, mas finalmente estacando inerme na quietude das redacções paulistanas ante a suspicaz toleima dum passadismo sebento que bento - frade onde seu mestre mandar iremos todos, não é? oh! manadas de jabotis cascaduras, gente de andar troli em subida, contentada com a vaidade epidérmica de ser apenas filamento do biceps-bando do regionalismo Clube literario caixeiral Botucatu Leconte!

Oswaldo de Andrade, cochichadamente proselitando sempre, encontrou um dia em Paris o nosso amigo Paulo Prado; e, com a impetuosidade confiante que lhe roseia a esperança, atacou essa facil curiosidade em floração. Digo "facil" porque a inteligencia de Paulo Prado, alerta, livre e larga as amarras! não esperneia saudosista ao passar pelo marco de ouro do decimo segundo quilometro da rodovia existencia, mas está humanamente (caso raro!) disposta a alcançar o decimo terceiro, o seguinte e, si for possível, muitos mais. Ai! vida que passas, passas, passaditando o ridiculo finca-pé dos empacados numa paralisia infantil e espiritual. Não. Paulo Prado

é um brasileiro que traz o mundo na mão. Não importa boi-zebú, nem se importa em explorar as propriedades tintureiras do pau-brasil; antes reconhece que o durhan milhora a carne do curraleiro e que o café de Costa Rica inda é melhor que o nosso nos dai hoje assim mesmo como é, Senhor meu Deus! porque sem éle que seria de São Paulo (Prado) e das finanças do Brasil? Amem.

Paulo Prado, sobre o itinerario de Oswaldo, ia de Seca em Brankusi - Léger - Cocteau Medrano - e Fratellini, e, agilizado pela curiosidade vivaz e inteligencia 120 H. P., que não permite estagnação (character do brasileiro-equador) observou, comparou e logo compreendeu tudo. Então entrou gentilmente no Dancing de Montmartre da Verdade-Einstein e pelos duzentos autofalantes do bom-senso da actual Exposição de Fisica, concludentemente autofalou:

Cendrars! Cendrars, grande poeta de França! Gleizes rosenberguicia a nova comoção. Delicia! Não tenho escolas, não me prendo a nenhuma facção, nem me preocupam capelinhas de arte! Não sou cubista; mas quem não admite o cubismo é burro. E o meu Brasil, que atraso! Só alguns de S. Paulo-e-Rio são 1924. O resto pastoreia em violas gondoleiras os cisnes agonizantes de Bruges-a-Morte aos tolos! E mesmo aqueles que regionalizam em serie, atapardam-se modorrados no 40 graus á sombra, impressionistamente impressionados pelas unhas sujas do caipira e sentimental. Que diabo! E' muito mais brasileiro, país de America, sem tradição nem museus, devorar antropofogamente as cruas carnes dum Picasso ao picadinho tico-tico divisionista do impressionismo importado e sem importancia, oh, sabiá! Isso nos ensina a desretorica dos nossos progressos vertiginosos, quebras, riquezas de segundo, ilusões, esperanças, contrastes mais fortes que a multiplicação por dez mil de todas as antiteses de Vitor Hugo; terra do Brasil, de caudilhos ao sul e modorras ao norte, cem milreis por sessão para um

homem se deixar immortalizar e em que nas tardes languidas de Paulicea o pellencanamento cubista da Gazolina Montano dessedenta os fordes vindos de Araquara, Ribeirão Preto a Rio Preto. Esta gente se esquece que ainda sopra nas veias brasílicas a inubia de sons rectos, em nossos umbigos batuca o tantam cabinda em butantam de samba rijo, o abacaxi espeta alaranjado chaga o plai-no verde — coisas modernissimas estas, contribuição nacional aos quatro pianos de Strawinsky e aos ballados jazz-band "Creation du Monde" de Dario Milhaud. E severo: Yes, we have no bananas today, observou; não melancolico, mas irritado com a bobagem do batalhão de cegos mulatos, mamelucos, caborés que segue o desnoriteio de "Les Aveugles" de Maeterlinck. Bateu com o punho na mesa e disse convictamente: Sêbo!

O dia em que foram pronunciadas por Paulo Prado as magicas silabas deste refrão, verificamos que éle era dos nossos, comprehendera a benefica... cruzada? não: cruzeiro-do-sul com que os submarinos modernistas brasílicos andavam a por no fundo os batelões calhambeques couraçados. De-in-ôdoros das artes nacionais. Isto verificado pusemo-nos a amar o novo extrema... direita apenas, não se assustem! do seleccionado Rio-S. Paulo e resolvemos, para glória do novo esportista, comer juntinhos nesta quarta-feira.

Mas não bastou ao conquistado livre arrebanhar o grupo itinerante para o ágape de confraternização dos brasileiros-de-hoje em Paris. Nem mesmo Paulo Prado se tarsilizou no encanto delicioso das artes puras e do cubismo integral. Em vez, não! Quando as Musas neo-brasílicas, pinchando gestos duma escultura admiravel, irromperam banquete a-dentro, gritando: "Paulo, meu Paulo, vingança!" éle não pôde mais e explodiu. Então se pôs a defender Brecheret. Palavra de duas mil velas, estilo cubista, energico e acúleo, apuou o cangote suino da estupidez. E' verdade: explodiu. Tanto é certo que desta vez Oswaldo de Andrade descobrira a polvora. Que aconteceu com a explosão? Feriu alguém? Matou? Não. Boliu apenas, que não vale a pena destrui-la, nem é possível, pois não! a teia de aranha da Arcadia dos Descansados, que nos dá felicidade e até mais alegria nos trás. Mas no figueiral figueiredo dos ainda-classicos rouxinolantes a grita aflita das araras começou. Bofé! Ratos paridos de Itatiaias lusitanos em ironias chorosas de Manuel bernarda! Mas o neofito estava batisado "Estadualmente"; e para contrastar tanta importação de agua-benta-ardente "Padre Vieira" (colheita de 1697, edição rollandiana) comemos juntos nesta quarta-feira. Mas será preciso que eu petarde ainda mais o nosso aplauso a Paulo Prado? Sêbo! Para que mais falar! Demos-lhe a mão, isso basta! Partamos juntos na "Fiat" O resto é liteira-atura!

Paulo Prado respondeu. Contou como lhe foi difficil conquistar a mocidade que hoje tem. E deu a receita dessa conquista: — Consiste ela, disse, na sabia e moderada dosagem dos componentes seguintes: cultura fisica, banho frio, futurismo, Carnaval do Rio, alegria, e convivencia com o entusiasmo de Graça Aranha. E a este ergueu o brinde de honra. Merecidissimo. A' saída, Belazarte pensativo deu-me o braço. — A frase que Paulo Prado glosou de Supervielle me comoveu. Nós nascemos velhissimos. Decrepitos. Velhissimos de milhares de annos. Hereditariedades, exemplos, passado, tradições. Quando penso em todos os esforços que gastei para ser moço me comovo. Mais me entristece ainda a infinita maioria dos que na vida apenas souberam caminhar da decrepitude para a caduquice. Ah...

MARIO DE ANDRADE

NOTAS & COMMENTARIOS

Eleições

Houve eleições no mez passado, em todo o paiz, salvo no Rio Grande do Sul, para formação da Camara e renovação do terço do Senado. Em toda parte, venceu quem devia vencer — o governo, excepto neste indisciplinado Districto Federal, cosmopolita e dissolvente, que teimou em não respeitar quem póde e manda, e elegeu exactamente os adversarios da chapa official, por maiorias irrecusaveis e incontestaveis. O órgão officioso do Governo, numa "varia" muito zangada achou que isso era indecente, mas não ficava assim, mesmo porque ha mais apparencia de victoria do que victoria mesmo. Nós não somos iniciados nessas questões politicas, dahi acreditarmos que um candidato eleito é o que obtem maior numero de votos. Mas parece que é engano, porque, segundo esse venerando órgão já citado, "em realidade essa opposição não venceu nada", isto é, essa opposição que foi mais suffragada nas urnas, "não venceu cousa nenhuma". Quer dizer que, toda vez que a opposição conseguir maioria, é uma "moxinifada eleitoral" que não póde e não deve ser reconhecida. Resta, felizmente, a esperança de que o poder verificador, diante dessa audacia do Districto Federal, corrija com mão de ferro "essa indigna cavillação contra os interesses superiores do paiz" e reconheça o que julgar mais de accôrdo com esses ditos e elevados interesses. Logo, a ethica politica brasileira consiste em suffragar as chapas officiaes, porque o Governo é quem sabe discernir as necessidades de "ordem e de moralidade" do paiz. Dahi a "excepção vergonhosa do Districto dentro do espectaculo de ordem e de moralidade do paiz inteiro, para definir a situação de deprimente anomalia da Capital da Republica em materia politica e eleitoral, em relação aos Estados". Está perfeitamente claro. Aconselha tambem o referido órgão, que se tire aos cidadãos daqui, a guiza do que fez o Constituinte americano em relação a Washington, o direito de voto. Ahi nós discordamos. Evidentemente é pouco, pouco demais. O que se deve fazer é tirar esse direito a todos os habitantes do Brasil e assim os politicos poderão mais pessoalmente velar pelos supremos interesses do paiz. É uma garantia mais ampla e segura e evita surpresas dissolventes... A Republica é o Governo do povo pelo povo, mas povo é figura de rethorica!

Partidos politicos

Diante das eleições e sobretudo depois do reconhecimento de poderes, não será possível deixar de sorrir da idéa de fundar um partido, de que o Presidente da Republica seja o chefe. Essa idéa é o que chama o povo *chover no molhado*. Partido do presidente... mas não é isso que temos ha 30 annos? mais ainda, culto do presidente, religião do presidente, fascinação pelo presidente. Ainda agora, se afirma que divergir do Governo é attentar contra os interesses do paiz. Para que votal-o? Raros são os nossos politicos em opposição e logo excomungados, o que os faz em geral andar ás bôas com o poder. Portanto, esse partido já existe, firme e forte, coheso e harmonioso. O Congresso é docil e ncle o Governo em absoluto soffre qualquer derrota, ou mesmo contrariedade.

O eleitorado, salvo excepções, obedece e tudo se passa inteiramente ao

contento do Governo. Logo, partido do Presidente, temos nós e excellentes.

Mas, partido politico, essa entidade que serve de motivo ao lyrismo politico brasileiro, em todos os discursos de sensação e fundamental hypocrisia, não se inventa. Nasce nos meios propicios, vive ao calor da educação civica dos povos e os guia e orienta nas contingencias de sua marcha evolutiva. Não se funda de um momento para outro. Veja-se o exemplo dos trabalhistas inglezes que se organizaram aos poucos, foram gradativamente progredindo até conseguir o poder, pelo prestigio auído no povo, derrotando o Governo. Vêja-se ainda o exemplo dos liberaes rehavendo o poder, por um accôrdo com os conservadores, porque — disse Asquith, se o povo elegeu os trabalhistas é porque o quer governando. Isso é questão de cultura e não se improvisa. Ora, partido do presidente... Até parece brincadeira.

O problema da immigração

A chegada a esta Capital do novo Embaixador da Italia, o general Badoglio, veio pôr novamente em foco o problema da immigração, permitindo acreditar que vão desaparecer, dentro em breve, as difficuldades que ainda se nos antolham para a regular collocação dos italianos em S. Paulo. Segundo as suas proprias declarações, o novo representante de Sua Magestade o Rei Victor Manoel, tem como ponto principal de sua actuação diplomatica em nosso paiz a destruição de todos os mal-entendidos e de todos os obices a que se deve o retardamento do soluçionamento dessa questão, não comprehendendo o seu alto espirito que a situação irregular sobrevinda em tal caso ainda possa persistir por muito tempo, em face das disposições favorabilissimas em que se encontram os Governos italiano e brasileiro.

Esse é o pensamento do novo Embaixador da Italia sobre o problema da immigração entre o nosso e o seu paiz. E não ha duvida que esse pensamento tem para nós a maior importancia, porque incontestavelmente entre todos os problemas magnos, no Brasil, tem lugar precipuo o que concerne á attração e localização das correntes immigratorias. É habito entre nós pensar-se que resolvida a questão dos transportes, teremos encontrado a chave de todos os problemas de que depende a nossa grandeza. Ha nisso um engano patente, como com tanta oportunidade, acaba de demonstrar o illustre Sr. Dr. João Teixeira Soares. O aparelhamento indispensavel á evolução progressiva das nações, e, portanto, o crescimento da sua kilometragem ferroviaria — ensina-nos esse competente engenheiro e economista — depende immediatamente do maior ou menor gráo de densidade da sua população. Os meios de transporte, como os institutos de credito, de instrucção, etc., têm o seu desenvolvimento e o seu aperfeiçoamento ligados ao crescimento da densidade da população. Fóra da immigração regular e intensiva, não ha meio de supprir a falta de densidade nos paizes novos, cujo progresso, por isso mesmo, está intimamente condicionado ao concurso do elemento humano provindo de outras terras. Essa verdade, que é intuitiva, foi admiravelmente resumida na sentença de illustre sociologo argentino, tornada aphorismo popular: — Governar é povoar. Povoar um paiz novo e de vastissima extensão territorial como o nosso,

não é problema de facil solução. Estabelecida a corrente immigratoria, pelos attractivos naturaes que o clima e as riquezas exploraveis offerecem, e mantida, sobretudo, pelo exemplo da prosperidade dos primeiros vindos, a questão principal se cifra em não dispersar esses elementos, mas em agrupal-os em nucleos compactos, que tornem efficientes seus esforços e permitam, com a certeza de remuneração immediata, o emprego de capitaes em meios de transporte, asseguratorios do escoamento da riqueza produzida.

Esses conceitos dão a idéa da importancia do problema da immigração, e fazem vêr, sobretudo, a necessidade de procurarmos soluçional-o de accôrdo com as nossas condições economicas. O Dr. Teixeira Soares chama a nossa attenção para o exemplo dos Estados Unidos. Foram as regiões de clima mais favoravel e de riquezas mais facilmente exploraveis as que primeiro alli se povoaram, consoante as medidas acertadas e de intuitiva conveniencia, sempre postas em pratica pelos poderes publicos. As estradas de ferro chamadas de penetração economica só se construíram quando os terrenos áquem do seu ambito de acção povoadora já tinham o *quantum satis* de trabalhadores e quando o povoamento das regiões economicamente a explorar pelas ferro-vias estava de antemão assegurado por novas correntes de immigrantes. A Republica Argentina, graças ao facto de possuir apenas um porto de grande importancia e mercê, ainda de sua configuração physica, não teve necessidade de espalhar os seus immigrantes, que se foram localizando como que por camadas successivas. E cada região de população mais ou menos densa ia sendo ligada ao desembocadouro commercial, por estradas de ferro e de rodagem. No Brasil, infelizmente, não se tem dado a este problema a importancia que merece. A multiplicidade de portos foi, desde os tempos coloniaes, dispersando os recém-chegados. Os innumerados centros de producção que se iam criando só muito lentamente se desenvolviam, e foi preciso, para auxiliar o seu progresso, ou, melhor, para evitar a sua decadencia, recorrer aos recursos do braço africano. O resultado foi toda essa agricultura rudimentar e extremamente imperfeita que ainda hoje em dia se vê em quasi todos os Estados. Mais ainda: á medida que as terras assim occupadas se iam cansando, que a sua fertilidade ia desaparecendo, eram abandonadas, por preferirem os seus proprietarios as despesas da acquisição de novos lotes e da mudança ao trabalho de conservar, por meios artificiaes, a productividade desses trechos de sólo. Ainda ahi, encontramos, lamentavelmente, um factor de dispersão do trabalho nas lavouras brasileiras". O Dr. Teixeira Soares observa que em grande parte, as vias ferreas que se foram construindo facilitaram esse afastamento. Deu-se, pois, entre nós o inverso do que se déra nos Estados Unidos: lá as estradas de ferro foram elemento de conexão, de ligação, de aproximação; aqui, não raro, factor de dispersão, de desarticulação, de afastamento.

A última Synopse do Recenseamento

A ultima synopse sobre o recenseamento de 1920 apresenta algarismos curiosos sobre a população do Brasil. Tem o paiz, segundo a operação feita,

30.635.605 habitantes, sendo homens 15.443.818; mulheres, 15.191.787.

Dos 15.443.818 homens, são brasileiros 14.506.679; têm nacionalidade conhecida 922.958 estrangeiros e 14.181 de nacionalidade ignorada.

Dos 15.191.787 de mulheres, são nacionais 14.538.548; 632.767 estrangeiras com nacionalidade determinada e 10.236 de nacionalidade ignorada.

Vejamos o estado civil da população.

	Homens	Mulheres
Solteiros	11.023.060	10.294.327
Casados	3.988.743	3.885.084
Viuvos	386.959	986.251
Estado civil ignorado	35.056	26.125

Quanto á distribuição da população pelos Estados e Districto Federal temos:

	Homens	Mulheres
Acre	58.330	34.049
Alagoas	479.303	499.445
Amazonas	196.202	166.964
Bahia	1.646.104	1.688.361
Ceará	637.518	681.710
Dist. Federal	598.307	559.566
Esp. Santo	234.933	222.395
Goyaz	259.538	252.381
Maranhão	428.739	445.578
Matto Grosso	133.146	113.466
Minas Geraes	2.981.806	2.906.368
Pará	502.687	480.820
P. do Norte	468.580	492.526
Paraná	354.526	331.185
Pernambuco	1.055.313	1.099.522
Piauí	303.185	305.818
R. de Janeiro	791.310	768.061
R. G. do Norte	260.778	276.357
R. G. do Sul	1.103.986	1.078.727
S. Catharina	339.712	329.031
S. Paulo	2.381.740	2.210.448
Sergipe	228.055	249.009

Ha Estados em que os elementos não estão no mesmo pé de igualdade.

No Amazonas, Capital Federal, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Minas Geraes, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, S. Paulo e Acre, ha mais homens do que mulheres. Nesses Estados, ha 9.936.223 homens e 9.453.191 mulheres. O saldo de homens é de 483.032 individuos. Nos demais Estados, ha 5.738.596 mulheres e 5.507.595 homens; o saldo feminino é de 231.001 individuos. Cotejando-se os saldos, vemos que ha um deficit de 252.031 mulheres.

No Districto Federal ha 239.129 estrangeiros, sendo 155.130 homens e 83.999 mulheres. Portugal concorre com 117.604 homens e 54.734 mulheres; vem depois a Italia, 12.777 homens e 9.152 mulheres. Cotejando-se ainda a população da Capital Federal: 1.157.873 habitantes, temos: nacionais 917.481 e estrangeiros 239.129 habitantes.

Dos nacionais: 442.424 homens e 475.057 mulheres.

Quanto ao estado civil: homens: casados, 93.492; solteiros, 334.656; viuvos 10.788; estado civil ignorado: 3.488 homens; mulheres: casadas, 109.257; solteiras, 315.514; viúvas, 49.244 e estado civil ignorado, 1.042.

Ha no Brasil 986.251 viúvas e 386.959 viúvos. É interessante registrar que nesta capital como em alguns Estados, observa-se um curioso phenomeno social. O elemento masculino estrangeiro é sempre superior ao feminino, ás vezes no dobro, como ocorre de modo inverso com as colonias portugueza, italiana, espanhola, etc.; entretanto, no Districto Federal ha 1.249 francezes e 2.289 francezas, ao passo que ha 117.604 portuguezes e 54.734 portuguezas, 4.018 turcos e 2.103 turcas; 86 paraguayos e 207 paraguayas.

Zina e Nella Aita — Partiram para a Italia, as senhoritas Zina e Nella Aita, aquella uma das nossas mais fortes organizações artisticas modernas de pintora

e desenhista, de quem temos dado varios trabalhos, inclusive capas, que se caracterizam pelo seu caracter pessoal e vigoroso, absolutamente inconfundivel; esta, escriptora dos melhores meritos e que será nossa correspondente na Italia, enviando-nos chronicas do movimento intellectual e artistico nesse paiz. Assim, apesar de afastadas de nós, as senhoritas Zina e Nella Aita continuarão a nos enviar os seus trabalhos, contribuindo assim para o brilho crescente desta revista.

As virtudes do café

O professor Samuel C. Prescott, do "Massachusetts Institute of Technology", por determinação do *Joint Coffee Trade Publicity Committee*, dos Estados Unidos, fez longas e porfiadas observações sobre as vantagens do café, rebatendo a affirmativa ligeira de ser o mesmo prejudicial á saúde e concluindo, ao revés, que é de um effeito estimulante admiravel e allivia a fadiga, devido á acção da cafeina, que actua sobre o systema nervoso central. Elle promove docemente a actividade cardiaca, augmenta a força para os trabalhos musculares e desenvolve o poder de concentração para os esforços mentaes, tornando-se assim um efficaç auxilio para os prolongados trabalhos intellectuaes. A acção da cafeina pôde ser assemelhada, para os fins de percepção, á lubrificação das machinas, embora a analogia não seja bem perfeita. A não ser em dose excessiva, a cafeina não tem effeitos nocivos, não prejudica as reservas physicas do organismo e pôde ser considerada em geral e sem objecção como suave estimulante. Seu effeito depressivo, differe nesse particular dos outros estimulantes. A actividade do organismo é augmentada por algum tempo, voltando em seguida, ao nivel normal anterior á acção do estimulante, não permittindo no emtanto, que o organismo decaia já-mais da sua actividade ordinaria. Todos sabem que, em outros tempos, todo aquelle que estivesse habituado aos estimulantes alcoolicos adquiriria um certo grão de depauperamento, mas só podia attender aos seus affazeres sob a actuação desse veneno. O alcool produzia o effeito depressivo, o que não se dá absolutamente com o café.

Ha dous pontos interessantes a frisar: primeiro, a utilidade estimulante do café; segundo, a sua acção reguladora do equilibrio do organismo, sem a depressão consequente, á guisa do alcool, cujo beneficio inicial se annulla ao segundo effeito. É essa uma nova demonstração, feita pela autoridade insuspeita de um professor de biologia, que demonstra ser o café um tonico de primeira ordem, regulando moderadamente as actividades organicas, num justo meio termo e sem o abatimento, ou a subtração emergetica dos demais estimulantes, por via de regra mais ou menos toxicos. Esses resultados muito nos devem interessar, não só porque somos habituaes e inveterados consumidores de café, mas tambem porque somos os seus principaes productores e maiores vendedores no mundo. De ha muito, uma insidiosa campanha sorrateira ou declarada, procura attribuir ao café supostos maleficios á saúde, incluindo-o entre os excitantes depressivos, cujo uso deve ser evitado. Foi attendo a essas opiniões em falso, mas correntes, que o *Coffee Trade Publicity Committee* norte-americano solicitou o exame citado, cujas conclusões acima referimos. E são ellas tão radicaes e completas, depois de longos mezes de paciente estudo e continuada observação, que bem merecem a maior divulgação, em todo o mundo, reformando as opiniões porventura em contrario e presas ao preconceito infundado do maleficio do café.

Aliás, já deveriamos ter promovido essa verificação, posto que vinda de autoridade estrangeira seja mais insuspeita

e respeitavel, uma vez que somos os maiores interessados no caso. Mas, agora, de posse desse resultado, sem eiva de suspeição, precisamos divulgar-o, numa campanha systematica procurando novos mercados para o café e tornando-o grande substitutivo do alcool. A esse respeito, muito teriamos a fazer, se fôssemos mais avisados em materia de propaganda commercial. Temos insistido nas fallhas e deficiencias desse nosso serviço, na necessidade dia a dia mais imperiosa de actual-o no estrangeiro, entrando corajosa e victoriosamente na concorrência dos mercados. Como, para o café, temos a supremacia, não procuramos desenvolv-la nem mesmo como precaução futura, como se já nos desinteressasse o maior lucro presente, de sorte que não alargamos devidamente o ambito das nossas possibilidades. É sabida a campanha contra o café, como deprimente e prejudicial, conhece-se agora um notavel e erudito parecer de professor illustre rebatendo e destruindo esse falso conceito; entretanto, estamos quasi certos, nada se fará por divulgá-lo, sujeitá-lo á discussão em outros paizes, provocando a opinião de outras autoridades no assumpto, de sorte a ficar de vez liquidado o caso e julgada em definitivo a questão. Somos, nesse ponto, de um estranho quietismo e de uma immensa confiança, desistindo da luta, pela certeza da victoria.

Mas, na situação presente da economia mundial, quando a disputa dos mercados se trava numa peleja sem precedentes e resultante do desequilibrio da guerra, não podemos permanecer naquella postura socegada e calma, displacente talvez. Temos de encarar resolutamente os problemas actuaes, para tratá-los com coragem e audacia, abandonando os falsos preconceitos e as erroneas theorias antiquadas. Precisamos mais do que nunca olhar de frente a realidade, sem devaneios nem incertezas, mas cheios de confiança e lucidez. Porque somos senhores do mercado de um producto, não podemos descurar de sua propaganda, deixar de incentiva-la vigorosamente, augmentando os centros compradores, em qualidade e quantidade. O parecer a que nos referimos, vindo agora dos Estados Unidos, deve ser conhecido por toda a parte, divulgado em todos os centros, numa propaganda intelligente e certa, que seja capaz de produzir os mais fecundos resultados e nos assegurar o maximo desenvolvimento da grande cultura cafeeira. A defesa do café não deve ser feita simplesmente por operações financeiras occasionaes, mas por uma campanha systematica de propaganda, que augmente os centros consumidores e assegure a sua aceitação sempre e cada vez maior

Os casamentos no Rio

Foi publicada a seguinte estatística, pela qual se verifica que os casamentos nesta capital têm augmentado constantemente, embora com ligeiras oscillações:

Annos	Total	Coef. por mil hab.
1904	3.792	4.91
1905	3.831	4.82
1906	4.002	4.89
1907	4.343	5.27
1908	4.826	5.84
1909	3.891	4.61
1910	4.631	5.32
1911	5.431	5.89
1912	6.014	6.16
1913	5.923	6.02
1914	5.224	5.41
1915	4.658	4.55
1916	5.215	4.97
1917	5.738	5.32
1918	5.019	4.53
1919	6.247	5.49
1920	7.619	6.50
1921	7.342	6.17

N O T U L A S

Em Berlim, os peritos alemães em platina acreditam que os Estados Unidos possuem actualmente 5.000 kilogrammas desse metal. Faz-se observar que essa opinião está em flagrante contraste com a apreciação da Companhia Industrial de Platina, que calculou em 65.000 onças os "stocks" de platina nos Estados Unidos no começo de 1922.

Uma expedição de zoologistas anglo-americanos visitou as ilhas Calapagos, situadas a 800 milhas da costa do Equador. De volta trouxe exemplares extraordinários da fauna dessas ilhas desertas, entre os quaes uma tartaruga, da avançada idade de 350 annos, segundo os calculos, e pesando dois quintaes. Essa respeitavel "senhora" morreu em viagem, pois fez a greve da fome, recusando qualquer alimento na prisão. Citam-se ainda lindos papagaios de varios tamanhos e diversas cores.

Os admiradores de Zola collocarão uma placa commemorativa na casa n. 10 da rua 'Saint Joseph, em Paris, onde nasceu o celebre romancista. A certidão do nascimento de Zola está concebida nestes termos: "Préfecture du Département de la Seine — L'an 1840, le 4 avril, à deux heures un quart de relevée, par devant nous, Barthélemy, Benoist Decán, chevalier de la Légion d'honneur, maire du troisième arrondissement de Paris, faisant fonctions d'officier de l'état civil, a comparu le sieur François, Antoine, Joseph, Marie Zola, ingénieur civil, âgé de 44 ans, demeurant à Paris, rue Saint Joseph n. 10, lequel nous a présenté un enfant du sexe masculin, né avant-hier, à 11 heures du soir, en sa demeure, fils de lui comparant, et de François, Emélie, Orélie Aubert, son épouse, auquel enfant il a donné les prénoms Emile, Edouard, Charles, Antoine. E ont le père et les témoins signé avec nous après lecture, F. Zola, Norbert Lecerf, Aubert et Decan."

Foi feito um calculo interessante do tempo que se gasta para pestanejar normalmente. A palpebra para baixar leva 75 a 91 centesimos de segundo, permanece 15 a 17 centesimos de segundo fechada e em 17 centesimos de segundo novamente se eleva. Não se sabe se esse cavalheiro calculou o tempo em que o diabo esfrega o olho.

Morreu Charloun Rien, poeta provençal e grande amigo de Mistral. Era camponez e vivia na labuta da terra, a cujo contacto florescia a sua inspiração. Deixou as *Georgiques Provençales*, tendo morrido de um accidente, aos 77 annos.

Celebrou-se na Belgica com muito entusiasmo o vigesimo-quinto anniversario da morte de George Rodenbach, a 25 de Dezembro do anno passado. O culto do poeta de *Bruges-la-Morte* é hoje uma das mais definitivas expressões da literatura belga e a sua influencia sobre o movimento symbolista intenso e forte.

Por essa occasião o Sr. Pierre Maes publicou na *Revue de France* varias cartas do poeta ao seu amigo Emile Verhaeren, quando da sua primeira estadia em Paris, de 1878 a 1879.

O commercio do Canadá teve o augmento de 300 milhões, nos últimos 12 mezes, encerrados em 31 de Outubro findo. Durante esse exercicio, as exportações e importações se totalizaram em \$ 1.920.721.554, contra \$ 1.569.401.350, no exercicio anterior, o que dá o augmento exacto de \$ 351.320.204. As importações foram de \$ 912.459.274 e as exportações de \$ 1.008.262.280, sendo o saldo da balança, de \$ 95.803.006.

Dados estatísticos publicados recentemente em Washington, demonstraram que as exportações dos Estados Unidos para a America do Sul, durante os oito



Affonso XIII, Primo de Rivera e o Directorio Militar da Hespanha

mezes encerrados a 31 de Outubro, foram superiores em 33 % ás do mesmo periodo do anno passado, enquanto que as importações da America Latina foram augmentadas de 43 %. Esses dados, que foram tornados publicos pelo "Bureau" do Commercio Interno e Externo, especificam que as exportações para a Argentina foram de \$ 80.202.000, com um augmento de 33 %, e as importações, de \$ 97.162.000, com um augmento de 99 %. As exportações para o Brasil foram num total de \$ 29.298.000, com 1 % de augmento, contra uma importação total de \$ 83.179.000, com 21 % de augmento.

Cogita-se no parlamento inglez de alterar a idade para o casamento que, nesse paiz, é de 12 annos para as mulheres e 14 para os homens. A reforma será naturalmente para augmentar essas idades.

Uma estatística sobre o numero de automoveis, auto-caminhões e motocicletas so mundo, diz que ha 12.848.783 dos primeiros; 1.763.378 dos segundos e 893.627 dos ultimos, sendo que, nos Estados Unidos, 11.025.377 autos; 1.331.999 caminhões e 210.000 motocicletas. A Inglaterra possui maior numero de motocicletas, com 335.796. Depois dos Estados Unidos, os paizes que possuem mais autos são o Canadá, com 473.263; o Reino-Unido, com 353.271; a França, com 201.040; a Allemanha, com 82.505; a Australia, com 78.517 e a Argentina, com 77.637. O Brasil tem 25.634. Vê-se que nos Estados Unidos, ha um auto para cada 11 habitantes. E' preciso ajuntar que esses algarismos se referem a uma estatística organizada pela Camara de Commercio de automoveis dos Estados Unidos e, em geral, se refere a 1921.

Foi usada pela primeira vez, no Vaticano, uma machina de escrever. Essa machina foi offerecida pelo representante de uma fabrica allemã, de Nuremberg.

Telegramma de Paris, informou que o Ministro da Instrucção Publica mandou abrir o pedestal da estatua de Voltaire, recentemente encontrada, e que se acha na Bibliotheca Nacional. Procedendo-se á abertura do pedestal encontrou-se nelle uma urna contendo o coração do philosopho de Ferney, e cuja authenticidade se conseguiu estabelecer, lavrando-se uma acta, que foi assignada por todas as pessoas presentes. Voltaire teria coração?

No criterio do historiador futuro, quaes serão os nomes mais em evidencia em 1923? Foi essa pergunta que fez o director do *Independent* de Nova York, e respondeu, transportando-se pelo pensamento — como disse — ao anno de 1948. Eis a lista que nos fornece, onde ha alguns illustres desconhecidos, para nós brasileiros: Harding, Wilson, Henry Ford, Hughes, Mellon, Brandeis (?), Holmes (?), Bryan, Babc Ruth (?), Mary Pickford, Jack Dempsey, H. L. Mencken, Lloyd George, Principe de Galles, G. B. Shaw, H. G. Wells, lady Astor, Conan Doyle, Mussolini, Poincaré, Stinnes, Lenine, Trotsky, Smuts, Dr. Branting, Ghandi, Firpo, Mustapha Kemal, Amundsen.



Portugalíia

Estudos camoneanos

O quarto centenario do nascimento de Camões não passou despercebido no nosso paiz. Varias conferencias foram realizadas, e a mais notavel foi a que pronunciou Afranio Peixoto, no Gabinete Portuguez de Leitura. Para a celebração do terceiro centenario da morte do grande epico, em 1880, teve a referida instituição como orador Joaquim Nabuco, que nos deu depois um livro admiravel sobre os *Lusiadas*, e para a commemoração deste anno lembrou-se em boa hora de convidar o romancista de *Maria Bonita*, que é tambem um erudito, para falar sobre o cantor da raça lusa. O thema da conferencia foi *A camonologia ou os estudos camoneanos*. Afranio Peixoto defendeu a idéa da criação, em universidade portuguesa, de uma cadeira de estudos camoneanos, á semelhança do que se faz na Italia com Dante, que desde o seculo XIV tem em Florença cursos e conferencias, e do mesmo modo como se pretende fazer em Paris com Victor Hugo. Diz elle que, com a *Camonologia*, verdadeira encyclopedia, se ensinaria lingua, artes, letras, sciencias, moral, civismo, patriotismo, "através da vida do maior dos lusiadas e através da maior obra epica e lyrica do nosso patrimonio literario". A conferencia de Afranio Peixoto acaba de ser publicada em volume, editada pela Livraria Alves, como publicação da Sociedade de Estudos Camoneanos. Na mesma occasião, editorados pela Livraria Alves, appareceram: *Medicina dos Lusiadas*, por Afranio Peixoto; *A margem dos Lusiadas*, por P. A. Pinto, e *Diccionario dos Lusiadas*, por Afranio Peixoto e P. A. Pinto. O *Diccionario dos Lusiadas*, obra de 616 paginas, é trabalho de vasta erudição e muito recommendavel, e que dispensa referencia elogiosa. No prefacio que escreveu o primeiro dos autores, dá-se conta do paciente, difficil e penoso labor que representa a iniciativa, realizada com proficiencia e brilho. A tarefa não era para mofinos escriptores. Facilmente se comprehende as difficuldades que ella encerra. Basta ver que se teve de inventariar um vocabulario de 5.000 palavras, com o encargo de, mediante cuidadosa analyse literaria e grammatical, mostrar como escreveu o mais alto dos nossos poetas — qual a riqueza, propriedade e perfeição da lingua do maior livro da raça. Sabe-se que *Os Lusiadas* compõe-se de 10 cantos, com 1.102 estancias de oito versos, ou 8.816 decasyllabos, com dois versos integralmente repetidos e um de Petrarca, o que reduz aqueelle numero a 8.813. O poema camoneano foi escripto com 5.000 palavras, dispersas e repetidas nas 55.000 que o compõem, conforme o calculo medio que dá 50 palavras para cada estancia. A obra que Afranio Peixoto emprehendeu, com a intelligente collaboração de Pedro Pinto, será, sem duvida, devidamente apreciada nos dois paizes que têm a ventura de possuir um poeta como Camões, e só merece applausos.

As Eclogas de Bernardim

Marques Braga, professor do Lyceu Pedro Nunes, de Lisboa, acaba de realizar obra meritoria com a publicação das *Eclogas*, de Bernardim Ribeiro. Profundo conhecedor da literatura portugueza e dotado de penetrante espirito de analyse, deu-nos uma edição digna de todos os louvores, já pelo extremado cuidado com que ordenou o texto, que é o da edição de 1785, de Lisboa, confrontado com a de 1557, de Evora, estampada sob o titulo *Primeira e segunda parte do livro chamado Saudades de Bernardim Ribeiro, com todas*

suas obras, já pela grande copia de annotações e commentarios que inseriu para melhor conhecimento do fundador do lyrismo bucolico portuguez. Além de uma bibliographia bernardina, é trabalho de mestre a introdução que publica, acerca da psychologia portugueza na literatura, comquanto, aliás, quizeramos vel-o mais desenvolvido pelo talento do emerito erudito, e como requer o thema, que é vasto e profundo. A verdade é que não se trata de edição para letrados, mas, para leitores communs, o que não invalida a suggestão, que bem poderá ser aproveitada em trabalho á parte, por quem se revela com tãma capacidade para a tarefa. A literatura portugueza é o espelho em que fielmente se reflecte o character, a indole, o genio do povo lusitano. Nos sete seculos de actividade litteraria de Portugal, o que avulta, como bem mostrou o A., é a mais exaltada forma do subjectivismo lyrico, na poesia como na prosa. Desde os antigos cancioneiros, o *Amadis*, que é genuinamente luso, as chronicas de Fernão Lopes, a *Menina e Moça* de Bernardim o theatro de Gil Vicente e os *Lusiadas* até Garret, João de Deus, Quental, Eça, Fialho, Camillo, Nobre, Junqueira e Affonso Lopes Vieira, a alma lusitana não se alterou, nem na essencia, nem no rythmo, nem na forma, a despeito de certas influencias exteriores, cujos traços cedo se apagaram. Ora, traçar ou interpretar a sensibilidade dos poetas e dos prosadores portuguezes seria revelar a imagem desse eterno enamorado que é o lusitano, cheio de paixão e de suave melancolia. "O nosso natural, diz D. Francisco Manuel de Mello, he entre ás mais nações conhecido por amoroso." Bernardim ou Camões, Garret ou João de Deus, Affonso Lopes Vieira ou Pascoaes, o poeta é sempre a mesma alma apaixonada, força e genio da raça. Bernardim Ribeiro vem a ser chronologicamente o primeiro representante do lyrismo. A obra de Bernardim, como a de todos os grandes poetas e prosadores portuguezes, comprehendia ou resume toda a psychologia do povo lusitano. Com estas linhas outra cousa não pretendemos que chamar a attenção dos nossos letrados e estudiosos para o trabalho de Marques Braga, digno de todo apreço como obra de erudição e valioso como attestado de pujante intelligencia. Vem a proposito lembrar que Marques Braga é autor de um *Ensaio sobre a psychologia do povo portuguez*, que desconhecemos, mas que provocou applausos geraes e lhe valeu o titulo de "fundador dos estudos sobre a psychologia do povo portuguez". O conhecimento de autores deste quilate constitue immenso prazer nesta hora de tanta confusão mental e de tanta insinceridade.

A ilha Fernando Noronha

No numero anterior desta revista, tratamos da interessante communicação feita ao Instituto Varnhagen por Frazão de Vasconcellos, da "Associação de Archeologos Portuguezes", acerca da falsa denominação da ilha Fernando Noronha. O ponto principal da these foi mostrar que a familia *Loronha*, e não *Noronha*, é que pertencia o descobridor ou primeiro senhor da referida ilha, até hoje erradamente designada por todos quantos della se occuparam. O autor, incansavel e arguto investigador, havia, no emtanto, aventado algumas considerações em relação á data do descobrimento. Já depois de impresso o trabalho, verifica elle que o historiador brasileiro Varnhagen, nas notas que acompanham o texto do *Diario da Navegação da Armada que foi á Terra do Brasil em 1530 sob a capi-*

tania-mór de Martim Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pedro Lopes de Souza, impresso em Lisboa em 1839, occupou-se da ilha e do seu descobridor que resolveram o problema da data do descobrimento. Com effeito, Varnhagen escreveu: "É bem conhecida a ilha de Fernão de Noronha, achada, como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem dizerem, porém, ate agora em que anno. Tinhamos emprehendido um trabalho para mostrar ter sido esta ilha descoberta pela Armada de seis vélas que foi ao Brasil em 1503, fundados sobre considerações nauticas e geographicas, quando encontramos no Real Archivo da Torre do Tombo documentos que nos tiram toda a duvida. Consistem estes documentos em doações desta ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que El-Rei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da capitania da ilha que elle *novamente achara e descobrira*." Varnhagen, depois de reproduzir dois documentos e alludir a outros, conclue: "Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fernão de Noronha foi em 1503. Agora avançamos mais. Sendo, pelas combinações referidas na nota precedente (comparação que Varnhagen faz da relação de Americo Vespuccio sobre a posição da ilha, com outras relações e calculos nauticos) inquestionavelmente esta ilha descoberta em Agosto de 1503, pela Armada de seis vélas, das quaes, naufragando duas, se apartou o capitão-mór com duas da companhia de Americo, temos que o capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte deste achado, e que não pôde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao commandante é que sempre tocava a honra do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504, não mais que o sufficiente para fazer, naquelles tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta e por fim andar como pretendente a supplicar a doação e capitania pelos paços reaes." Ha a observar, porém, o seguinte: Varnhagen affirma que a ilha foi "inquestionavelmente" descoberta em Agosto de 1503, quando, segundo Frazão de Vasconcellos, existem memorias que dizem ter sido num dia de S. João e que por isso foi primeiramente chamada de S. João Baptista. Tambem Varnhagen, ao que parece, ignorava a graphia ou a verdadeira denominação da ilha, que dá sempre como sendo de Noronha, julgando, provavelmente, ser *Loronha* forma adulterada daquelle appellido. O illustre historiographo Antonio Baião, director do Archivo Nacional da Torre do Tombo, num dos capitulos da *Historia da Colonisação Portugueza do Brasil*, pretende referir-se a Fernão de Loronha, com grande cópia de documentos. E no livro que prepara sobre *Genealogias de Navegadores Portuguezes*, Frazão de Vasconcellos exhibirá novos elementos de informação, capazes de elucidarem definitivamente o caso.

Cultura estrangeira

Alfredo Pimenta é um exquisito temperamento de poeta e de esthéta. Não se contenta em ser autor de formosos versos, compôr paradoxos, assignar ensaios de critica ou de arte. Talento capaz de todas as formas literarias, é fino chronista, commentador perspicaz, subtil analysta. No *Diario de Noticias*, de Lisboa, mantém elle uma secção *Cultura estrangeira*, em que divulga, aprecia e trata de tudo quanto de interessante ou notavel se passa no mundo das idéas ou do pensamento. Num dos ultimos numeros do diario lisboeta, occupa-se, em notas eruditas ou

cheias de observações pessoais, de varios assumptos, entre os quaes a psychologia de Freud, a doutrina da soberania de Hawmon, do poeta Maurice Du Plessys, de Walter Pater, etc. Não esqueceu tambem de referir-se á nossa revista, e em duas notas commenta assumptos versados pela *America Brasileira*. Sob o titulo *A antroposociologia brasileira*, escreveu elle: "No ultimo numero da importante revista do Rio de Janeiro, *America Brasileira* (Setembro, 1923), o Sr. Oliveira Viana chama as atencões para um problema muito complexo da Sciencia — o problema antroposociologico. Começa por lembrar que e nos trabalhos de Gobineau e de Durand de Gros, o primeiro um dilettante de genio, segundo um philosopho de segunda ordem, que se origina a Antroposociologia, a qual e, mais tarde, systematizada por Ammon e Chamberlain, entre outros. Não acompanhamos o Sr. Oliveira Viana neste juizo critico, nao so porque os trabalhos de Gobineau ainda nao são Antroposociologia, mas tambem porque a obra de Chamberlain não é systematização alguma de doutrinas antroposociologicas. A Antroposociologia é obra de dois espiritos — Vacher de Lapouge e Ammon. Não ignoro que Vacher de Lapouge diz que o homem de genio da Antroposociologia foi Gobineau. Cumprimento galante do sabio, mas contrario aos factos, pois que o Conde de Gobineau não foi homem de sciencia. Foi Bichat quem creou a Biologia, e Comte quem creou a Sociologia; no emtanto, antes delles, houve trabalhos biologicos e sociologicos. A Antroposociologia, sciencia, data de Lapouge e de Ammon. Depois, tem sido a abundancia. O Sr. Oliveira Viana considera o Brasil um campo admiravel para investigações antroposociologicas — pela concurrencia de tres racas: a negra, a vermelha e a branca. Estamos de accôrdo, e bom seria que a Sciencia brasileira se dedicasse ao assumpto. Parece-nos, porém, que o Sr. Oliveira Viana põe o problema simples e facil de mais, quando affirma que, no Brasil, dada a ausencia de certos preconceitos e interdições, a orientação de cada uma das racas será a resultante exclusiva das suas respectivas hereditariedades. Para julgarmos o seu comportamento local, de accôrdo. Mas para inferirmos a sua capacidade integral, não." A proposito de um livro de Oswald Spengler, o philosopho allemão que foi objecto de um estudo do nosso director, publicou ainda os seguintes commentarios: "No mesmo dia em que, por acaso, adquiriamos a traducção espanhola da 1ª parte do 1º volume da fundamentadissima obra de Oswald Spengler — *A Decadencia do Occidente* (Madrid, Calpe, 1923), chegava-nos do Rio de Janeiro o numero de Novembro de 1923 da *America Brasileira*, onde se lê um longo e erudito ensaio do Sr. Elysio de Carvalho, consagrado, a pretexto das transtomagens do pan-germanismo, aos tres grandes pensadores allemães — Spengler, Keyserling e Mann. O ensaio do Sr. Elysio de Carvalho trata mais de Spengler, ou mais desenvolvidamente do pensamento de Spengler, do que dos outros dois. E dahi o aproximarmos o conhecimento que fizemos do livro do conhecimento que fizemos do ensaio. A traducção castelhana do livro de Spengler é precedida de uma introdução ligeira, mas elucidativa, do Prof. José Ortega y Gasset, da Universidade de Madrid. Elle nos diz que a obra de Spengler é, antes de mais nada, uma philosophia da Historia. E explica: Se Einstein quer uma physica que não seja mathematica abstracta, mas só propria e puramente physica; se Uxkull e Driesch querem que a biologia seja só biologia e não physica applicada aos organismos; se Hegel dá como origem dos acontecimentos humanos a dialectica abstracta dos conceitos, e Buckle, Taine e Ratzel fazem derivar a historia da geographia, e Chamberlain da antropologia, e Marx da economia — Oswald Spengler deseja dar uma interpretação historia da Historia, vindo na "Cultura" o verdadeiro objecto historico. Está bem. Mas realizou Spengler o seu proposito? Elle diz-se discipulo de Goethe e de Nietzsche. De Goethe, no methodo, de Nietzsche

che nos problemas. Mal tivemos tempo de folhear vagarosamente estas trezentas paginas da metaphysica sociologica e, quando Deus quer, de uma hiper-metaphysica nevoenta. Mas porque sentimos que alguma cousa de novo e profundo ha a colher do estudo das paginas de Spengler, tomamos o compromisso de voltar a ellas — numa das chronicas futuras. Por hoje, limitamo-nos a dar, em meia duzia de palavras, uma impressão do ensaio do Sr. Elysio de Carvalho na parte que se refere a Spengler. Spengler é anti-marxista, se bem que socialista. É um socialista autoritario, anti-liberal e anti-democratico. Para Spengler, ha tres povos, na Europa, de tendencias hegemonicas: os espanhões, os inglezes e os prussianos, e o seculo XIX é um campo de batalha em que se chocam dois espiritos — o espirito inglez, individualista, e o espirito prussiano, socialista. Porque para elle o latinismo se confunde com o catholicismo, condemna um e outro, abrangendo nessa condemnação a civilização mediterranea filha de Roma. Para elle, Luther, porque libertou o Imperio da influencia papal e tornou possivel o advento da Prussia, é uma grande figura. O Sr. Elysio de Carvalho encontra a cada passo pontos de contacto entre Spengler e o historiador celebre Treitschke. Tantos são esses pontos que escreve que quando se está a ler o "Prussianismo e o Socialismo", ultima obra de Spengler, se tem a impressão de se estar lendo a "Historia da Allemanha", a obra mais celebre de Treitschke." Alfredo Pimenta, de quem acabamos de ler uma entrevista na *Ilustração Portuguesa*, feita por João Amaral, é um espirito muito curioso e sobremaneira encantador, e delle nos occuparemos num dos nossos proximos numeros.

Comedia Eufrosina

Sobre a "Comedia Eufrosina" de Jorge Ferreira de Vasconcellos, publicaram ha tempos os "Anais das Bibliothecas e Arquivos", de Lisboa, as seguintes interessantes notas bibliographicas. Vêm a proposito da impressão que fez Aubrey F. G. Bell, conforme a edição de 1561, em 1918, publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, e dos opusculos "Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos, notas á margem do recente estudo do Sr. Aubrey F. G. Bell, sobre a edição de 1561, por J. M. Teixeira de Carvalho, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, e "Notas de um escrivão do povo", por J. Teixeira de Carvalho, com um prefacio de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922. Da "Eufrosina" escrevem os "Anais" ha noticia de uma edição de 1560, impressa em Coimbra, a qual é citada concisamente por Brunet e minuciosamente descripta por Salvá (*Cat. n. 1.254*), e que nenhum portuguez a logrou ver. Além dessa existe a de 1561, Evora, a de 1566, duvidosa tambem até hoje, mas de que se descobriu uma copia manuscrita na bibliotheca da Universidade de Coimbra, e de que havia apenas menção nas preliminares da traducção castelhana de Don Fernando Balesteros y Saavedra, reedição de 1735, a de 1616 e a de 1786. Em tempo, D. Carolina de Vasconcellos formulou duas hypotheses: a de uma edição-principe de 1554, ordenada e custeada pelo principe D. João de Portugal, a quem é ridigido o proemio, e a de uma mera elaboração "manuscripta", nessa data, para original da impressão; e, destas duas hypotheses, parecia-lhe a segunda mais verosimil. O Sr. Aubrey Bell, no prologo de sua

edição de 1919, duvida da existencia da de 1590. suppondo ser de 1561 o exemplar visto por Salvá. O Sr. Teixeira de Carvalho, e com elle os "Anais", nega valor aos argumentos em que o Sr. Bell pretende apoiar o seu parecer. A edição de 1560 diz, segundo Salvá, "de nova revista; e em partes accrescentada. Impressa em Coimbra"; e a de 1561, "agora novamente impressa" o que a caracteriza como "segunda", pelo menos. Além d'isso, a vinheta da edição de 1560, descripta por Salvá, tem tres figuras, e a edição de 1561 só duas; na de 1560, o prologo termina na pagina 12 e na de 1561, na pagina 16; naquella a comedia conclue na pagina 347 e nesta na pagina 484. Além de tudo isto, Heredia (n. 2.397), catalogando o exemplar de Salvá que lhe foi parar ás mãos, repete a mesma data de 1560 na transcripção do rosto. A edição incompleta que existe no Museu Britannico não é, como suppoz Menendez y Pelayo, a de 1560, mas a de 1561, como supõe o Sr. Bell. Salvá, que não conferira esta ultima, julgou tratar-se da de 1566, que se cita na traducção castelhana de 1735; mas hoje, perante o de 1561, facil é demonstrar que se enganou. Faltava descobrir prova, em Portugal, da existencia da edição de 1566, o que fez o Sr. Teixeira de Carvalho, encontrando na bibliotheca da Universidade de Coimbra, um manuscrito de Joaquim Ignacio de Freitas, antigo revisor da imprensa da Universidade, no qual se achava uma confrontação, por ella feita, da edição de 1566 com a de 1786. Teixeira de Carvalho, attentando sobretudo na primeira das hypotheses formuladas por D. Carolina de Vasconcellos, inclinase para que não fosse a de 1560 a primeira edição do "Eufrosina", sem dar, porém, razão convincente de seu parecer. O problema ficou ainda por ser elucidado.

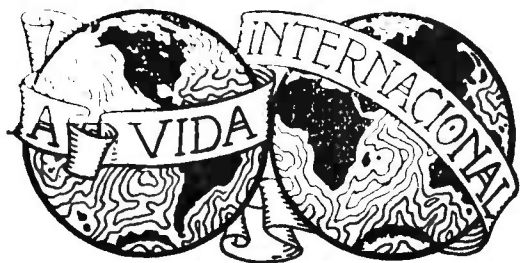
Livros novos

Acaba de apparecer, editorado pelos Sr. Aillaud & Bertrand, o XIX volume da *Anthologia Portuguesa*, que é dedicado a Antero de Figueiredo e contém uma introdução de Agostinho de Campos, seu organizador. Os mesmos editores publicaram ainda *Os Pescadores*, de Raul Brandão, o forte escriptor de *Humus*, livro este que, traduzido para o castelhana, alcançou brilhante exito. Annuncia-se para muito breve mais um livro de Aquilino Ribeiro, o *Romance da Raposa*, escripto para as crianças. Por fim, a Livraria Santos, do Porto, publicou sob o titulo *Camillo*, e prefacio de Alberto Pimentel, um livro de pensamentos e conceitos do celebre romancista ácerca do amor e das mulheres.

Livros recebidos

Recebemos os seguintes: Conde de Sabugosa: *Bobos na corte*, obra posthuma e prefaciada por Ayres d'Ornellas, Lisboa, Portugal, 1924; Rosa Sylvestre: *Diferença de raça*, romance, Lisboa, Portugal, 1923; André Brun e Carlos Selvagem: *Auspicioso enluce*, comedia em tres actos, Lisboa, Portugal, 1923; Ricardo Jorge: *A proposito de Pasteur*, discurso, Lisboa, Portugal, 1923; Fidelino de Figueiredo: *Historia da literatura classica*, segunda época (1580-1756), continuação, e terceira época (1756-1825), Lisboa, Portugal, s/d; e Antonio Botto: *Motivos de belleza*, verso e prosa, Lisboa, Portugal, 1923.

REPERTÓRIO



Como a Inglaterra reconheceu a Rússia dos Soviets

Podemos dar aos leitores o texto da nota do governo britannico, reconhecendo *de jure* o governo dos soviets, que foi subscripta pelo encarregado de negocios da Inglaterra em Moscow: "De accordo com as instruções do meu governo, tenho a honra de informar a V. Ex. que reconhece a União das republicas soviéticas como o governo *de jure* dos territorios do antigo Imperio Russo, que reconhecem a sua autoridade. Afim de criar tambem condições normaes de re-



I. KALININ, chefe do comité central executivo dos soviets, cargo que equivale ao de presidente da Republica. Não confundir com o cargo de chefe dos commissarios do povo, que exercia Lenine e foi substituido por Rykoff e que é uma especie de presidente do Conselho de Ministros.

lações completas, amigaveis e commerciaes, será necessario concluir accordos praticos em definitivo sobre diversas questões. Dessas, algumas não têm relações directas com a do reconhecimento; outras, ao contrario, lhe estão intimamente ligadas. Nessa ultima categoria, pôde ser collocada a dos tratados existentes. O governo inglez sabe que o reconhecimento do governo sovietico porá automaticamente em vigor, de accor-

do com os principios acceitos em direito internacional, todos os tratados celebrados entre os dois paizes anteriormente á revolução russa, salvo quando tiverem sido denunciados ou, juridicamente, deixado de existir. E' evidente que aos dois paizes será vantajoso regularizar simultaneamente com o reconhecimento a situação concernente a esses tratados. O problema da regularização das reivindicações existentes de um governo e seus nacionaes contra o outro governo e seus nacionaes, assim como o do restabelecimento do credito da Russia, não estão technicamente em relação com o reconhecimento, mas são da maior importancia. E' igualmente manifesto que as relações não se poderão considerar amigaveis e perfeitamente estabelecidas, enquanto qualquer uma das duas partes tiver razões para suspeitar que a outra se entrega a uma propaganda contra os seus interesses e as suas administrações. Nessas circunstancias, o governo inglez convida o governo russo a enviar a Londres o mais breve possivel representantes investidos de plenos poderes afim de discutir essas questões e assentar as bases preliminares de um tratado completo para regular todas as questões pendentes entre os dois paizes. Nesse interim, servirei na qualidade de encarregado de negocios, aguardando a nomeação de um embaixador. Estou incumbido de informar a V. Ex. que o governo inglez se sentiria feliz recebendo um encarregado de negocios russo, representando o governo da União das Republicas dos Soviets junto á côrte de St. James."

Exposição Missionaria no Vaticano

Um communicado epistolar de Henry Wood, da *United-Press*, informa que a exemplo das grandes nações, que de tempos a tempos organizam exposições internacionais com o fim de demonstrar o seu progresso e os seus feitos, o Vaticano acaba de resolver a realização, no anno proximo vindouro, da sua primeira exposição internacional missionaria.

O certamen será installado nos famosos pateos do Vaticano e terá por fim demonstrar a todo o mundo tudo quanto a Igreja Catholica realizou nos modernos tempos no sentido não só de levar a religião catholica aos mais longinquos recantos do universo como de levar com a palavra religiosa a civilização moderna e a instrução.

A exposição se prolongará por quasi todo o anno de 1925, que por ser o anno do Jubileu e tambem a primeira vez que se reune o Conselho Economico, desde 1870, dará occasião a que se reuna em Roma grande massa de catholicos de todas as partes do mundo.

O Vaticano expediu instruções aos seus quatrocentos missionarios espalhados pelo mundo, pedindo-lhes material para a exposição, os quaes constarão não só da demonstração do progresso realizado na obra de conversão de indigenas á religião catholica, como tambem do trabalho efectuado pelos missionarios em desenvolver os meios de existencia dessas popula-

ções e inicial-as nos mysterios da civilização moderna.

De facto, o objectivo principal da exposição será demonstrar as modificações verificadas na obra missionaria nestes ultimos annos. Longe de afirmar pelo seu caracter puramente espiritual, esse trabalho tornou-se tambem de feição accentuadamente material, e a acção dos missionarios catholicos é hoje uma collaboração intima da religião com a civilização moderna, onde quer que esta ainda se faça ausente.

A exposição se dividirá em duas secções — a scientifica e a ethnographica.

Na primeira, por exemplo, serão expostos todos os mappas das regiões em que operam os missionarios. Taes mappas serão apresentados em escala bastante grande e detalhada, de fórma a dar completa idéa do paiz, dos obstaculos e difficuldades naturaes a vencer, da localização de todas as tribus e das instituições alli criadas tanto para as necessidades espirituas como para as materiaes.

Tão interessados se mostram os missionarios em exhibir convenientemente os resultados da obra que vão realizando, que só uma missão italiana na Africa pediu o espaço de tres mil metros quadrados. Mas em virtude da área limitada dos pateos do Vaticano, esse espaço solicitado teve de ser grandemente reduzido.

O mesmo interesse já se manifestou por parte de outros missionarios, taes como os das Philippinas e das ilhas do Pacifico Meridional em geral da Patagonia, Asia, Africa e America do Sul, com toda a bacía do Mediterraneo, especialmente a Asia Menor, a India, China, Australia, etc., emfim de todos os reconditos do mundo, os representantes da igreja respondem com entusiasmo ao toque de reunir para a grande revista.

E' muito provavel mesmo que os pateos do Vaticano não comportem tudo quanto os missionarios têm para mostrar e que os jardins do palacio se vejam invadidos.

Muitas das missões fazem grande empenho em mandar a Roma aborigenes das tribus por elles civilizadas, que serão exemplo vivo da obra de civilização e de progresso da igreja catholica. Parte tambem muito curiosa da exposição será sem duvida a ethnographica, que constará de informações sobre a vida primitiva das tribus antes da chegada dos primeiros missionarios, e será uma interessante revista de instrumentos, idolos, armas, moveis, utensilios de cozinha, vestes, barcos, etc., etc.

O Vaticano faz particular empenho que na exposição figure tudo quanto se relacione com a vida religiosa primitiva das tribus indigenas, antes que lhes fosse levada a palavra christã; e além dos idolos, os missionarios foram solicitados a enviar reproduções dos moveis, vestimentas e adornos usados pelos sacerdotes e chefes religiosos dos aborigenes por elles catechizados.

Por outro lado os missionarios exhibirão tudo quanto têm produzido nas suas colonias agricolas, escolas profissionaes e outras instituições por elles fundadas nas regiões em que realizam a sua obra de benemerencia.

Os trabalhistas ingleses

Em nosso ultimo numero, a proposito da subida ao poder na Inglaterra dos trabalhistas, com o gabinete Macdonald, demos as origens desse partido e a sua crescente significação na politica britannica, até conseguir o poder. E' interessante referir agora aos leitores a synthese das suas doutrinas, consubstanciadas em programma: Macdonald, além de numerosos artigos, tem publicado muitos volumes onde expõe os principios em que se fundam as doutrinas que advoga. Entre esses volumes contam-se os da Bibliotheca socialista.

E' contra a guerra de classes e contra a revolução, isto é, contra Karl Marx. "O socialismo continental é um producto do materialismo dogmatico, que tem por ideia fundamental a guerra das classes; entre nós (refere-se aos ingleses) o caracter distinctivo do pensamento socialista é o humanismo; interessa a toda a sociedade"

Não é verdade (segundo Macdonald) que os interesses do proletariado e da burguezia se opponham tão radicalmente como se quer suppôr; não formam dois blocos independentes. Em cada um ha diferenças, opposições consideraveis, ao mesmo tempo que esses dois blocos se tocam e penetram noutros pontos. Mais importante é o conflicto entre consumidor e productor. A guerra de classes não conduz a nada; é puramente destructiva.

O socialismo britannico, diz Macdonald, é evolucionista e não revolucionario. Uma sociedade não se reconstrue de alto a baixo como um predio; é um organismo que progride segundo leis biologicas. Repudia o sindicalismo revolucionario, que teve certa voga entre 1910 e 1912. Não admite a acção directa nem a greve geral, que conduzem á anarchia e não ao socialismo.

Ordem e legalidade são as condições indispensaveis para garantir a *liberdade individual*, pelo menos nas condições de existencia moderna. Tampouco se concebe a existencia duma sociedade em que os varios grupos de trabalhadores, dado que possuam todos os instrumentos de produção de sua industria, se sobreponham simplesmente; os interesses dum grupo não podem ser considerados independentemente dos outros. E' necessario uma entidade superior que os harmonise: é o Estado. O Estado *parlamentar* é essencial ao socialismo. Os principios em que se baseia a Constituição britannica são perfeitamente conciliaveis com as doutrinas socialistas, mesmo no regimen monarchico (these defendida por Macdonald em duas brochuras, *Socialismo e Governo*).

Foi assim que em 1920 condemnou abertamente o programma do *Partido trabalhista independente*, que preconizava a acção directa, a violencia: condemnou-o porque nenhum regimen pôde dispensar a opinião publica. Foi assim também que sempre se oppoz á implantação do communismo em Inglaterra, que muitos proletarios britannicos (principalmente na Escocia) desejariam. A revolução bolchevista é inimiga do socialismo e por isso Macdonald tem usado de toda a sua intelligencia para contrariar a filiação dos socialistas ingleses na Internacional de Moscow. O que não quer dizer que não considera necessario

o reconhecimento do governo da Russia.

Se não admitta a guerra de classes, não admitta também um governo de classe ou uma legislação de classe. Se os capitalistas não são capazes de considerar o bem da collectividade, o trabalhador no poder mostrará a mesma parcialidade, occupando-se só de si. E' preciso equilibrar os interesses do productor e do consumidor.

Em materia de politica internacional, advoga o pacifismo integral. Os exercitos são os causadores das guerras. Em 1914 entendia que a Inglaterra devia conservar-se neutral, apesar da invasão da Belgica. Em 1917 (Abril), durante a guerra, desejava partir para Stockholmo, para assistir ao Congresso socialista onde participavam os allemães; não partiu, porque o governo não lhe deu passaportes, nem encontrava quem o transportasse. Em Julho do mesmo anno, invocando certa moção do Reichstag, convida o governo a formular as condições de paz, entendendo-se com os alliados.

Condemna a diplomacia secreta. Condemna a politica exterior britannica: a continuidade da politica exterior é um embuste, destinado a cobrir o espirito de casta, de favoritismo, de intriga, de mysterio, de duplicidade que floresce no Foreign Office. Quem assim se exprimiu é hoje ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha. Irá pôr os seus actos concordantes com as suas palavras?

As relações franco-britannicas irão melhorar? Macdonald condemnou sempre a occupação do Ruhr; quer a redução das reparações (mas queria também reduzir ou annullar as dividas interalliasdas); quer a revisão do tratado de Versailles; mais largas attribuições á Sociedade das Nações (segundo o espirito de Wilson); o desarmamento geral, etc. Desconfia do imperialismo e militarismo da França (a nosso ver injustificadamente). Como se vê, não ha aqui materia para uma approximação. Mas confiemos na sinceridade dos seus propositos e na força da sua fé!

O ouro no mundo

Um desses financistas theoreticos, estudioso e idealista, escrevendo ha pouco, num diario norte-americano, fez esta pergunta, realmente suggestiva:

— Que quantidade de ouro ha em circulação no mundo?

Desde o descobrimento da America, temos numa revista economica de Buenos Aires, — a quantidade de ouro que sahiu da exploração das minas para a circulação attinge, mais ou menos, a 19 mil milhões de pesos. Desta quantidade, as sciencias e as artes absorveram 10 mil milhões, restando, portanto, 9 mil milhões, para fins commerciaes e financeiros. Era este o *stock* total do ouro disponivel no mundo, em Julho e Agosto de 1923. Em 1913, isto é, antes da guerra, os Estados Unidos, segundo affirma o referido articulista americano, tinham 20 % de todo o ouro existente em circulação no mundo. Em 1923, essa percentagem subiu a 40 %. Isto é um indice de victoria, que se não computou na mesa de Versailles. Ainda de accôrdo com uma estatística levantada pelo financista "yankee", dos "stocks" de ouro existentes no mundo, em 1923, a Inglaterra tinha 9,5 %, a França 8,9 %, o Japão 7,7 %, a Allemanha 2,9 %, a Italia

2,7 % e a Austria 0,1 % Não desejamos adiantar opinião sobre a veracidade destes algarismos que, aliás, citamos apenas como curiosidade recreativa. Se, porém, dermos credito á asserção anterior, de que 10 mil milhões de pesos têm sido consumidos em joias ou artigos de joalheria, somos forçados a concluir que o ouro do mundo só tem servido para manter, através dos seculos, uma luta tenaz entre a vaidade e a avareza. E o peor é que parece ter a vaidade vencido a avareza. Tudo demonstra que o afan ornamental tem podido mais do que o afan commercial.

E' uma batalha interessante: o ouro do mundo está sendo eterno objecto de guerra entre a vaidade e o egoismo, talvez as duas maiores paixões humanas.

O ouro que nos decora e o ouro que nos enriquece têm, no fim de contas, nessas duas fórmas distinctas, o mesmo impulso essencial: — a dominação.

No estudo da sua missão social e commercial, não deixa pois, o ouro de dar motivo até a divagações philosophicas.

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Bergson e William James

Bergson procede de William James, William James procede de Bergson? E' difficil de dizer, quando se acabou de ler a primeira parte do *William James bergsoniano*, do Sr. Floris Delattre, na *Revista Anglo-Americana*. Bergson diz, com effeito, que, pelo menos, tirou tanto do seu grande amigo quanto lhe emprestou. James, por outro lado, embora 17 annos mais velho do que Bergson, declarou publicamente em Oxford, em 1908, que Bergson é um "verdadeiro magico" e que foi, graças a elle, que ousou "regeitar a logica e como ella todos os methodos intellectualistas". Numa carta de 1907 ao autor da *Evolução Criadora*, lhe annuncia o seu engajamento no exercito bergsoniano, "vós o capitão, eu na fileira". O Sr. Delattre annuncia a sua intenção de publicar em breve um volume, na Casa Payot, de extractos da correspondencia Bergson-William James. Promette também a publicação de um trabalho sobre *Bergson e a Inglaterra*, no qual serão examinadas, de um lado, as fontes inglesas do pensamento de Bergson, e, do outro, as condições do exito e da influencia bergsoniana na Inglaterra.

Anne Garborg

Morreu em Christiania, com 72 annos, o notavel dramaturgo norueguez Arne Garborg, uma das mais formosas intelligencias litterarias do seu paiz, nos ultimos tempos. Romancista, dramaturgo, poeta e jornalista, teve uma forte in-

BREVEMENTE HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA

DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL

fluencia sobre o publico norueguez. A sua primeira mocidade foi sombria, não só pela severa educação puritana que recebeu, como pelo suicidio de seu pae, camponez de muita intelligencia mas cheio de preconceitos religiosos. Arne Garborg, no romance psychologico *Fred (Paz)*, contou a vida tragica do seu pae e num outro, *Bondestudentar (Estudantes pobres)* descreveu a vida miseravel de proletarios intellectuaes, dos estudantes pobres de Christiania. Em 1890, o espirito inquieto e profundamente religioso de Garborg pendeu para o neo-romantismo e em dois volumes de meditações religiosas *Don Burtkomme faderen (O pae perdido)* e *Jesus Messias*, assim como no drama *Laeraren (O mestre)* pregou uma doutrina muito semelhante á de Tolstoi. No poema epico *Haugtussa*, hoje livro classico na Noruega, descreveu magistralmente as suas lembranças de infancia e a natureza do seu paiz natal. Arne Garborg, que ha quarenta annos, era o principe das letras norueguezas, que enriqueceu tambem com notaveis traducções, inclusive uma de Homero, muito estimada, gosa-va de um prestigio extraordinario na Noruega e, ha dois annos, ao completar 70 annos, foram celebradas grandes festas em sua honra, sendo-lhe tributadas as mais altas homenagens.

Os super-homens

A Universidade de Washington destacou 18 vultos da Humanidade, que julga os maiores factores do bem e do progresso humano, sendo tres inglezes, um escossez, um rumeno, um francez, um hebreu, um hollandez e um norte-americano, os quaes figurarão, em bustos modelados pelo esculptor Allen Clark, de Tanoma, na Bibliotheca da dita Universidade e, em pequenas estatuas, na fachada do mesmo edificio. São os seguintes os nomes escolhidos pela congregação:

Homero (que floresceu cerca de 1.000 A. C.), poeta grego, autor da "Illiada" e da "Odyssea".

Dante (1265-1321), poeta italiano, autor da "Divina Comedia".

Goethe (1749-1832), allemão, poeta e philosopho.

Shakespeare (1564-1616), dramaturgo inglez.

Leonardo da Vinci (1451-1519), artista italiano, autor do famoso quadro a "Ceia do Senhor".

Beethoven (1770-1827), musico e compositor allemão.

Moysés, chefe religioso hebreu.

Platão (429-347 A. C.), philosopho grego.

Herodoto (484 A. C.), historiador grego.

Justiniano (483-565), jurisprudente e politico romano.

Grotius (1583-1645), hollandez, notavel jurista internacional.

Adam Smith (1723-1790), sociologo escossez.

Darwin (1809-1882), biologista inglez, autor da "Origem das especies".

Gallileu (1564-1642), cientista e astronomo italiano.

Newton (1642-1727), mathematico inglez.

Pasteur (1822-1895), physico e giologista francez.

Guttenberg (1400-1468), allemão, inventor da imprensa.

Benjamin Franklin (1706-1790), cientista americano, jornalista-editor e estadista.

Edmond Picard

Foi o poeta do direito. Não se tome em qualquer sentido menor essa expressão, que aqui deixamos no seu mais elevado significado, para dizer toda a emotividade que causa a leitura do seu *Droit Pur*, em que a idéa do direito ga-

nhu o fulgor de um temperamento de poeta. Escreveu Picard muitas outras obras, foi advogado de pleitos notaveis, juriconsulto e literato, mas a sua grande obra é o *Droit Pur*, vertido para todas as linguas, e em cuja leitura se arrimam e vibram todos os jovens esrudantes de direito, diante da essencia pura dessa criação extraordinaria, cuja poetica tanto os desilludirá mais tarde, deformando-a ao embate dos interesses e circunstancias. O bem de Edmond Picard se tornou familiar em todos os centros de cultura, pois o seu grande livro não interessa apenas os juristas, mas a todos os que se dão aos estudos sociaes, através da indagação e psychologia. Entre as suas obras citam-se: "Essai sur la certitude dans le droit naturel" (Bruxellas, 1864; *Traité des brevets d'invention e de la contrefaçon industrielle*" (em collaboração com Olin Xavier, 1868); "Traité général de l'expropriation pour utilité publique", em duas partes: 1ª, "Code de l'expropriation" (1875); 2ª, "Traité de l'indemnité due á l'expropriété" (1876); "Bibliographie générale et raisonnée du droit belge" (1881-1885, 1887 e 1890), e muitas outras obras em collaboração com Larcier, Emile Picard, Hoffschmidt, ("Le code forestier belge dans ses rapports avec l'administration et le droit repressif"), Bonnevie, etc.

O juriconsulto belga escreveu ainda varios trabalhos de literatura juridica e foi advogado celebre, notabilisando-se na questão Camille Lemonier, nos tribunaes de Paris, que lhe valeu a mais alta reputação de caudico.

Os Judeus

O *Anuario Americano Judeu*, publicado pelo Dr. Linfield, director do bureau de estatistica para o estudo social do povo judeu, contem uma estatistica fixando em 15.500.000 o numero de judeus em todo o mundo. Dois terços estão na Europa, um quarto na America; 8 % na Asia, Africa e Australia. Na Europa, 8.750.000 judeus estão num territorio que o Dr. Linfield chama "Europa judia-Central" e que corresponde á Ukraina, á Russia branca, á Lithuania, á Polonia, á Letonia, á Tchecoslavia, á Austria, á Hungria e á Rumania. Ahi estão 8% da população judia na Europa, contra 12 %, em média, nos demais paizes. Objecta-se que talvez esse calculo esteja hoje um pouco alterado,

pois os judeus refluíram, ultimamente, da Europa Central e Oriental para a Occidental. Na America ha, segundo o *Anuario*, 3.850.000 israelitas, sendo..... 3.600.000 nos Estados-Unidos; 126.000 no Canadá e 100.000 na Argentina. Na Asia, os judeus vivem sobretudo na Palestina (84.000) mas isso é apenas 11 % da população. Nos paizes arabes da Asia Menor (Syria, Mesopotamia e Arabia) ha cerca de 140.000, ou seja 1 1/2 % da população desses paizes. Na Asia Central e Septentrional, ha 350.000 e apenas 27.000 na Asia Oriental. Na Africa habitam 450.000, sendo que 50.000 na Africa do Sul. Na Australia ha 24.000 israelitas. As principaes comunidades judias são as de Nova York, com..... 1.643.000 israelitas, ou 45 % de população local, o que a torna a maior cidade judia do mundo, *Nova-Israel*; Varsovia, com 319.000, ou 48 % de população e Vienna, com 300.000, ou pouco menos de 15 % de sua população.



Conceitos de André Derain

De uma entrevista publicada em *La Revue Française* e obtida pelo Sr. F. Gilles de la Tourette, com o pintor André Derain, um dos modernos artistas francezes mais em voga e cujo obra poderosa impoz o seu nome numa atmospha de admiração e de entusiasmo, tiramos estes conceitos:

De *Cézanne* disse que já o estima menos. E' muito theorico, como se vê bem na sua obra, não realisando a fusão entre os diversos elementos. Numa obra de arte — ajunta — não se deve sentir a preocupação do meio e o pintor não deve mostrar o processo ou a estrutura da obra. E em *Cézanne* se sente o esforço que lhe custou cada realisação. Pintar é um prazer e dos maiores. A obra de arte deve ser libertada, como que dis-

OS EXERCITOS DAS GRANDES POTENCIAS

Si a função das forças armadas é de assegurar a ordem interna e defender o paiz das aggressões estrangeiras, garantindo-lhe a soberania e a prosperidade, é interessante saber a riqueza que defende cada soldado das 5 maiores potencias. Segundo o calculo feito pelo capitão do exercito norte-americano Elbridge Colby, cada soldado yankee defende 2.560.000 dollars da riqueza nacional, o inglés \$245.000; o francès, \$ 133.000; o italiano, \$ 120.000 e o japonês \$ 90.000. Segundo os calculos do mesmo official, os maiores exercitos do mundo são, em effectivos, o russo, com 928.000 homens; o francès, com 750.000; o japonéz, com 227.000; o inglés, com 256.000; o italiano com 250.000; o norte-americano com 136.619 e o allemão, com 100.000. Dest'arte, por 1.000 habitantes, a percentagem de soldados é de 19.13 % na França; 7.05 % na Russia; 6.44 % na Italia; 5.43 % no Reino Unido; 4.80 % no Japão; 1.64 % na Alemanha e 1.24 nos Estados Unidos. Os gastos com os exercitos nesses paizes, sobre a renda total, é de mais de 33,74 % na Russia; de 18,66 % na França; de 16,19 % no Japão; de 14,90 % na Italia; de 9,52 % no Reino Unido; de 7,75 % nos Estados Unidos e de 3,02 % na Alemanha. Os gastos dos Estados Unidos, com a defesa militar são de \$ 509,096.799, ou 13,5 % sobre a despesa total do paiz, fixada para o anno fiscal a findar em 30 de Julho do corrente anno, em \$ 3.765.496.386. Só com o exercito, os Estados Unidos gastam \$ 318.439.555. A sua renda é de \$ 4.109.104.150. E' o seguinte o quadro da renda geral das sete maiores potencias, em moedas nacionaes, e os gastos com os seus exercitos, cujas percentagens demos acima:

Paiz	Renda	Despesa com o exercito
E. Unidos	4.109.104.150	318.439.555
Reino Unido	1.216.650.000	115.870.500
França	22.450.900.000	4.190.000.000
Allemanha	92.220.816.000	2.786.000.000
Russia	2.197.000.000	741.000.000
Italia	17.497.409.000	2.607.043.000
Japão	1.563.000.000	253.000.000

farçada por esse dever. Não creio que se faça uma obra-prima senão quando se trabalha com alegria. Sobre *Ingres* disse que nelle encontra grandes defeitos. O geito de seus corpos não tem unidade com a carne. Quando se distende o braço, que se vê? A carne e o seu contorno fictício no escorço não formam senão uma massa na luz. Uma das coisas mais difíceis em arte é fazer tudo á imagem da natureza; ou envolver o corpo de luz, tal como elle exactamente o é. Não raro não o tenho conseguido e, dizendo isso, mostrou ao seu interlocutor um retrato, em que não ha harmonia entre o corpo e a sua massa, ajuntando que tinha sempre sob os olhos esse quadro, por castigo. Perguntado sobre a hierarchia entre os mestres, disse que ha grandes pintores e pintores de genio, entre aquelles, por exemplo, Van Dyck e Werner; entre estes, Rembrandt e Watteau. Diante das obras dos grandes pintores muito se póde aprender, deante das dos genios não se aprende nada. A obra destes é o *rhythm*. Watteau é Shakespeare, concluiu Derain, nem de um nem do outro aproveitareis uma lição util. Ninguem penetra nos seus processos. Interrogado se tinha preferencias por um typo de belleza feminina, respondeu que em absoluto, tudo o que vive é bello e a belleza é a vida. A "Venus de Cnide" não é superior a uma excellente "femme de ménage" de Renoir ou a "Bethsabée" de Rembrandt.

Hans Paap

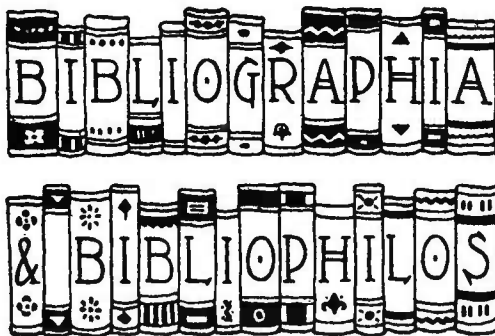
No *Salão* do anno passado expoz um pintor desconhecido, o que não é commum na monotonia egual da nossa amostra official: era Hans Paap, allemão. Revelou-se um pintor a que a nossa natureza eternamente fascinadora enchia de uma poesia nova, de uma nova sensação de vitalidade, vibrava numa radiancia inedita, por vezes barbara de cores. Montanhas, serras, mattas nosas surgiam sob as massas sempre verdes ou intensamente azues, a que faltavam esplendores de sol, luz vivida, longas perspectivas creando immensidades, diaphaneidades lucidas de céu, desenvolvimento planimetrico. Mas era incontestavel que havia em quadros taes um pintor de grandes recursos, um emocional. Tempos depois Hans Paap expunha no *hall* da Associação dos Empregados no Commercio. O mesmo artista do *Pedra bonita* que surgira no *Salão*, afóra nos quadros a carvão. Certa dureza em algumas de suas paisagens, ausencia de caracteristica da natureza brasilica, erronea interpretação do motivo inspirador, tudo quanto já vira no *cnvio* do *Salão* se reproduzia na amostra individual, com excepção de telas em que o artista se mostrava mais identificado com a natureza, mais senhor do seu sentimento, mais fiel na apprehensão da sua psychologia varia e subtil. Hans Paap mostrava-se assim um pintor evolucionista, identificando o seu *eu* com a natureza e nos dando uma arte forte e belleza, reflexo do proprio temperamento, sem descer a modernismos exaggerados, a subjectivismos que no final de contas mais fixam incapacidade creadora e emocional do que habilidade manual e emoção. Nas paisagens de Paquetá a palheta de Hans Paap deunos com fidelidade e formosura, trechos felizes de bucolismo e de esplendor, mostrando-se o enamorado da natureza e o pantheista cheio de entusiasmo, que não sabe ser extranho ás bellezas da terra circumdante. Nas paisagens a carvão, Hans Paap provou ser um desenhista cuidadoso e elegante, como já provara ser um technico habilidoso nos trabalhos a oleo. Fechada a exposição que os nossos amadores não tiveram, infelizmente para elles, occasião de ver, Hans Paap voltou ao seio amavel da na-

tureza que o enfeiticava com a sua grandeza e a sua poesia fremente, buscando novos motivos de emoção e força. Já fizera Hans Paap o oleo e o carvão. Já revelara a sua arte estranha e suggestiva. E a natureza que tão encantadoramente se mostrava, que tão docil fôra ao oleo e ao carvão, agora veria resurgir nos pastéis de Hans Paap. Porque é de quadros a pastel e á aguarella que o vigoroso artista allemão vem de inaugurar uma exposição na Galeria Jorge, á rua do Rosario, 131.

Não precisa dizer que Hans Paap reafirma a sua sensibilidade subtil diante da natureza, que interpreta com fulgor, dando aos seus trabalhos uma nota pessoal, delicada e emotiva. Seu pincel vai cada vez apprehendendo mais a nossa luz, sentindo-a no encanto da sua esthesia joven.

Os seus pastéis e aguarellas que expõe fixando poentes e auroras da nossa natureza, revelam bem o gráo de poesia em que se libra a alma desse pintor admiravel. Ha na exposição da Galeria Jorge trabalhos encantadores, feitos com mestria technica e luminosidade harmoniosa, como *Ilha Porchart* (Santos), de uma grande justeza de colorido, *Manhã cedo*, *Serra de Petropolis*, *Nuvens e céos* e *Bananeiras*.

Hans Paap maneja o pastel com grande habilidade e desembaraço, assim como a agua-tinta — generos em que a nossa terra, através da sua emoção, tem langores amaveis e exuberancias luminosas. Os desenhos que mostram aspectos mexicanos, como *Arvore mexicana*, *El Papocatepetl*, *Deserto mexicano*, dão a Hans Paap a recommendação de um forte temperamento artistico digno do melhor louvor.



Os jornaes revolucionarios de Marat

No catalogo da Bibliotheca do Conde de Nadailhac, tão rico de documentos da revolução, figura uma das tres collecções dos jornaes revolucionarios de Marat, estando uma das outras na Bibliotheca Nacional de Paris e a terceira na Bibliotheca do ex-Kaiser, em Berlim. Figuram: *Le Publiciste Parisien*, a mais importante das folhas revolucionarias, cujo primeiro numero trazia o sub-titulo: "Jornal politico, livre e imparcial, por uma Sociedade de Patriotas, e redigido por M. Marat, autor da *Offrande à la Patrie*"; esse jornal, succedido pelo *Ami du Peuple*, conta dos numeros um a cinco, para o *Publiciste Parisien* e de seis a 685, para o *Ami du Peuple*, impresso de 12 de Setembro de 1789 a 21 de Setembro de 1792; o *Journal de la République Française*, compreendendo 143 numeros, apparecido na Convenção e que substituiu o *Ami du Peuple*; o *Publiciste de la Révolution Française*, dos numeros 144 a 242, que deixou de apparecer no dia em que Marat foi assassinado pela celebre Carlota Corday. Essa collecção possui ainda numeros do *Oraleur du Peuple*, que Marat fez em casa de Freron, onde se refugiou, quando o comité das pesquisas resolveu accusal-o. Essa collecção teve

varios possuidores antes de chegar ás mãos do Conde de Nadailhac. Quem a possuiu em primeiro logar foi Simone Evrard, a amiga de Marat, sendo depois conservada por Albertine Marat, até 1835, quando a offereceu a Vuillaumé, historiador da Revolução que guardou com todo ciume, encadernando-a cuidadosamente. Em 1859 cedeu-a a Felix Solar. Este vendeu-a em leilão, por 1.500 francos, em 1860 ao principe Napoleão que, por sua vez, a revendeu vinte annos depois por dez mil francos, com o Voltaire de Saint-Maurice, á Livraria Fontaine. Foi dahi que veio ter ás mãos do bibliophilo Pochet-Deroche, e que foi na venda dos livros deste que o Conde de Nadailhac a adquiriu.

A maior bibliotheca do mundo

A Bibliotheca do Vaticano é hoje a maior bibliotheca depois que á mesma se reuniu a celebre bibliotheca Chingi. Essa livraria encontrava-se no Palazzo Chingi edificado por Alexandre VII e foi colleccionada por essa famosa e antiga familia romana. Entre os mais preciosos manuscriptos que ella possui, contam-se os sonetos do Tasso, vinte volumes do Tratado de Westphalia, um missal de 1459 e as chronicas de S. Bento e Sto. André. A collecção Chingi foi doada á Santa Fé pelo governo italiano. Consta que se vai organizar no Vaticano varias secções de literatura estrangeira, sendo a irlandeza, a chilena e a brasileira as primeiras que serão fundadas, estando muito empenhado pela organização da ultima o illustre embaixador Magalhães de Azeredo, que já teve ensejo de solicitar a todos os escriptores nacionaes o envio de suas obras á Bibliotheca do Vaticano, com a dedicatória manuscripta: "A S. S. Pio XI"

O index dos Soviets

Os soviets acabam de promulgar um decreto collocando no index todas as obras de philosophia, notadamente os livros relativos á religião e todas as Evangelhos, o Alkorão, o Talmud, as obras de Kant, Spencer, Descartes, Carlyle, Tolstoi, Kropotkine, Hégel, Nietzsche, etc. De Tolstoi são excluidos os romances. Essa resolução, que visa a reorganização das bibliothecas publicas, estende a sua prohibição ás biographias, criticas ou commentarios aos livros e philosophos postos no novo index. A circular relativa a esse decreto foi firmada pela senhora Kruskaya, mulher de Lenine, que estava então á frente dos serviços politicos dos soviets. Deus nos livre de commentar, com uma série de logares communs, a lista negra bolchevista, que noticiamos apenas, porque nos parece ridicula.

Um romance norueguez: O celebre escriptor norueguez, Knut Mamsun publicou um volumoso romance, intitulado *Siste Kapitel* (*O ultimo Capitulo*), em que conta a vida dos doentes num sanatorio das altas montanhas norueguezas, dando á descripção um fatalismo amargo e uma intensa piedade, caracteristicos do illustre romancista.

Critica theatral: O professor James Brander Matthews, um dos mais considerados criticos dramaticos norte-americanos, publicou *Playwrights on Playmaking and other studies of the stragl*, série de ensaios varios sobre theatro, anedotas, episodios interessantes, etc. Conta, por exemplo, no capitulo *Extranhas representações Shakesperianas* que, certa noite, numa mesma representação, o papel de Julietta foi representado por sete actrizes differentes.

A venda veloz: Segundo o "Chicago Tribune", as obras da romancista e naturalista americana, Gene Stratton-Porter, se vendem, há 17 annos, à razão de um exemplar por minuto.

Shelley e a Italia: Editado por Fratelli Treves, in-16, Giastosi de Courten, acaba de publicar um livro interessante e de grande emoção, segundo nos assegura o crítico das letras italianas em *I Libri del Giorno*, que diz não ser o livro apenas um limpido espelho de compreensão shelleyana na Italia, mas um excellent instrumento de reconstrução critica e tambem de descoberta e conquista. E ajunta—Percy Bysshe Shelley deriva directamente dos nossos grandes, há em todas as suas veias a inspiração italiana, fazendo o seu sangue o cauce que lhe deram os nossos poetas do seculo de ouro. Solicitou a essencia mais pura da nossa lyrica, é um cantor nosso, apesar das apparencias e das origens.

Woodrow Wilson and the World Settlement é o titulo de um livro que publicou o Sr Ray Stannard Baker, por suggestões de Wilson e com documentos fornecidos pelo proprio ex-presidente, o que torna o livro, sobretudo o seu terceiro volume, de um grande valor historico. O autor dirigiu o departamento de informações á imprensa norte-americana, na Conferencia da Paz.

Uma viagem aos infernos: Com este titulo, o Sr Curzio Suckert, do grupo dos jovens escriptores de Toscana, publicará em breve um livro, no qual contará todas as peripecias nas profundezas do Tartaro.

A Cathedral Symbolista: Trata-se de uma série de ensaios em que o Sr. Antoine Orliac estuda os escriptores que criaram esse grande movimento de lyrismo e de arte, especialmente os que, perpetuando a tradição, enriqueceram-na com a sua contribuição pessoal. O primeiro volume trata de Mallarmé, Van Lerberghe, Rodenback, Gustave Kahn, Regnier e Viélé-Griffin.

Byron

Uma nova biographia do poeta será publicada pelo Sr. Rodocanachi, illustre critico italiano, por occasião do centenario da morte do creador de *D. Juan*, que passará este anno.



Valachische Musiekksp

É este o mais celebre musico da Tchecoslovaquia, agora nos Estados-Unidos, sob a direcção do seu regente, Sr. Seny Karel. Esses musicos, cantores e bailarinos, oriundos da Moravia, vestem as roupas nacionaes: o bonet de lã cinzento ou schapska, jaqueta bordada de flores (valaccka) e enfeitada com uma grande joia (contoulé). A sua ida á America, a pedido da associação catholica dos tchecoslovacos, visa fazer a propaganda da musica popular, pois esse conjunto tem o mais vivo cuidado pela côr local, que consegue dar de modo admiravel. Os programmas constarão de autores tchecos. Essa musica só possui cores e deve ser ouvida nas praças, sendo o seu repertorio não menos truculento

Encontram-se nella rythmos húngaros e melodias populares da montanhosa patria do grande Massaryk. Entre nós, a julgar pelo exito extraordinario dos maravilhosos coros ucranianos, seria estrondoso o successo de um tal conjunto. Porque o illustre Sr. Ministro Haylasya não se interessa por essa visita do Musik-korps da Ukrania? Seria mais um favor que lhe ficariam a dever as relações entre os dois paizes.



Guilherme de Almeida: **NATALIKA** — Ed. da Candeia Azul. Rio — 1924. O poeta de *Messidor* nos dá em prosa um admiravel poema, ao mesmo tempo critica e interpretação esthetica. Neste livro o A. não só procura demonstrar que a arte é livre da natureza; mas ainda que e a sua negação. A argumentação é extremamente subtil e os paradoxos (que entende como "a verdade que ninguém ousou ainda afirmar") a conduzem, evitando os embaraços da prova que nos apresenta. Convenhamos em que essa não seria facil, sobretudo si dermos a natureza o seu sentido largo, e não o de paisagem. Se a arte é um phenomeno psychologico e se o homem e parte da natureza, como dissociar a natureza da arte? Fingar com o preconceito de imitação é indiscutivel necessidade e já se triumphou em absoluto, mas não importa tambem em tazer da natureza (mesmo no sentido restricto de realidades objectivas apparentes) função de nossa sensibilidade, o que parece uma aventura em psychologia, pois faz a compreensão preceder á percepção. *Nil in intellectu quin prius fuerit in sensu*. Mas, nesse livro, não é a these que interessa, e sim o desenvolvimento admiravel que lhe deu o poeta, através do seu estro. A arte é realmente livre e se realiza pelo espirito que se commove, independente da materia em que modela. Por isso *Natalika* é um livro delicioso, unido de uma grande emoção, essa emoção que fez do Sr. Guilherme de Almeida um verdadeiro poeta, cuja obra repercuté tão intensamente em nossas letras. *Natalika* veio lhe dar mais fulgor, revelando, ao mesmo tempo, a preocupação do Autor em penetrar no espirito criador da arte, que rez quasi de especie eterna, para ser a negação da natureza.

Carlos Magalhães de Azeredo: **D. PEDRO II** — Ed. do "Anuario do Brasil" — Rio — 1924. — Trata-se de um estudo sobre a physionomia moral de D. Pedro II, que o illustre Sr. Magalhães de Azeredo publicou na *Revue de l'Amérique latine* e na *Antologia* de Roma, analysando, em seus multiplos aspectos, a figura empolgante desse monarcha, que, com sabedoria e justiça, governou por mais de meio seculo o Brasil. Admirador entusiasta do Imperador e das suas virtudes privadas, que mais realçaram na hora amarga do exilio, o Sr. Magalhães de Azeredo delle traça um magnifico perfil, fixando com justeza as linhas essenciaes de tão nobre character. Escripito com a sobriedade e o bom gosto, tão caracteristicos da feição intellectual do eminente autor, é um livro que merece ser lido com carinho por todos os brasileiros, que reconhecem, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas, a grandeza de Pedro II.



O pintor Van Dongen

Vina Centi: **SEculo XX** — Alvaro Pinto, editor — 1923 — Livro amavel de chronicas, sobre o nosso meio, repondo varias de suas figuras representativas, feito com graça e malicia, cheio de observações, em que o bom senso procura com displicencia o seu logar, é escripto com verve e naturalidade, procurando reflectir multiplos aspectos de nossa vida social, em suas ninharias, inutilidades e degradações. *Seculo XX* nos dá um quadro movimentado e pittoresco, que se lê com agrado, esse agrado que ha sempre na maledicencia...

Amilcar Marchesini: **FOLHAS HISTORICAS** — Alvaro Pinto, editor — Rio, 1924 — Como o autor explica, este livro é uma série de chronicas, "simples narrativas, rapidos esboços de impressões de viagem, modestos estudos de psychologia social". Ha uma série de observações interessantes, anedoctas e commentarios oportunos feitos através de digressões historicas, a proposito das coisas europeas, suggeridas pelo contraste do destino dos povos e pela roda varia e incerta da fortuna de cada um delles. Sem pretensões literarias, diz o Autor, mas escripto com elegancia e discreção, este livro é de leitura agradável e atrahente.

I. Xavier Fernandes: **QUESTÕES DE LINGUA PATRIA** — Alvaro Pinto, Editor — Rio — 1924. — Deste livro falarão melhor os entendidos nesses mysterios de philologia, em cujo numero felizmente não nos encontramos... O assumpto é, para os iniciados, tão atrahente, que nelle se viciam e estamos certos de que este trabalho lhes dá grandes prazeres. Que sejam felizes...

Oscar Wilde: **O RETRATO DE DORIEN GRAY** — Ed. Garnier, 1923 — A Livraria Garnier, publicando a collecção de Autores Celebres das Literaturas Exrangeiras, em portuguez, á guisa do que já fez em francez, presta os mais estimaveis serviços á obra de nossa cultura, que já lhe deve tantos favores. O admiravel livro de Wilde, *O retrato de Dorién Gray*, nos dá, agora, através da brilhante traducção de João do Rio, feita com muito sabor e procurando não tirar ao dialogo, sobretudo, aquella côr incomparavel, que foi o grande milagre da factura de Wilde. Nem sempre conseguiu o saudoso escriptor brasileiro essa fidelidade, não de traducção, que é honesta, mas de prestígio de expressão, de força e brilho das palavras. Isso, contudo, não chega a prejudicar o livro, que se lê com grande prazer, nessa versão de todo conscienciosa.

O CINEMA NO LAR



O cinema adoptado ao quadro da familia, funcionando com a corrente electrica tomada em qualquer lampada e projectando films de pequenas dimensões cujo sortimento é variadissimo.

O aparelho completo 425 mil réis
 Films, cada. 10 mil réis

Pathé-Baby

Remette-se gratuitamente o catalogo dos films, cujos titulos se fazem em portuguez ou francez.

DEMONSTRAÇÃO GRATUITA E PERMANENTE

9, Rua Uruguayana, sobrado, Rio de Janeiro
 473, Avenida 15 de Novembro, Petropolis

Dirigi vossos pedidos a Pathé Baby, serviço E. C., caixa postal 1928, Rio de Janeiro

BANCO HYPOTHECARIO

DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
 á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo

—Descontos—Operações bancarias em geral—Administração de propriedades—Cobrança de juros e dividendos—Inventarios—

Correspondentes em todo o territorio dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

A prazo de tres mezes.	4 1/2 % ao anno
A prazo de seis mezes.	5 1/2 % ao anno
A prazo de nove mezes.	6 % ao anno
A prazo de doze mezes.	6 1/2 % ao anno

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereiniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL: FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo
prazo, reembolsáveis a prazo fixo ou por
amortisações semestraes
com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construcções de predios
até 50 % do valor dos mesmos
e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas
e de movimento

Adiantamento sobre titulos, mercadorias
e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações
e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39 BOULEVARD HAUSSMANN 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI

CAIXA POSTAL, 307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO

VIDA QUOTIDIANA

Silverio entrou em casa casmurro, o jornal da tarde debaixo do braço, fazendo, intermitentemente, com a língua, um estalinho de enfado. Leu sete vezes seguidas o annuncio de uma companhia imobiliária, que offerecia terrenos a preços modicos. Não entendendo palavra, atirou-se aos telegrammas da guerra e nelles se consolou durante cinco minutos. Viu-se, em imaginação, soldado francez, numa trincheira humida, suffocado pelos gazes asphixiantes. Repetiu alto o nome de Galieni, GA-LI-E-NI. "Quatro syllabas, tal qual o meu nome", pensou, nas profundidades do seu sêr, como si essa verificação tivesse alguma utilidade para a sua vida. Depois, cansado, possuido de raiva, amarrotou o jornal, atirando-o a um sofá.

— Silverio, disse-lhe a mulher, vindo do fundo da casa, o jantar hoje é mais cedo. Quero vêr si alcanço o sermão do padre Caldas, agora, na reza das seis...

Silverio olhou profundamente a mulher, estendeu a mão para o jornal amarrotado, remexeu-se um instante na cadeira e respondeu, fazendo aquelle estalinho de enfado. A mulher, entretanto, sorriu. Sorriu á maneira de quem sabe alguma cousa da felicidade. De facto uma palavra della bastaria para tornar o marido alegre, falador, brincalhão. Mas preferiu calar-se.

Silverio sente-se triste porque vê a ruina perto de si. Os bens que possui, um sobradinho no Braz e a casa onde mora, estão hypothecados a um agiota vizinho, por nome Rodrigues. Amanhã vence-se a hypotheca. Ha uma semana que Silverio anda de um lado para outro, indo aos bancos da praça, sem resultado, falando a uns e a outros, propondo, pedindo, investigando... E' que Rodrigues, finório, recusára-se a reformar a hypotheca, prorogando o prazo. Isto elle dissera á ultima hora, propositalmente, tendo antes dito o contrario, de caso pensado, afim de pegar de surpresa o devedor. Comtudo, pensava Silverio, esse Rodrigues era meu amigo. Muitas vezes jantou aqui em minha casa. Alice preparava-lhe, nos dias em que elle apparecia, um prato especial; punha sobre a meza a louça que ganhára no dia do casamento; jantava-se até mais tarde, o que tornava Verito impertinente. E Rodrigues sabia agradecer o menino. Suspendia-o ao collo, fazia "cavallinho", balançando uma das pernas magras e longas. E algumas vezes, quando os agrados habituaes eram de pouca efficacia para a alegria da criança, o agiota tirava do bolso, cuidadosamente, como si praticasse um acto de grande religiosidade, uma moeda de prata, que depunha na palma da mão de Verito. O menino ficava semi-atordado, a olhar a moeda. Verdade é que, depois, Rodrigues tornava-se preocupado, parecendo abstrahido nalgum pensamento remoto, não prestando mais attenção á conversa, que morria lentamente, á semelhança de um brinquedo mecanico, a que faltasse corda... Rodrigues acompanhava todos os movimentos de Verito, seguia, de olhar attento, a moeda, quando esta cahia ao chão, interrompendo a palestra para indicar, cheio de solicitude, que ella rolára para debaixo do guarda-louça ou que escorregára, subrepticamente, atraz de uma porta... Essa preocupação do agiota, Silverio sempre a interpretára no sentido de excesso de carinho em relação ao seu filho. A' hora da sahida (isso era indefectivel) a mãe chamava Verito e exigia-lhe que restituísse a pratinha ao "senhor Rodrigues", porque "era muito feio criança brincar com dinheiro"... O vizinho gaguejava umas recusas mollerengas pois que dizia, dera a moeda "de verdade", para que o menino comprasse bolas ou brinquedos. Mas acabava accei-

tando a restituição, ao mesmo tempo que armava uma attitude de vencido pela insistencia. Então, repentinamente, ganhava interesse pela prosa ainda ficava, na porta da rua, a discorrer sobre varios assumptos, durante dez, quinze minutos e, ás vezes, mais tempo... Silverio tomava aquelles modos por excentricidades do vizinho. Agora, porém, comprehendia tudo. Agora, certos detalhes, que lhes trazia a memoria, assumiam significação differente, nova, como si os nótasse pela primeira vez...

Subia do fundo do seu inconsciente uma raiva aguda, ponta de fogo a rasgar a serenidade de sua consciencia. Sentia uma vontade extranha de aniquilar o agiota, estraçalhal-o, reduzil-o a migalhas. Pouco a pouco, o odio cedeu, desde que recordou a indifferença da mulher pel seu soffrimento. Ella sabia de tudo. Principalmente, o seu sorriso enigmático, naquella tarde, deixava-o de todo desanimado.

— Deixo o Verito comtigo?

Silverio voltou á realidade circundante. Olhou a mulher e o filhinho e, decorrido algum tempo: "Não... acho melhor que o leves... acho melhor..."

Quería ficar só.

Seu sogro, contra cuja vontade se casára, bem poderia tel-o tirado daquella situação acabrunhadora. Posto que de reações cortadas, tudo se arranjaría, por influencia da mulher, si esta quizesse. Foi mesmo tendo em mente esse fito remoto, que lhe revelára a recusa de Rodrigues de reformar a hypotheca. Mas minha mulher, concluía Silverio, foi sempre assim: nunca deu importancia a negocios...

Durante o jantar, silencio completo. Apenas Verito fez tres ou quatro perguntas, que cahiram sem resposta. Em seguida, Silverio os acompanhou até a porta. Na porta, fazendo grande esforço sobre si mesmo, interpellou a mulher: — "Você falou alguma cousa a seu pae? — Falou o que? — Sobre a hypotheca... as hypothecas do Rodrigues..."

A mulher sorriu de novo e, replicando que o pae viajára, virou-se de pressa, desaparecendo.

Silverio estava prostado. Achava agora tudo exquisito, inexplicavel. Sentia-se um homem desligado de todas as realidades, de todas as apparencias, de todos os phenomenos universaes. Só completamente só. Seu pensamento, afastado do ambiente exterior e interior e que até então existira, debatia-se, inquieto e desordenado. Pensava vertiginosamente, indefinidamente, sem o atrito dos sentimentos habituaes, que, de algum modo, refreiam a correria das idéas, fixando a nossa attenção e dando áquellas um seguimento logico, normal. E assim, com melhor propriedade, podia-se dizer que Silverio deixára de pensar, por alguns instantes...

Elle era incapaz de reagir. — fraqueza de character que vinha de longe. Abandonara os estudos na Academia, por causa de uma "bomba". Esteve quasi a não se casar, porque enquanto cortejava a sua actual mulher, soube de outro que tambem a requestava. Uma chuva, que desencadeava na hora de um passeio, fazia-o retroceder, deixando-o aborrecido para o resto do dia. Elle era um recipiente cheio, prestes a transbordar a todo instante...

Da sala de jantar veio o ruido dos talheres, que a criada recolhia da meza. Este rumor domestico fel-o voltar ao seu ambiente psychico quotidiano. Uma funda tristeza tomou-o todo. Foi até o escriptorio. Ahi tentou pensar calmamente, mas não conseguiu. Um diabinho, lá

dentro do cérebro, descolava todas as suas idéas. Depois abriu a gaveta, onde costumava guardar a sua correspondencia de valor. No fundo, o cano voltado em direcção á parede, estava o revolver Smith and Wesson, muito polido, muito brilhante. A' vista delle sentiu um estremecimento, — o estremecimento de quem que tivesse entrevisto, num relance, a solução de algum enigma sombrio e atormentador. Tirou o revolver, limpou-o com a manga do paletó, depondo-o sobre a secretaria. A seguir, quiz escrever. Apromptou o papel, pondo no alto: "Querida Alice" Mas não continuou: uma lufada de vento escancarára a janella. Levantou-se para fechal-a, lançando um olhar sobre a rua. Não viu ninguem, excepto o accendedor de lampeões, que começava o seu serviço. Passando em frente á janella, o homem olhou e, tocando o chapéo, disse "boa-noite". Silverio não respondeu. O lampeão encheu-se de luz. Silverio, então, poude lêr, nitidamente o numero da chapinha de metal collocada sobre o vidro do lampeão: 1954. Não era a primeira vez que lia esse numero. Em outras occasiões, quando se debruçava á janella, nas horas de lazer, notára o numero. E, ao mesmo tempo fazia a si proprio a pergunta si chegaria a vêr aquelle anno longinquo de 1954. E então, fria e penetrante, uma tristeza resignada descia até o fundo de sua alma. Entretanto, actualmente, aquella chapinha de metal oxydado apparecia-lhe morta, insignificante, desprezível.

Fechada a janella, quiz continuar a escrever, mas os sinos da matriz bimbalharam, sobresaltando-o. Acabára-se a reza e, dahi a pouco, a mulher e o filhinho estariam de volta. De novo, pezava-lhe, como qualquer cousa materialmente sensível, a indifferença da mulher pela sua ruina proxima. Doia-lhe aquelle sorriso que aflorou aos seus labios, quando chegara em casa, e, sobretudo, a ligeireza e leviandade com que respondeu á sua pergunta, na escada. Revoltado, sentiu uma necessidade clara de vingança contra a sua mulher, uma necessidade imperativa de mostrar a ella que o seu soffrimento era realmente uma cousa séria. Seu pensamento, cmpolgado por essa idéa, vacillava. De repente, num gesto nervoso, empunhou o revolver e, apontando-o contra o peito, detonou-o.

Nesse instante chegavam a mulher e Verito. Ambos ouviram, distintamente o rumor abafado do tiro. Silverio estava estendido no chão, a cabeça presa entre as garras enormes do enorme tigre decorativo, que tomava toda a extensão do tapete. Olhos abertos, arfante, uma fita de sangue a escorrer pelo collete cinzento... Verito começou a chorar, agarradinho ás saias da criada. A mulher permanecia immovel. De repente, sahindo do torpor momentaneo, gritou nervosissima: "Meu Deus do Céu, Silverio... Meu Deus do Céu... estava tudo arranjado... tudo arranjado..." Mas Silverio apenas virava os olhos esbugalhados, sem entender. Parecia que uma surda e poderosa mão tapava-lhe os ouvidos, fortemente. Sentia-se no fundo de um mar imenso e torvo, soffrendo a compressão descommunal de sua massa liquida. A' custo as duas mulheres carregaram o corpo sobre um sofá. A criada sahiu correndo, para chamar um medico. Enquanto isso, a mulher foi ao quarto e de lá trouxe o traslado da escriptura de hypotheca, que seu pae, dias antes, adquirira do agiota Rodrigues. Tremula, apresentou a escriptura ao marido. Silverio, comquanto arfasse, tinha fechado os olhos para sempre. E antes que o medico viesse, Silverio expirou.

A. C. Couto de BARROS

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Contas Populares
até Rs. 30:000\$000

Contas Limitadas
até Rs. 10:000\$000

Juros de 4 %

Recebe também
depósitos a prazo e com
aviso prévio
oferecendo as melhores
taxas do mercado.

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO